

REVISTA

DA SEMANA

N. 23 9-6-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

Afonso Arinos de Melo Franco:

**"CONCORDO COM O GENERAL
LOTT EM ALGUNS PONTOS"**

O DESFILE REVOLUCIONÁRIO DE GIVENCHY





nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequi-ti-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood
uma tradição de bom gosto



Ano 56

REDAT

ASSIST

PAGIN

COLAB

ter

Fe

Hy

Jos

W.

ILUSTR

Ril

FOTOC

na

cor

◆ RE

«Conce

Ar

Givenc

e

A Tour

dri

Jardins

Os seg

◆ SE

Seman

Puxe p

Figura

Flash

Palavre

Itinerár

Músico

TV na

Pelas

Por és

Artes

Literat

Astroló

Reviste

Grand

Conver

◆ HU

Fortun

◆ LIT

Balanç

O Pol

Restine

◆ VA

O eni

Autom

A Cor

Que s

◆ CA

Ledd

Ano 56 — N° 23 — Rio de Janeiro — 9-6-1956

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Jeff Thomas, José Maria Rodrigues, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

«Concordo com o general Lott» (diz Arinos)	4/7
Givenchy desfila seus modelos	18/21
e	58/61
A Tourada de Santo Isidro, em Madrid	24/25
Jardins de Burle-Marx	31/34
Os segredos do acordeon	42/43

◆ SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Figura em Foco	11
Flash Paulista	16/17
Palavras Cruzadas	22
Itinerário do Brasil	23
Música	26
TV na Revista	30
Pelas esquinas da noite	35
Por esse mundo de Deus	36/37
Artes	39
Literatura	40
Astrológica	41
Revista há 50 anos	45
Grand Monde	46/49
Conversa de Mulher	54/55

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

◆ LITERATURA

Balanço de maio (Eneida)	3
O Polvo (Gladkov)	14/15
Restinga	50/51

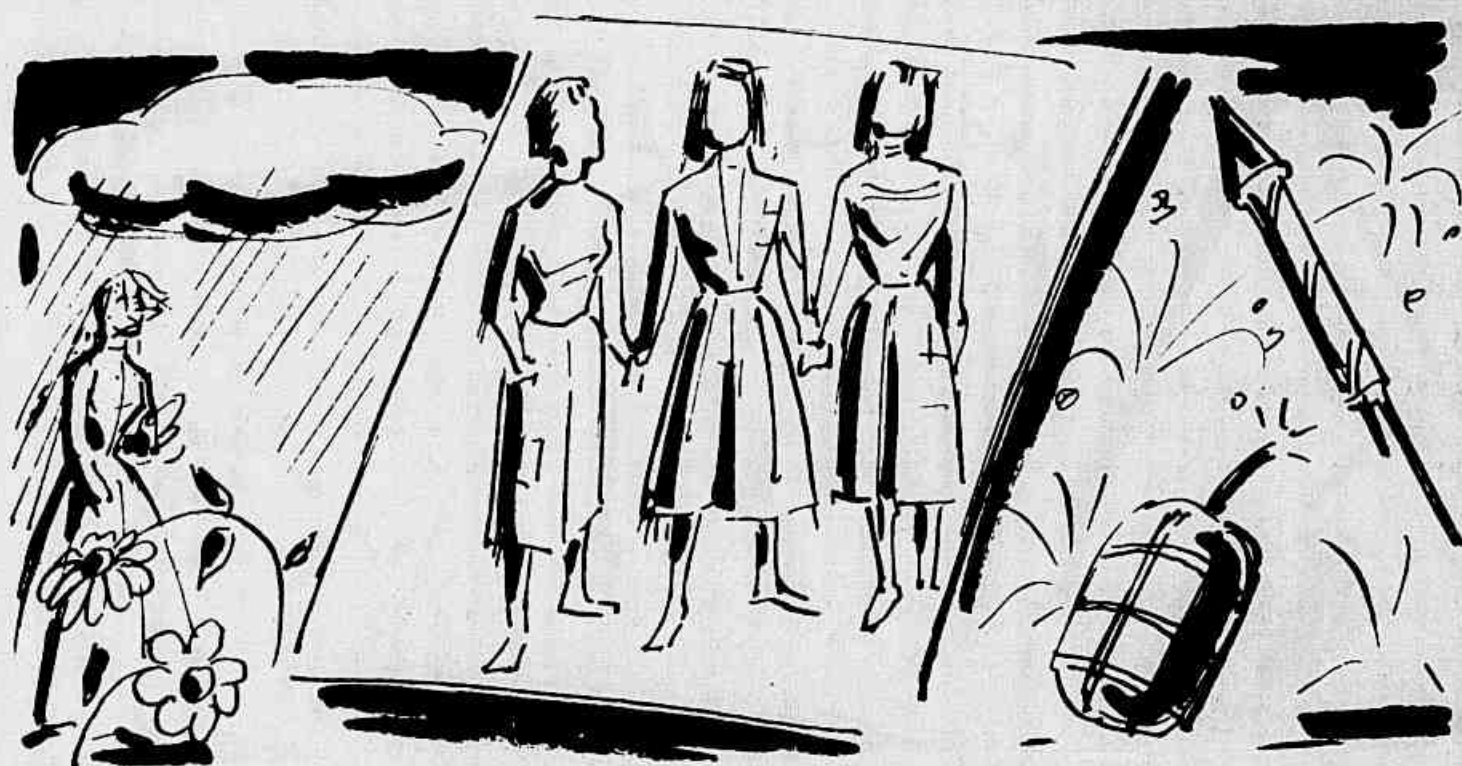
◆ VARIEDADES

O enigmático Kapitza	12/13
Automatismo: Homem X Máquina	26/27
A Coroa e a Espada	28/29
Que sabemos das grandes religiões	38/39

◆ CAPA

Leda Brandão Rau, Miss Distrito Federal
(Foto Alberto Ferreira)

Este número consta de 64 páginas.



BALANÇO DE MAIO

NÃO sei se devemos dizer um triste adeus a esse maio que terminou tão molhado de chuva, com tantas gripes e uma triste umidade provocando reumatismos em todas as idades. A lua cheia se comportou sem dignidade; noites de lua tão propícias aos namorados se negaram a pontificar nesse hoje extinto mês de maio. Só mesmo casamentos se realizaram, (no último sábado mais de trezentos, disseram os jornais), pois bem sabemos que é de praxe casar em maio, dá sorte se casar em maio, é bom e lindo casar em maio. Estou certa de que essa é uma grande verdade, tanto maio convida ao amor, mas num chuvoso mês de maio, num triste mês de maio, valerá a pena manter a tradição?

◆ Três moças fugiram da Espanha e vieram procurar trabalho no Brasil; uma delas é jornalista, profissão que as mulheres nacionais ainda não quiseram tentar e apenas a mais velha ficará porque tem aqui família. As outras choram muito, não querem voltar, oh, não, para sua pátria onde não são felizes. Se eu tivesse prestígio com o governo diria: — Deixem as moças ficar aqui. Já temos tantos imigrantes ruins, temos recebido nestas plagas tantas criaturas sem valor e que nenhum benefício trouxeram à nossa pátria que não vejo porque devolveremos as moças espanholas a Franco que, com certeza, ficará muito zangado sabendo que pessoas presas ao seu chicote tentaram fugir ao seu jugo. Deixem as moças ficar, pois — tenho certeza — não aumentarão o número de nossos desempregados nem cometerão terríveis crimes. Não sujarão a cidade nem darão desfalques. Deixem as moças ficar. Quem sabe se com elas não iremos ter roseiras plantadas em quintais e se não gostaremos de ouvir uma voz alegre anunciando nossos jornais tão cheios de morte, de ira, de ódio? Deixem as moças ficar, diria eu, ao governo se tivesse prestígio.

◆ Maio terminado, entramos com galhardia e espero que também com paciência em junho. Com paciência sim, porque já vai começar a grande guerra dos fogos chamados de S. João. Ontem já ouvi os primeiros estrondos, as bombas já iniciaram seus loucos estampidos e se bem que, no meu tempo, os fogos de S. João fossem líricos — as estrelinhas saindo daquele bastonete aceso, nossas mãos firmes e nossos olhos meninos encantados com tantas estrelinhas assim, ou as pistolas erguidas para o alto enquanto bolas de côm se desfaziam no ar — hoje, as crianças brincam com os mais terríveis fogos de S. João. Fogos para ferir e para matar.

◆ E' junho e iremos inicialmente saber que a polícia proibe bombas (agora mesmo espocou uma em baixo de minha janela) e começaremos a ler, diariamente, crianças queimadas por elas, crianças hospitalizadas, crianças cegas, um mundo triste de pequeninos que foram buscar divertimento e acabaram tendo em seus corpinhos a marca das desgraças da guerra. Tenhamos paciência com os fogos. Peçamos aos pais e mães de família um pouco de cuidado. E' bom não deixar as crianças brincarem com coisas tão perigosas. Que junho nos traga dias claros e noites do mesmo gênero; que sejamos mais otimistas e menos gripados no mês de S. João é o que desejo aos leitores e a todos nós. Que junho nos dê tudo o que este último maio nos negou. E paciência para escutar a guerra dos fogos de S. João. Os infalíveis e antilíricos «brinquedos» de junho.

ENEIDA

DE VOLTA DA EUROPA, AFONSO ARINOS

MELO FRANCO PRESTA UM DEPOIMENTO SIN-

CERO (E SERENO) SÔBRE O 11 DE NOVEMBRO:

CONCORDO COM O GENERAL

"DELE DIVIRJO NO ENTANTO, EM OUTROS DE CAPITAL IMPORTANCIA" ★ REVELAÇÃO INÉDITA: TRANSFERÊNCIA DO CONGRESSO PARA S. PAULO ★ CARLOS LACERDA INSISTIU PARA QUE TAMBÉM EMBARCASSE NO "TAMANDARÉ", MAS NEGOU-SE A FAZÊ-LO ★ "A SUBSTITUIÇÃO DE TELXEIRA LOTT NÃO RESOLVE"

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de NEWTON VIANA

DE regresso de uma «tournée» pela Europa — para onde partiu logo após os acontecimentos de novembro último — acabo de reassumir a liderança da União Democrática Nacional, o dr. Afonso Arinos de Melo Franco.

Durante um intervalo dos debates sobre a anistia, fomos encontrá-lo no Gabinete da Minoria, numa das dependências da Câmara dos Deputados.

— Não tenho grande coisa a dizer ao senhor, pois, como vê, acabo de chegar e ainda não estou integrado...

Interrompemo-lo para falar de nosso obje-

to. Era uma tomada de impressões e relatos dos dias agitados de novembro. Em suma, **descrever** a história **vivida** por ele na madrugada do 11 de novembro.

Contando com o seu assentimento, marcou o líder um novo encontro em sua residência, em Copacabana, não sem antes nos prevenir:

— Não tive nenhuma participação ativa. Minha atitude foi antes de resistência ao que ia acontecendo...

Numa rua tranqüila do pósto 4, fica o moderno «bungalow» de Afonso Arinos. Atravessando

AFONSO ARINOS É ASSIM:

◆ Filho do grande estadista Afrânio de Melo Franco — irmão de Virgílio (tragicamente desaparecido), de Caio (recentemente falecido como embaixador em Paris), de Afrânio Filho (embaixador no Canadá) e de João (advogado no Rio) — o líder da União Democrática Nacional é uma das maiores culturas de nosso tempo.

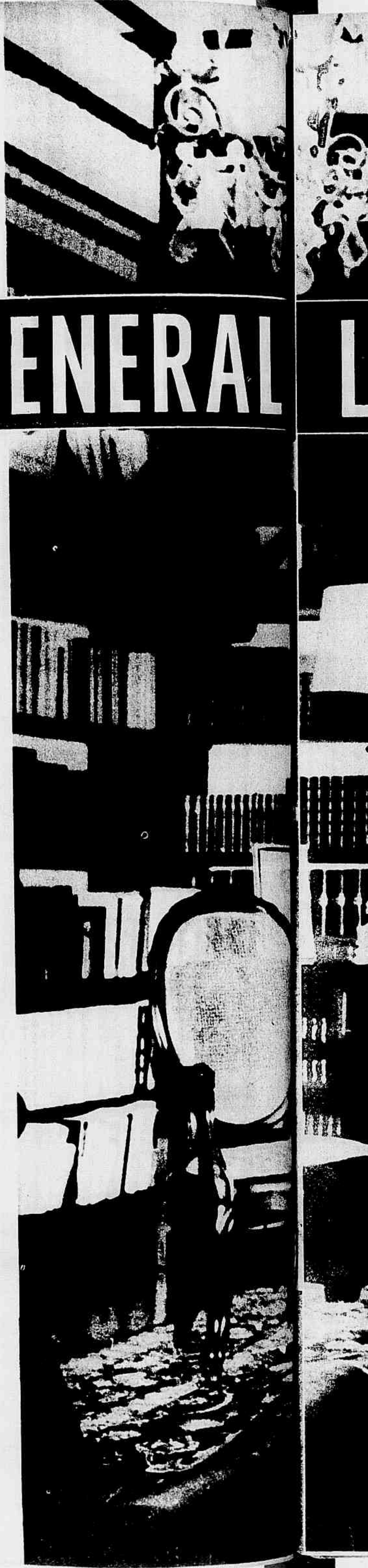
Afonso Arinos de Melo Franco, desde os verdes anos de sua mocidade, premido por circunstâncias adversas em seu estado de saúde, fêz-se um devoto dos livros. E ainda hoje, ele mesmo assim se define: — «Meu descanso de leitor é arranjar um novo livro para ler...»

Levado para a política por insistência de seu irmão Virgílio, que o inscreveu na suplência da chapa oposicionista em 1947, jamais abandonou a literatura, o jornalismo e o professorado — «que são parte de minha própria vida».

Como líder político, viveu sua maior emoção durante os 10 dias de agosto de 54 — «com a alma estrangulada», — como confessa hoje ao repórter.

De sua produção literária, destaca como «modesta contribuição à história do nosso povo» a alentada biografia de seu pai Afrânio — «Um estadista da República». Breve e consiso no relato de sua participação nos acontecimentos de novembro de 1955, faz-nos revelações inéditas como aquela da transferência do Congresso para São Paulo, a fim de dar cobertura ao governo que lá se iria instalar — uma idéia que lhe ocorreu no preciso instante da retirada do Presidente Luz, e que deixou de concretizar-se por causas mais profundas. Quando se negou a acompanhar seu amigo e correligionário Carlos Lacerda que insistia rumassem junto para o «Tamandaré», falou mais alto o espírito esclarecido e ponderado do líder inato que sempre foi.

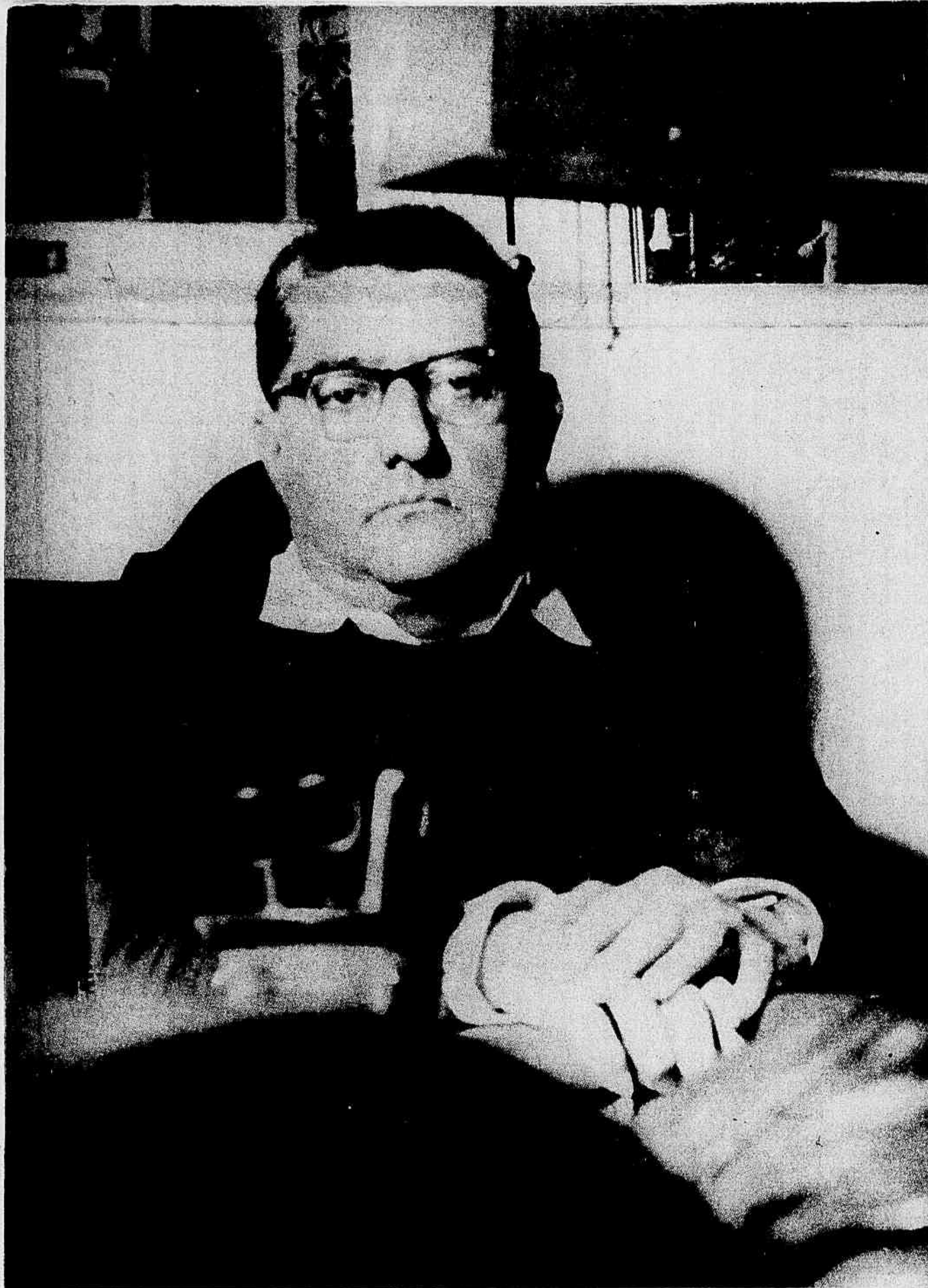
Havia uma prerrogativa a zelar — o seu mandato de deputado — e um dever a cumprir: a liderança política de uma agremiação em vias de estacelamento em face de circunstâncias ameaçadoras.



L LOTT EM ALGUNS PONTOS



Cerca de 10.000 volumes se acomodam nessa biblioteca que mais parece um templo religioso. O oratório com o Cristo Crucificado, pertenceu a fazenda de seus bisavós, nas Alterosas.



«Não fumo e pouco me divirto. Meu único «hobby» é vinho francês... principalmente vermelho. Meu descanso de leitor é arranjar um novo livro para ler» — assim se define Afonso Arinos.

três amplos salões, luxuosamente decorados, fomos encaminhados para a sua biblioteca que se situa numa edificação isolada nos fundos do prédio.

Plantas ornamentais, vasos com flores e trepadeiras fazem da pequena área descoberta um «recanto bucólico de casa de campo», à beira do asfalto de Copacabana.

Junto aos livros, encontramos o líder. Talvez seja essa uma das maiores bibliotecas particulares que temos visto. Ambiente sacrossanto de catedral, ainda mais sugestivo pela imagem de Cristo Crucificado, num oratório do século XVIII, herança de família — e que era trasladado em «carro de boi» na fazenda de seus bisavós.

A DEFINIÇÃO DO 11 DE NOVEMBRO

O sr. Afonso Arinos aparenta boa disposição. Falando de suas impressões do Velho Mundo, para onde seguiu a conselho médico, refere-se ao magnífico exemplo de «democracias que podem sair do abismo de derrota, inflação, etc. — quando têm homens a dirigi-las, com sabedoria».

Comentando a política nacional, fala sobre a entrevista do gen. Góes Monteiro, que a «Revis-

ta da Semana» publicou em seu último número. Nesse ponto, faz o líder uma observação:

— Penso que o 11 de novembro foi até certo ponto resultado de fatores anteriores ao 24 de agosto. Foi uma espécie de **passo pendular** da antiga divisão que separa o Brasil em dois campos. O ponto focal do problema brasileiro consiste exatamente, a meu ver, na procura de uma política que seja capaz de superar essa divisão. Sem o quê, marcharemos indefinidamente em movimentos de predomínio ora de um setor ora de outro, sem que os assuntos de real interesse nacional possam ser solucionados.

NA MADRUGADA FATÍDICA

Procurando rememorar os fatos, vai narrando pausadamente:

— Na madrugada do dia 11, fui acordado por um telefonema do deputado João Agripino que me pôs a corrente dos fatos novos que então se desenrolavam. Imediatamente procurei comunicar-me com o brigadeiro Eduardo Gomes, telefonando para o Ministério da Aeronáutica, por volta das 4 horas da manhã. Mas, o brigadeiro não dispunha ainda de informações precisas. Tentei, então, falar com o Presidente Carlos Luz, mas não foi possível localizá-lo em

AFONSO ARINOS

casa. Falei, a seguir, com o Palácio do Catete e depois para o Ministério da Marinha, obtendo do sr. Monteiro Castro, que ali já se encontrava, a confirmação dos fatos.

ENCONTRO COM LACERDA

Depois de se referir às ameaças telefônicas que a toda hora estava recebendo, mas que «levava em conta de galhofa», prossegue:

— Passou então pela minha residência o deputado Carlos Lacerda (seriam 5 horas, talvez), comunicando-me que iria juntar-se aos membros do governo que embarcariam em um navio de guerra. De fato, seguiu para o «Tamarandaré», em companhia de dois jovens oficiais a quem eu não conhecia.

Alude o sr. Afonso Arinos à insistência do deputado, ora no exílio, para que o acompanhasse, sob fundamento de que o governo sairia do Rio, e que nada havia a fazer na Câmara.

— Mas, eu preferi permanecer na cidade e tomar contato com os colegas de bancada, convocando uma reunião por intermédio da secretaria da UDN, que teve lugar horas depois em minha casa.

O líder concordou comigo em que o dever da sua função o obrigava a permanência.

A COMUNICAÇÃO DO PRESIDENTE LUZ

Depois de historiar o que foi a reunião (depoimento, aliás, confirmado pelo deputado João Agripino — «Revista da Semana» de 24-3-56) prossegue o sr. Afonso Arinos:

— Dali parti para o Ministério da Aeronáutica, antes de me dirigir à Câmara. Devo acentuar que todas as patrulhas do Exército que já ocupavam a Esplanada do Castelo deram-me franca passagem, depois de identificar-me.

Explica, então, que nessa ocasião encontrou um dos oficiais de gabinete do ministro Marcondes Ferraz, retido, e que era portador da mensagem do sr. Carlos Luz dirigida ao brigadeiro Eduardo Gomes, e continua:

— Esse documento estava escrito em duas cópias, deixando eu uma delas com o brigadeiro, a quem era destinada, e conservando a outra, para ser exibida na Câmara, como de fato foi.

TRANSFERÊNCIA DO CONGRESSO PARA S. PAULO

Relata que apesar da gravidade da situação, o ambiente no Ministério da Aeronáutica era de absoluta calma e serenidade, e prossegue:

— Informado por um dos ajudantes de ordem que se achava no gabinete, de que o brigadeiro pensava em seguir de avião para São Paulo, sugeri-lhe a ida de um grupo de congressistas que lá abrissem um Congresso a fim de dar cobertura legislativa ao governo nacional que se instalasse.

«O brigadeiro, entretanto, não estando ainda ao corrente do que se processava a bordo do «Tamarandaré», não aceitou a minha sugestão».

Nesse ponto, quisemos saber do líder ude-nista se era verdadeiro o fato de que tinha o brigadeiro conhecimento de que os aviões na pista de Santos Dumont estavam sob a mira de metralhadoras hostis, e por isso achava aconselhável a que não se tentassem em embarque para os civis, que seria perigoso.

— Não posso afirmar exatamente. Mesmo depois da volta do brigadeiro de São Paulo, nenhuma referência me fez ele a esse respeito.

«PROIBIDA A ENTRADA DE ESTRANHOS...»

Informa a seguir o sr. Arinos que deixando o Ministério da Aeronáutica dirigiu-se para a Câmara dos Deputados.

— Ali, estranhei a presença de tropas armadas no interior do prédio. Aliás, um incidente pitoresco surgiu quando tentava eu atravessar o corredor rumo ao gabinete do presidente. Junto à porta do elevador, um enorme «catarina» de metralhadora na mão, tentou impedir-me a passagem, informando-me com certa ênfase:

«É proibida a entrada de pessoas estranhas...»

Acrescenta o líder, que, com «boas maneiras» e um «tanto tímido», fez saber ao jovem que o «único estranho ali, ao que parecia, era ele mesmo, com aquela metralhadora...»

REUNIÃO PRÉVIA NA CÂMARA

Conseguindo vencer o obstáculo, compareci a uma reunião que, no momento, se realizava no gabinete do presidente. Lá se achavam, além do sr. Flores da Cunha, o sr. Nereu Ramos e numerosos deputados. Logo que entrei, começou a falar o líder Capanema, expondo a solução do impedimento do Presidente da República, como única saída para impasse. Capanema falava com calma e era ouvido com atenção. Depois o sr. Flores da Cunha deu-me a palavra. Falei também com serenidade e fui ouvido em silêncio cortês pelos meus colegas da maioria. Minha declaração foi inteiramente contrária ao pretendido impedimento. Ajuntei que ia ouvir os meus companheiros de bancada, e que se acaso não contasse com o apoio dela, renunciaria imediatamente ao posto, e um novo líder desceria para as demais conversações. Como esperava, a bancada udenista, bem como os nossos aliados libertadores, não só apoiaram unânimemente a minha posição como desceram comigo na mais confortadora unidade de vistas, para os debates do plenário.

REUNIÃO SIGILOSA COM NEREU

— Voltei, então, ao gabinete da presidência para transmitir a oficialização dos nossos pontos de vista contrários ao impedimento e concordar com a abertura da sessão. Antes dela, por cerca de vinte minutos, mantive uma conversa com o sr. Nereu Ramos. Foi uma troca sincera e reciprocamente respeitosa de razões e pontos de vista. E não acho que seja agora o momento oportuno para revelá-la. O ministro da Justiça poderá fazê-lo se o desejar.

«Daí, fui para o plenário, onde começara já a sessão. O sr. Capanema subia à tribuna para iniciar o seu discurso. Depois falei eu. Os nossos discursos constam dos anais, não havendo, pois, necessidade de voltar ao que já disse».

QUANDO OS AVÓS COMEÇAM A MENTIR...

Momentos antes do sr. Afonso Arinos terminar a sua narrativa, vem até a biblioteca, onde nos encontramos, a esposa, d. Ana. Prestando

atenção às declarações do marido, interroga interessada:

— Fazendo história em quadrinhos, também?

Faz «blague» o parlamentar mineiro ao se referir ao livro «Um Estadista da República», obra que levou 11 anos a preparar e que retrata a figura de Afrânio de Melo Franco, seu pai. E ao ouvir o comentário da esposa sobre as diabruras do único netinho — Virgílio:

— Já dizia Lauro Müller que «quando os netos começam a falar, os avós começam a mentir... Mas, Virgílinho não fala ainda...»

«CONCORDO EM MUITA COISA COM O GENERAL LOTT.»

Voltando à política nacional, afirma o sr. Afonso Arinos:

— Nenhum de nós tem o desejo criminoso de assistir ao fracasso do governo por ódio político, porque do fracasso do governo pode decorrer o desastre para o país.

A respeito dos pronunciamentos e entrevistas do ministro da Guerra, assim nos falou, exprimindo sinceridade, mas deixando antever também o magnífico «blagueur» que é:

— Antigamente o gen. Lott dizia muitas coisas boas... Agora, não sei mais... Ele fala quase todo o dia... Mas, não obstante, concordo em muita coisa do que ele diz, apesar de seus pronunciamentos contraditórios. Agora, por exemplo, concordo com o gen. Lott nesse último discurso de São Paulo, quando ele afirma que «só de um traidor se poderá esperar o candidato a uma Ditadura Militar».

«Dêle divirjo, entretanto, em outros pontos de fundamental importância, conforme tenho tido oportunidade de me manifestar da tribuna da Câmara».

«A SUBSTITUIÇÃO DE LOTT NÃO RESOLVE»

Rematando suas declarações, frisa o líder udenista:

— Mas, não creio que a substituição ou não do gen. Lott da pasta que ocupa venha decidir a tão almejada «pacificação nacional». O problema é muito mais complexo. Só mesmo uma ação imediata, enérgica e coerente do grupo governante brasileiro no tocante à conjuntura econômico-financeira poderá aliviar os dias sombrios que nos ameaçam.

O general Góes depõe

◆ Sob o título «ELE SABE MAS NÃO QUER DIZER...» subscrevi no último número desta REVISTA, uma reportagem feita com o general Pedro Aurélio de Góes Monteiro versando sobre matéria política.

Em face da responsabilidade dos conceitos ali emitidos pelo ilustre soldado, cabem, naquele meu trabalho jornalístico, algumas retificações que, não podendo ser introduzidas no momento oportuno, por motivos de ordem técnica, deixaram de representar, com fidelidade, o pensamento de meu entrevistado. Por isso, apresso-me em proceder às necessárias correções.

A «HISTÓRIA DOS ENVELOPES FECHADOS» (1ª retificação)

No parágrafo em que se insere sob este subtítulo a frase que teria sido atribuída ao general Góes — «Eles dão os golpes com meus planos» não deveria estar assim redigida, mas sim como segue: «Dão golpes e fazem planos sob medida, consumados com negações». O possessivo «MEUS» ali empregado, por inadvertência, não viria a representar a verdade dos fatos, motivo pelo qual fica devidamente retificação.

«O ÚLTIMO GOLPE» (2ª retificação)

Na parte referente às causas do suicídio de Getúlio, cabe também registrar equívocos no emprego dos termos precisos em que aludiu o general Góes aos fatos ali narrados. A frase correta deveria sair assim:

— Afinal — pergunta — quem mandou o ministro Nero Moura abrir o inquérito? Quem aceitou (ao invés de escolheu) o coronel Adil para presidi-lo? Quem consentiu (ao invés de ordenou) a devassa nos porões do Catete?

E mais adiante:

«Acrescenta ainda (êle, general Góes) que o ex-ditador, idoso (ao invés de velho), cansado (ao invés de alquebrado) e explorado (ao invés de abandonado) por íntimos e familiares, buscou no suicídio a saída para a sua desilusão».

«REVELAÇÃO FINAL» (3ª retificação)

E finalmente a frase em que o general faz alusão ao seu livro «O general Góes depõe...» Deveria estar assim construída:

— Vou fazer uma revelação final. O livro escrito pelo jornalista Lourival Coutinho, como já tenho dito repetidas vezes, foi feito somente com «animus narrandi» — o que vi, observei e senti nos fatos em que fui parte e nos que passaram em torno de mim.

E na parte final:

... antes de morrer, lanço o meu protesto contra a ignominiosa acusação (acrescente-se mais) contra este labeu tão chocante para o nosso brio.

Não me queira mal, meu general, pelas inadvertências apresentadas naquele trabalho. Volto a repetir de que as retificações solicitadas por vossa excelência deixaram de ser procedidas naquela ocasião por materialmente impossíveis. Mas aí ficam com o respeito que me merecem as pessoas que, acima de tudo, presam à verdade.

W. GUARNIERI



Filho de Afrânio de Melo Franco — irmão de Virgílio e Caio (falecidos) e de Afrânio Filho (embaixador no Canadá) e João (advogado) — o líder udenista é uma das nossas sólidas culturas.

De sete em sete

● A semana teve duas boazinhas: Só o Brasil e a Rússia (logo ela!) tem direito à Antártica, e os cariocas vão voltar a usar chapéu. — A última, corre por conta dos chapeleiros... — Até agora, só vimos o Gelot do Thomas Jeff... Os outros, cobrem-se quando os cabelos vão batendo a linda plumagem. — Bater por bater, viva a Amália Rodrigues, que deu na pedra da felicidade, em Paris, onde vai inaugurar "La Maison du Fado", com vinho verde, caldo idem e outras verduras. — Nem por isso ela deixa de telefonar duas vezes por semana, aqui para o Rio, onde um Seabra continua a apreciar os fados da Mouraria cantados pela "maior". — E os estudantes continuaram, por sua vez, a mandar parar o bonde, em sinal de protesto contra o aumento. Que o não tomem errado... — Certo, certo, só o doutor Ademar de Barros, que foi matar saudades e distrair o espírito, nas plagas argentinas. Não foi dançar um tango porque dona Leonor o acompanhou, pelas dúvidas. — Sonja Henie soube do divórcio, desafiou os patins prateados e deu um salto para New York e para os braços do novo candidato matrimonial. Como voa, a dona Sonja! — Mais perto foi o vôo do doutor Jota Ká, ao Mercado, para ver se as cenouras andam mesmo caras como apregoam os jornais da oposição. Viu: andavam. E voou até Campina Grande, para esquecer as cenouras. — Chegam os Globetrotters, globetroteando desde o Recife. — Em Paris, Martinha Rocha (piano, pianíssimo...) foi ver o Vasco bater o Racing, enquanto de New York mandam dizer que o doutor Café Filho está pronto para outra. (Para longe o agouro, doutor!) — Séria, mesmo, está ficando a situação nas Alagoas (Bonito! "Nas" Alagoas!), e se a ONU aceitar o convite do dr. Bilac, é que vai ser gosado! — Os morengos japoneses tomaram banho de radioatividade e estão dando para envenenar os pobrezinhos nipônicos, bandidos cipriotas querem dar cabo do canastro da rainha Elisabeth II, e cinco homens e um papagaio iniciaram um cruzeiro marítimo de três anos. O papagaio está desconfiado que o seu fim vai ser triste. Alguns dos homens, também.



MANECO
Não driblou a morte.



MARTA
Vai ter um «pianinho».



VELOSO
Pode erguer a cabeça.



COLETTE
Recorde no «papo».

A SEMANA NACIONAIS

VINICIUS DE MORAES aderiu ao samba, mas o samba aderiu a Coelho Neto. Pelo menos, a essa conclusão tivemos de chegar, depois de ouvir falar sobre o samba «Ser Mãe», do compositor (?) Melo Soriano, com versos do maranhense.

DIZEM QUE Martine Carol vem aí, dentro de algumas semanas. Mas Ingrid Bergmann também vinha, e acabou fazendo aquele papelão.

O MAJOR VELOSO, com seus colegas de aventuras amazônicas, acaba de ser indultado. Só mesmo Cazuza continua morto.

HOUVE GREVE do pão, quebra-quebra em bondes de parte dos estudantes, e muitas promessas de novos aumentos. JK passeou à vontade, Lott concedeu entrevistas, e Sonja Henie partiu para os Estados Unidos, a fim de se divorciar do marido.

MANUEL ANSELMO da Silva, o Maneco, do América, matou-se ingerindo formicida com cachaca. Tudo porque ia ser despejado da casa que sonhara comprar com suas economias. Era atualmente treinador da equipe de juvenis do América. Equipe que não tem rival na cidade.

COLETTE DUVAL, a francesinha de 26 anos que é deputada, corredora e pára-quedista, além de ter um palminho de rosto encantador, bateu o recorde mundial de salto de pára-quedas, ao saltar, sobre o Rio, de uma B-17 da FAB, de uma altura de 11.147 metros. Levou quase cinco minutos caindo, e só abriu o pára-quedas a 200 metros do solo.

MARTA ROCHA está em Paris, com o piano, dizemos melhor, com o marido Piano. Espera a cegonha para daqui a uns cinco meses.

AMÁLIA RODRIGUES, que está em Paris, cantando com grande êxito, foi roubada em suas jóias, no valor de 12 mil dólares. Essas jóias, quando a cantora aqui esteve, não faz muito, despertaram a atenção geral.

GIVENCHY e seus cinco modelos desfilaram no Copacabana Palace, ante inúmeros convidados. Ele é um dos mais famosos costureiros parisienses.

FRASE BOA, mas algo estranha, foi a de Pedro Bernardo Brasiense, de trinta anos, ao abordar, vestido de sargento, um dentista na rua: «Arranja uma grana aí pro velhinho...»

AMARO SANTOS, compositor popular e funcionário do Serviço Nacional de Tuberculose, acaba de doar 10% dos direitos autorais de suas músicas para os tuberculosos, num gesto que bastante o dignifica.

EM CAMPINA GRANDE, até onde fôra a fim de encerrar o Congresso dos Bispos (!), o Presidente da República deitou falação, dizendo que não permitirá qualquer injunção, de quem quer que seja, em seu governo. Apostamos que diz isto a todos...

DURANTE a realização de um espetáculo de declamação, no Ministério que já foi da Cultura, um senhor Santos Pereira, incumbido de apresentar o grupo «Os Jograis», fê-lo em termos os mais cafajestes do mundo. Falando do Nick Bar paulista, disse tratar-se de um lugar onde se reuniam «artistas, escritores e outras pessoas estranhas». Coitado do Pereira.

RIO E S. PAULO foram unidos, pela televisão, pela primeira vez, no dia 26 de maio. Dizem que a transmissão foi recebida com nitidez nos aparelhos paulistas. Por enquanto, só São Paulo pode captar o Rio.

HELICÓPTEROS AMERICANOS estão levando para um navio ancorado ao largo da costa piauiense, um carregamento de areias preciosas. Essa terra não terá, mesmo, governo?

PETRARCA MARANHÃO, justificando o namoro de inúmeros escritores com a Academia: «Atual, ela é o Supremo Tribunal das Letras».

LEDA RAU, Miss Distrito Federal 1956, além de suas excepcionais qualidades físicas, é também poetisa, ora se é. E gosta de boas leituras. Um jornal matutino há tempos publicou um soneto de sua autoria, em que se falava em pecado, tortura, solidão, tudo quanto é espécie de coisa triste. Que é que há, minha filha?

SEGUNDO NOTÍCIAS recentes, o Brasil vai fabricar seu dinheiro, que até hoje era feito em companhias estrangeiras, mormente a American Note Bank Company. Esse negócio de o Brasil fabricar dinheiro não deixa de ser a melhor piada da semana.

O PRESIDENTE da COFAP, negando-se a fiscalizar qualidade e preço do uísque servido nas «boites», disse: «Quem bebe uísque pode recusar as misturas e pagar pelo dispensável». Exato.



PAUL LEAUTAUD
Deixou dois gatos.



TOWNSEND
Emprêgo novo.



ARTIE SHAW
Barba azul.



PRÍNCIPE CHARLES
O homem de amanhã.

EM REVISTA

INTERNACIONAIS

CORREM BOATOS de que, dentro de alguns meses, será inevitável, na União Soviética, uma batalha entre os partidários de Zukov e os de Serov.

EM CAMPECHE acaba de ser descoberta uma cidade maia. Segundo os arqueólogos, seus habitantes foram dizimados em fins do século IX.

ALBERT ROSEMBERG, que foi executado em Nuremberg como criminoso de guerra, escreveu um livro, só agora publicado: «Minha honra e minha lealdade». Dêle já se tiraram, em três meses, 500 mil exemplares.

O JAPÃO exportou para os Estados Unidos 180 mil canários, durante o ano passado.

ARTIE SHAW, clarinetista americano, acaba de se divorciar de Doris Dowling, sua sétima esposa. Artie tem, no rol de suas ex-esposas, Ava Gardner e Lana Turner, o que, para um pobre cristão, é um bocado.

ANA MAGNANI tem sido muito censurada, desde o dia em que, inteiramente descabelada, recebeu o «Oscar» por seu desempenho em «Rose Tattoo». Mas explica: «Estava tão impaciente, que não tive tempo de arrumar os cabelos».

O PRÍNCIPEZINHO Rainier Grace Kelly III, cujas finanças andam piores que as nossas, vendeu a Metro Goldwyn Mayer, com exclusividade, o filme sobre seu casamento com Grace, por duzentos mil dólares. Sujeito esperto.

EM ISRAEL, o livro mais vendido do ano passado foi «Bonjour, Tristesse», de Françoise Sagan.

SEGUNDO ESTATÍSTICAS recentes, sessenta e cinco por cento dos pais norte-americanos não desejam que suas filhas se casem com militares. Os motivos estão no cara.

QUEM DIZ que o Brasil é o país dos homicídios deve ler as estatísticas das Nações Unidas, que dão ao Chile aquele lugar positivamente pouco honroso, seguido de Honduras, Porto Rico, Dominicana, Uruguai, Costa Rica, Nicarágua, Finlândia (!), Itália e Dinamarca (!). Agora: quem está pensando que o Brasil é muita coisa, no campo intelectual, sofrerá ao ler que, no ano passado, publicamos menos livros do que a própria Tailândia.

PETER TOWNSEND, que vai em breve deixar o cargo de adido aeronáutico inglês em Bruxelas, parece que já aceitou o convite de um milionário americano, para ir dirigir suas importantes coudelarias.

A REVISTA «Confidencial», norte-americana, tem uma tiragem de 3.600.000 exemplares, mas está sendo processada em vários tribunais por causa dos escândalos que focaliza. Se esses processos vingarem, sua direção terá de pagar indenizações no valor de dez milhões de dólares a personalidades como Errol Flynn, Dori Duke, etc., etc.

OS NETOS de Henry Ford instituíram um prêmio anual de 75 mil dólares, destinado ao cientista que tiver com seu trabalho contribuído para o maior uso, pacífico, da energia atômica.

ADLAI STEVENSON, candidato à Presidência dos Estados Unidos da América, segundo seus correligionários mais experientes, terá de se casar, se desejar ser eleito. O já maduro político é avesso porém a casamentos, e teme-se que, com tal ameaça, venha a desistir da candidatura.

OS HERDEIROS e a herança de Paul Leautaud, célebre escritor francês falecido há pouco quase na miséria, são dois gatos: «Jaunet» e «Loulou».

ENGENHEIROS RUSSOS pretendem, com a aprovação dos Estados Unidos, unir uma ponte Rússia e América, através do Estreito de Behring. A ponte, de autoria do grande Choulimine, teria nada menos de 85 quilômetros, e sobre ela correria o trem Moscou-Paris-Washington.

O PRÍNCIPEZINHO Charles, da Inglaterra, aparece em primeiro lugar, na lista de elegância masculina organizada pela célebre revista de modas «Taylor and Cutter», londrina.

A MAIS recente de Salvador Dali: os russos dominarão todo o planeta, surgirá um Super-Napoleão, o qual chamar-se-á Konev.

HISTÓRIA CONTADA por Frederick March. Um homem está próximo a uma moça, olhando-a com intenções lá não muito boas. A moça diz: «Se me abraçar, grito». O homem responde: «Não ousaria gritar, senhorita: há muita gente por perto». Resposta da senhorita: «Pois então vamos para um recanto mais deserto».

A semaninha

EDITAL

As classes comerciais, industriais, médicas e artísticas, unidas e reunidas, vêm por intermédio de «A SEMANINHA» — único veículo autorizado — prestar uma sincera e eterna homenagem à francesinha COLETTE DUVAL que, em território brasileiro, acaba de superar todos os recordes mundiais em saltos de pára-quedas.

E, outrossim, a partir desta data, participam à praça e ao povo em geral, que ficou deliberado, unanimemente, usar-se ou anexar-se, pronunciar-se ou empregar-se, e utilizar-se sem chacoalhar-se, o vocábulo pára-quedístico que abaixo mencionamos, com obrigatoriedade:

- Produtores de chocolate
Deixam aqui seu lembrete:
Nosso fabríco de agora
Será sempre cho... COLETTE!
- Por sua vez os rapazes
Dos quatorze aos dezessete,
Entrando em casas de máquinas
Pedirão bici... COLETTE!
- A medicina também
Trouxe adesão que promete:
Quem diz sofrer de colite
Dirá sofrer de... COLETTE!
- A giria dos cariocas
Que tanta graça nos mete,
Ficará mais aumentada
Com esta: jaba... COLETTE!
- Também diversos sorvetes,
Que nem o frio os derrete,
Lembrando a bela francesa
Chamar-se-ão pi... COLETTE!
- E Colé, o grande cômico,
Que no palco pinta o sete,
Deve juntar mais três letras
Ampliando p'ra... COLETTE!
- Os alfaiates da praça
(P'ra êstes um grande frete!)
Farão, sim, ternos completos:
Paletó, calça, COLETTE!
Pelas classes supracitadas,
(Ass) SANTOS ALVES

Um sôpro final meio suspeito...

Noticiando a gravação do «Motu Perpétuo» de Paganini, efetuado pelo conhecido artista Edu em solo de gaita, o cronista radiofônico de uma revista carioca saiu-se com hilariantes disparates. Primeiro, relatando a execução de Edu que foi o 1º homem a tocar aquela difícil peça em gaita, fez questão de realçar que o tempo de duração do disco de Edu é de três minutos e pouco, «tempo superior, diga-se de passagem, àquele de Menhuin, ao violino!» Esse «Menhuin» deve ser, com toda certeza, o violinista Menhuin. Mas o engraçado é que esse negócio de tocar uma peça em mais minutos e segundos do que o faz Menhuin é realçado como prova de superioridade da execução de Edu sobre a do grande violinista. Como se tocar uma peça fôsse um empreendimento atlético. Como se se pudesse bater o recorde mundial de tempo de execução em gaita! Porém, o mais engraçado ainda está por vir: «Houve delírio quando, na gravadora Continental, Edu deu o sôpro final...» Esse SÔPRO FINAL está indiscreto, velhaco, esquisito, mesmo. Porque, afinal de contas, em se tratando de execução tão longa, a gente nunca sabe o que pode acontecer... Por nós, preferíamos que Edu tivesse dado o suspiro final, que fôsse. Mas o «sôpro final», nunca.

DOR NOS PÉS

Alívio rápido além do que esperava!



para CALOS DEDOS DOLORIDOS, PONTOS SENSÍVEIS

Não há necessidade de sofrer por causa de calos ou dedos sensíveis, doloridos, nem por mais um dia. Use os Zino-Pads Dr. Scholl, o tratamento científico aperfeiçoado pelo Dr. Wm. Scholl, autoridade mundialmente conhecida para conforto dos pés. A borda exterior da almofada de tripla espessura, patenteada, protege o lugar dolorido, amoldando-se perfeitamente à forma do dedo ou do pé. Alívio instantâneo, suave, duradouro. Você ficará maravilhado e surpreendido. Caixas de 4 formatos, como se vê. Adquiras os remédios Dr. Scholl numa das nossas lojas.

Qualquer que seja o seu problema relativo aos pés, há sempre um remédio Dr. Scholl que custa pouco.



Calos



Calosidades

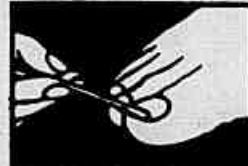


Calos entre dedos



ARCOS DÉBEIS

Os Suportes de Arco Dr. Scholl, combinados com exercícios apropriados, aliviam o cansaço, pés doloridos, dores nas pernas e nos pés - causados por debilidade ou queda dos arcos.



UNHAS ENCRAVADAS - Algumas gotas do Onixol Dr. Scholl proporcionam no canto da unha pronto alívio, reduzem a inflamação, ajudam a cicatrizar.



JOANETES - O Redutor de Joanetes Dr. Scholl alivia a dor, protege a articulação dos ossos contra a pressão e fricção. De borracha cirúrgica, muito macio.



PROTEÇÃO - ALÍVIO - O Kurotex Dr. Scholl alivia a dor e protege contra a fricção e a pressão causadas pelo calçado. Fácil de aplicar.



PÉS DOLORIDOS, SENSÍVEIS - O Pedicreme Dr. Scholl alivia os pés sensíveis. Refresca, cicatriza, impede assaduras e bolhas. Evanescente, inodoro.



COCEIRAS NOS PÉS - O Solvex do Dr. Scholl alivia a coceira, mata o parasita e auxilia a cicatrização das feridas e rachaduras dolorosas e irritantes.



PÉS CANSADOS, DOLORIDOS - O Pó Dr. Scholl para os pés. Refresca e acalma. Alivia rapidamente a sensibilidade. Torna as meias de nylon mais confortáveis.



CALCANHARES DOLORIDOS - A Taloneta Heel Cushion Dr. Scholl proporciona um leito macio, para calcanhares doloridos. Remove o choque do andar.



Todas as lojas Dr. Scholl para o Conforto dos Pés oferecem demonstrações gratuitas, inclusive um teste completo do pé, sem qualquer compromisso. A causa do seu problema será explicada, e demonstrar-se-á o remédio ou aparelho convenientes. Serviço de pedicuro.

DEMONSTRAÇÕES GRATUITAS

Lojas Dr. Scholl

PARA CONFORTO DOS PÉS

RIO DE JANEIRO - RUA S. JOSE, 114 - RUA BUENOS AIRES, 114

IA-583

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Escreveu «Canto do Libertado»:

- Bandeira?
- Mendes?
- Schmidt?

2—Alfred Adler foi aluno de:

- Charcot?
- Jung?
- Freud?

3—«The giorni son che Nina» é uma canção de:

- Stradella?
- Marco Antônio Cesti?
- Pergolesi?

4—A cidade de Roboré fica:

- em Mato Grosso?
- no Paraguai?
- na Bolívia?

5—Syngman Rhee é:

- presidente da China?
- da Coreia?
- de Formosa?

6—«Il Parnaso» é uma tela de:

- Giotto?
- Verrochio?
- Mantegna?

7—Inventaram o submarino:

- americanos?
- ingleses?
- holandeses?

8—O singular de «Tuareg» é:

- Torah?
- Teruz?
- Targi?

9—Trevelyan tem uma:

- História da França?
- História da Inglaterra?
- História da Cultura?

10—Álvares de Azevedo escreveu:

- Lira dos Cinquenta Anos?
- A Noite no Castelo?
- Livro de Fra-Gondicario?

11—Aloisius Bertrand foi estranho:

- poeta?
- pianista?
- pintor?

12—Acusado de colaboracionista, está preso nos E.E.U.U.:

- Erich Maria Remarque?
- Ernst Robert Curtius?
- Ezra Pound?

13—Tem mania de colecionar objetos de Napoleão:

- Marlon Brando?
- Tito Schipa?
- Emil Ludwig?

14—Tornou-se conhecido por dirigir filmes que têm por ambiente a justiça e os defeitos do sistema judiciário:

- Clouzot?
- Cayatte?
- Preminger?

15—Waik, após a conversão, tornou-se:

- Estêvão da Hungria?
- Gustavo da Suécia?
- Oto da Dinamarca?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Schmidt; 2 — Freud; 3 — Pergolesi; 4 — Bolívia; 5 — Presidente da Coreia; 6 — Mantegna; 7 — Holandeses; 8 — Targi; 9 — História da Inglaterra; 10 — Livro de Fra-Gondicario; 11 — Poeta; 12 — Ezra Pound; 13 — Tito Schipa; 14 — Cayatte; 15 — Estêvão da Hungria.

**A FIGURA
EM FOCO**



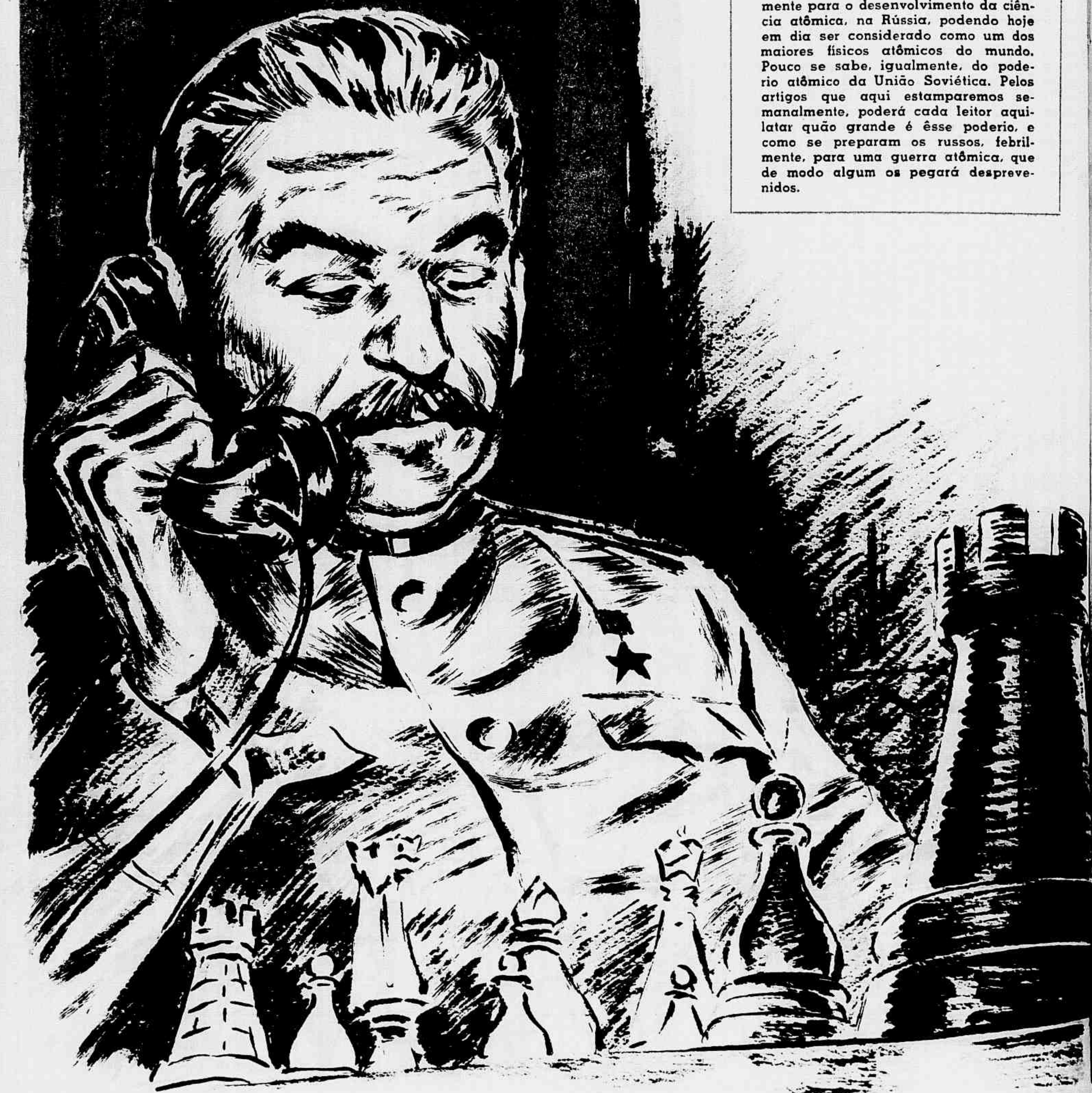
AUGUSTO AMARAL PEIXOTO JR.

Melhor que qualquer «caixinha»
Melhor do que ser Prefeito
É ter sorte igual a minha...
Quem é bom já nasce feito!

O GRANDE

Por M. A. BIEW

♦ INICIAMOS HOJE a publicação de nova série de artigos de interesse geral: «O Enigmático Kapitza». De muito poucos leitores o nome desse famoso cientista soviético há de ser familiar. Kapitza, porém, contribuiu grandemente para o desenvolvimento da ciência atômica, na Rússia, podendo hoje em dia ser considerado como um dos maiores físicos atômicos do mundo. Pouco se sabe, igualmente, do poderio atômico da União Soviética. Pelos artigos que aqui estamparemos semanalmente, poderá cada leitor aquilatar quão grande é esse poderio, e como se preparam os russos, febrilmente, para uma guerra atômica, que de modo algum os pegará desprevidos.



KAPITZA

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA

Copyright Keystone e Ed. Pierre Horay.

PERMITA-ME que lhe diga, meu caro Piotr Léonidovitch, que estimaria muito vê-lo ainda hoje. Imaginei uma jogada inteiramente nova, no estilo de Capablanca. E gostaria de pô-la em prática justamente com o senhor. Que acha?

O professor Kapitza hesitou, antes de responder. Quem estava do outro lado do fio, era Stalin.

— Pois não. Mas quando? Partirei amanhã:

— Imediatamente, se desejar.

— Então, irei. Poderei, porém, levar Jermak?

Jermak é um imenso cão, do tamanho de um boi. Estrangula um lobo com a maior facilidade. Tem esse nome em homenagem ao conquistador da Sibéria, Jermak.

— Traga-o. Por certo arranjará, por aqui, algum meio de se divertir.

Decidido, Kapitza sobe ao seu carro, e parte. Como sempre, é ele mesmo quem dirige a viatura. Já passa de meia noite, porém, Kapitza está bem acordado. Dorme das cinco da madrugada até às onze, todos os dias, e passa o restante do tempo trabalhando com seu assistente. É o diretor do Instituto de Física da União Soviética.

Como soube Stalin que Kapitza se encontrava em sua vila de Roublon, se saiu antes do meio dia, sem dizer nada a ninguém? Em tempo normal, é preciso cerca de uma hora para percorrer a distância entre Roublon e o Kremlin. Agora, todavia, é necessário pressa. Por isso, talvez, Kapitza não percebe que um outro carro o persegue. Stalin tem olhos por toda a parte.

Protegido à distância pela Polícia Secreta, Kapitza segue em direção ao Kremlin. Tem o pensamento preocupado com as palavras de Stalin, ao telefone. Que deseja ele realmente de si? Há dois anos que Kapitza viu o ditador soviético pela primeira vez. A vida é mesmo qualquer coisa de muito misteriosa.

Filho de um general do Czar, Kapitza teve de fugir para o estrangeiro, acompanhando seus pais à Inglaterra, em 1921. Na Inglaterra, Kapitza se

transforma num dos maiores físicos do país, torna-se conhecido e admirado. Cumulam-no de honrarias. Todavia, treze anos após seu exílio, Kapitza retorna à Rússia, aparentemente para participar de um congresso de físicos. Mera curiosidade, diz ele. Nostalgia, diria melhor. Oficialmente, Kapitza tem seus movimentos livres. Porém, terminado o Congresso, não deixam que saia do país. Todo o mundo fica indignado. Telegramas de instituições científicas e de sábios, começam a chover sobre o Kremlin. Porém, não surtem o mínimo resultado.

Ao cabo de nove meses, Stalin vira-se para um secretário e diz apenas: — Traga-me Kapitza.

Durante todos aqueles meses, Kapitza e sua mulher, também russa, não tinham sequer deixado o hotel, em sinal de protesto. Aquêle dia, porém, o sábio obedece às ordens de Stalin. Não deseja que Stalin pense que tem medo de um ditador. Penetra no Kremlin decidido a não apertar a mão do tirano, a não lhe dirigir sequer a palavra.

Tudo, porém, transcorre de modo diverso. Apenas sabe da entrada de Kapitza em seu gabinete, Stalin pede ao chefe de sua guarda que os deixe a sós, e é de mau humor que esse acede em abandonar o ditador da Rússia sozinho com aquêle gigante de fisionomia carregada. Ao cabo de vinte minutos, o guarda volta, e não é sem admiração que vê os dois homens em animada conversa, apertando-se as mãos. Que se teria passado?

UM FÍSICO LEVA UM CÃO AO KREMLIN

Ter-se-ia Kapitza deixado corromper ou amedrontar por Stalin? Tanto uma como outra soluções eram inverossímeis. Ter-se-ia, talvez, deixado vencer? Muito menos. Talvez se tenha passado tudo de modo a nunca mais se conseguir saber a causa que lêz com que dois homens antes antagonísticos se transformassem, em minutos, em amigos íntimos.

O caso é que pouco depois os dois filhos do físico desembarcavam em Moscou, provenientes de Londres, a fim de se juntarem aos pais. Ao mesmo tempo, Kapitza era nomeado diretor do famoso Laboratório de Estudos Cósmicos, que fora construído havia pouco pela quantia de trinta milhões de rublos — soma fabulosa, a primeira jamais posta à disposição de um empreendimento científico, pelos soviéticos. E — surpresa das surpresas — à América fora encomendado um Centro de Pesquisas perfeitamente adaptado, pela quantia de quatro milhões de dólares. Kapitza não pedira esse material; nem sequer falara a ninguém sobre a conveniência de se adquirir semelhante equipamento. Para todo o mundo científico estrangeiro, Kapitza se vendera a Stalin. E, mesmo dentro da União Soviética, quando Kapitza foi recebido na Academia de Ciências, houve quem dissesse tratar-se de legítima violação dos estatutos daquela instituição tão imparcial quão respeitável.

Agora, tanto tempo decorrido desde aqueles dias, Kapitza sorri. Muito sofreu, no princípio, com a incompreensão dos colegas. Nada, porém, tão bom para incitar alguém ao trabalho, como a oposição. E assim, o sábio meteu mãos à obra. Poucas semanas apenas após o recebimento na Academia, Kapitza proclamava ao mundo científico a sua invenção, que revolucionava o método antigo de liquefação do hidrogênio. Consistia essa invenção na «serpentina fendida», que reduzia de nove décimos o peso da equipagem técnica, e que poupava infinitamente mais tempo. Conseqüentemente, a obtenção de isótopos de hidrogênio saíria de então por diante por preço muito e muito inferior.

A Academia Russa, entusiasmada com a invenção de Kapitza, recompensou-o com um prêmio de vinte e cinco mil rublos, isto é, maior cinco vezes do que o mais alto jamais concedido até então. No exterior, pensou-se que, como prêmio, o Kremlin deixaria agora Kapitza voltar à Inglaterra. Cambridge o chama, porém Kapitza retruca de modo que não deixa dúvidas quanto à sua decisão de não mais abandonar a União Soviética:

— Não sou um pêndulo para estar indo e vindo.

Recusa as honrarias que lhe querem dar à força quase com grosseria. Evita as recepções em sua homenagem, e apenas faz breve visita de cortesia ao Primeiro Ministro Molotov. Agora, Stalin o convidaria também para felicitá-lo? Em plena noite, sem mais nem menos? Seria ridículo. Talvez Stalin deseje apenas jogar xadrez, por que não?

Talvez, porém, tudo seja diferente. Porque, não faz muito tempo, dois obstinados adversários de Kapitza, os físicos Boris Kourtchatov e Dorfmann, tinham sido condenados à prisão. São raros aqueles que ousam atacar abertamente Kapitza, o físico oficial da União Soviética. Todavia, o próprio Kapitza gosta da competição que só faz estimulá-lo mais e mais ao trabalho, sobretudo em fases de novas pesquisas. O pior de tudo, porém, é o desaparecimento de Georges Rafalovitch, célebre construtor de um sistema de artilharia extraordinariamente eficaz, e também pianista de valor. Rafalovitch fora colaborador de Kapitza, quando da elaboração da «serpentina fendida». E Kapitza não pode prescindir de modo algum de sua colaboração.

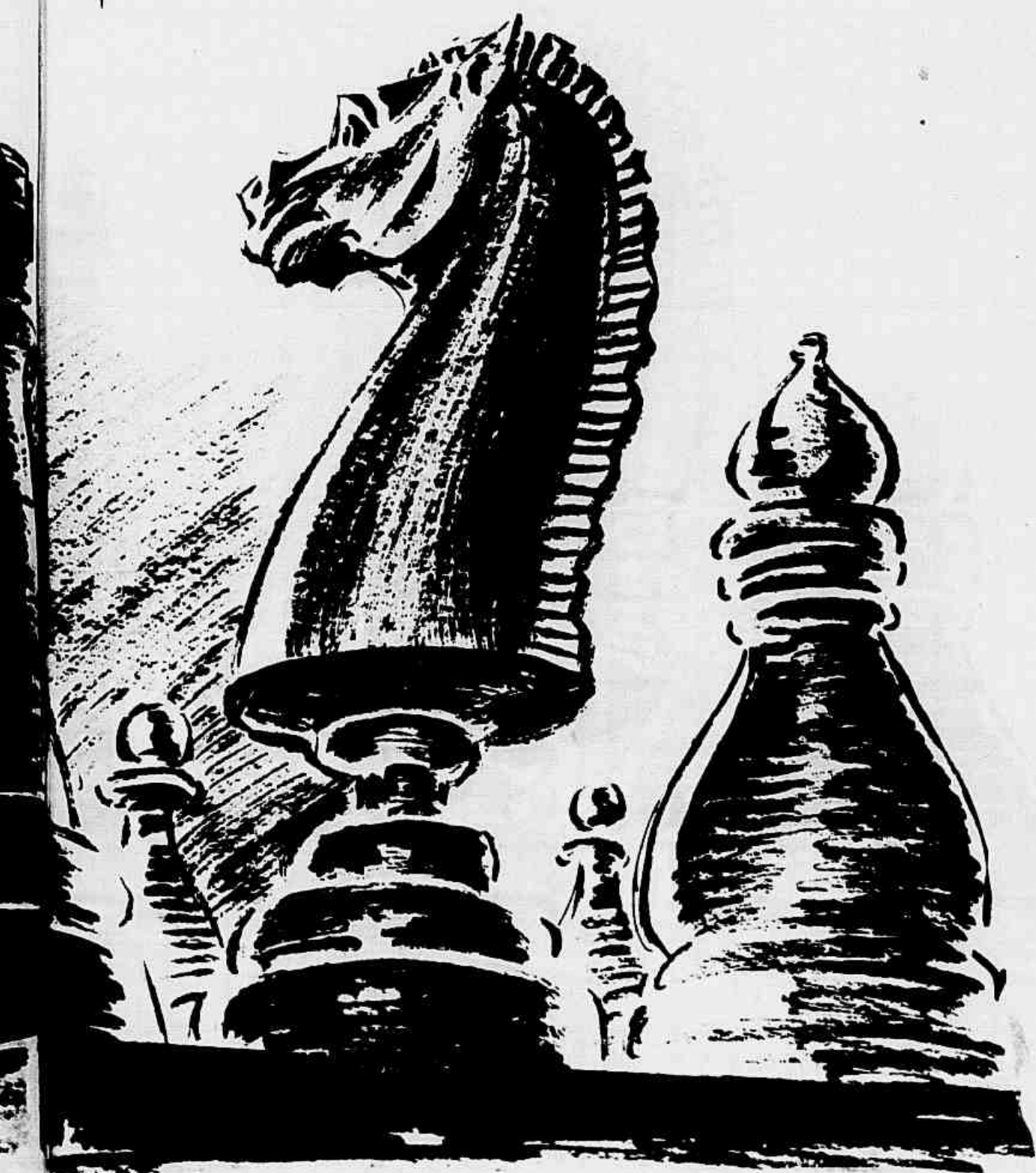
A entrada do Kremlin, todos os comissários do povo são submetidos a severo exame. Não há exceção de espécie alguma. Aquela noite, porém, Kapitza atravessa os umbrais do imenso palácio sem sequer ser detido pela guarda. E, pela primeira vez na história do regime, um cão descomunalmente grande penetra no Kremlin, como convidado. E Stalin é quem abre a porta de seu gabinete, diplomaticamente.

— Como é que o senhor veio tão depressa assim de Cavendish? Não me diga que foi em atenção à minha humilde pessoa?...

— Que se pode fazer? Não queria deixá-lo esperando muito.

(Cont. na página 44)

EM PLENA NOITE, JOSEPH STALIN CONVIDA KAPITZA PARA UMA PARTIDA DE XADREZ.





—Você está esgotado,

mas, que os obstáculos não me assustam e que para mim não há praças inexpugnáveis. Aquêlê tipo — já notaram? — aquêlê tipo abertura, vencia facilmente a qualquer um. Diga-lhes o levem!

— Qual é a sua profissão?

Enfiou as mãos nas algibeiras da calça e, certo por algum motivo, afastou-se da minha mesa, a pisar forte e barulhentosamente. Com um gesto desdenhoso, chupou algumas vezes o cigarro que tinha ao canto da boca:

— Em nosso país soviético, todo indivíduo capaz tem o dever de aceitar qualquer profissão sem pestanejar.

— Como? De maneira que você não pestanejaria se lhe oferecessem um lugar de químico, arquiteto ou perito em cultura de algodão?

— Só os fracassados pestanejam. Nietzsche já disse isso.

— Provavelmente você já cheirou também o Exército Vermelho?

— Hoje em dia, aos vinte anos os homens já conheceram todos os cheiros da vida. O Exército Vermelho não me agrada. Ali é preciso andar muito apurcado e não me agradam as linhas retas.

— E eu não gosto das linhas sinuosas e complicadas. Por isso, nossos caminhos são diferentes. Tenho mais que fazer. Faça-me, pois, o favor de deixar-me em paz. E peço-lhe que não apareça mais aqui...

Ele saiu lépido, cheio de dignidade, como um vencedor. E novamente notei-lhe a completa segurança e consciência de uma força invencível. Até nas suas espáduas, onde os amplos omoplatas pareciam enfunados por essa desconfiança em si mesmo e pelo orgulho de saber o que valia.

Passaram-se dois dias. Esqueci-o. Eram muitas as preocupações e as exigências dos negócios. O tempo era absorvente, hiperestesiante. Os trabalhadores continuavam inquietos e temerosos. A todo instante precisava consolá-los. O ar relampagueava de maldições. Obsessão. Temor. Desalento. Iras esparsas. Na Comissão de Contrôlo: escândalos, equívocos. A fábrica rangia como uma roda a girar num eixo sem graxa. Os operários olhavam-nos com olhos curvos e sentíamos com angústia, que entre nós e eles se ia rompendo aos poucos o laço ínti-

— OIS se você nunca meteu o nariz em coisas têxteis, nada tem que fazer aqui.

— E meteu você o nariz na cadeira de diretor quando trabalhava no tear?

— Certamente que não.

— Pois eu também nunca cheirei nada disso. Por que não me dei de ocupar um pouco de coisas têxteis?

— Que sabe fazer?

— Tudo!

— Por exemplo...

— Exemplo é ação. Aqui tem o meu pedido. Escreva aí ao pé a sua decisão, e pronto! Está aí o exemplo... E aqui está outro exemplo — exemplo número dois...

Puxou da pasta, abriu o fecho automático, retirou um maço de documentos.

— Aí tem você recomendações de Fulano, Fulano, Fulano...

E pronunciou uma série de nomes importantes, entre eles o Conselho Pan-Russo de Sindicatos e o Conselho de Comissários do Povo, inclusive o Komintern. O nosso homem portara-se tão bem no desempenho de seu papel, que assombrava. Independente. Tranquilo e terrivelmente seguro. Dominava-o — notava-se! — profunda fé fatalista: fé gigantesca, indomável, em si mesmo e no seu destino.

Novela de FÉDOR GLADKOV

— Digo-lhe que não, camarada Kovaliov. Guarde você o seu pedido e também os seus papéis. Não aceito nenhuma referência.

— Está certo. Você não admite nenhuma referência. Bem vejo e não quero insistir. Saiba, porém, que eu posso sustentar-me nas minhas per-

me Estava-se, por assim dizer, sobre brasas, e em cada velho amigo via-se um inimigo ferido e descontente.

Num desses dias, fui ao Conselho da Fábrica. No vestibulo, movia-se grande massa humana. Apertões, disputas e resmungos. Alguns

Desenho de LLAMPAYAS

O POLVO

meu irmão. Precisa curar os nervos. Um de nós estará com a cabeça desmiolada

esperam, sentados e taciturnos, qualquer coisa que há de sobrevir. Passo pela saleta da Comissão de Cultura e, que vejo? Por trás da mesa, junto do presidente — um moço ponderado, porém inexperiente — está sentado o mesmo «saca-rôlhas». Com largos gestos e excesso de palavras, explica alguma coisa ao presidente. Seus dedos movimentam papéis e abrem sulcos com as unhas. O presidente da Comissão de Cultura parece assombrado. Olha-o com admiração e respeito e engole saliva em sua sincera perplexidade.

— Também aqui se meteu você, camarada Kovaliov? Que faz neste lugar?

Ele sorriu alegre e amavelmente como um velho amigo, com o ar ingênuo e encantador de um petiz, e estendeu-me a mão. Ainda não sabia se lhe devia dar ou não a mão, e já Kovaliov, íntimo, negligente, confiante no seu valor. Trançou as pernas, acendeu um cigarro e prosseguiu:

— Camarada diretor: nós, eu e o presidente da Comissão de Cultura, estamos resolvendo, precisamente, alguns problemas difíceis. Eu consegui algumas melhoras importantes e descobri várias Américas. Ele crê que não me faltam talento e energia. E eu estou completamente de acordo com ele.

O presidente da Comissão de Cultura sorriu satisfeito, bateu nos papéis com todo o entusiasmo de que era capaz e mastigou, com prazer, as palavras:

— Sim, confesso... Uma série de coisas valiosíssimas... É preciso pôr tudo em prática. Vamos! O peixe o mordeu, não é verdade, camarada Kovaliov?

— Mordeu, camarada diretor.

— Você é um moço tenaz!

— Mede-se o homem pelas suas finalidades. A estas finalidades corresponde a grandeza daquilo que se consegue. O objetivo claro se mostra na tenacidade.

Não era tolo. E a gente se alegra sempre ao encontrar uma pessoa esperta.

O presidente do Conselho da fábrica era um homem prudente, de percepção delicada no que dizia respeito ao espírito dos operários. Como se tinha criado na companhia deles, conhecia muito bem as peculiaridades de cada um. Éramos amigos desde a juventude. Sentimo-nos inflamados, ao mesmo tempo, pela chama revolucionária. Juntos pelejamos. E também juntos voltamos a pôr em funcionamento a fábrica. Rapaz de excelente coração, disposto a dar a última camisa e a sacrificar a vida pelos companheiros. Como representante do sindicato, punha-me às vezes em apêrto. De aspecto sombrio, forte como um touro, podia parecer mau, rude e, acaso, de inteligência falha. O bigode tinha uma boa parte de culpa no seu aspecto desagradável, pois cobria-lhe quase inteiramente os lábios. A barba era grossa e avermelhada. Tinha algo de aranha, alguma coisa de sinistro. Sua alma, entretanto, era de uma ternura inextinguível.

— Olhe, irmão Andriuscha; não caia na esparrela... Não me parece prudente admitir novas pessoas, neste período de crise. Que diabo quer você fazer com gente nova, quando sequer podemos dar emprego à antiga?

— A que você se refere?

— A esse roedor, que já me arranhou. Mande-o ao diabo! E agora faz e desfaz na Comissão de Cultura.

— Ah! Fala do camarada Kovaliov?

E o seu olhar brilhou. E as pontas do seu bigode se arrepiaram como feixes de espinho.

— Você, irmão, deve estar enganado. Esse rapaz é valiosíssimo! E no trabalho cultural é notável! Faz coisas maravilhosas!

— Parece-me que ele se instalou na sua confiança. Evite desgostos. Estamos em crise de trabalho. Haverá escândalo se os operários o ouvirem...

Momentos depois irrompeu na minha saleta meia dezena de operários — todos muito jovens — dispensados em bloco. Suados, olhar de fogo, arquejantes, atropelando-se uns aos outros no falar, agitando os braços:

— Que é isto, camarada Muchine? Então você nos atira para fora como se fôssemos lixo, enquanto alguns fujões e bandidos recebem tarifa elevada e são colocados na primeira fila? Não estamos dispostos a suportar semelhante coisa. Não permitiremos que nos cuspiam na cara!

— Bem, rapazes! Mas vamos a saber primeiro de que se trata! Não há aqui nenhum fujão ou bandido e ninguém que lhes cuspa na cara. Vocês estão dizendo tolices.

Foi como se lhes tivessem dado uma chicotada! Como um só homem, as feições demudadas, pálidos de ódio, aproximaram-se todos da mesa. Cada um vociferava à sua maneira:

— Não permitiremos que zombem de nós! Para que os puseram aqui? Estamos fartos dos antigos patrões e os novos não pensam senão na melhor maneira de bem amarrar os operários!

Depois de gritar um pouco — tanto eles como eu — à maneira dos operários, a calma voltou de novo aos espíritos.

— Está entendido, camarada Muchine. Se nos atirarem à rua como cães sarnentos, e o Conselho da Fábrica admite...

Consegui, afinal, tranquilizá-los. Foram-se. Logo depois entrou, correndo, a secretária da célula do Partido, a desabusada Aniuta Schustov, sempre disposta a replicar.

Aniuta era uma das que, com o fuzil na mão, havia realizado, conosco, a grande avançada na frente do Ural para o Norte, e do Norte para o Cáucaso.

Bate com o nó dos dedos na mesa e põe-se a mover os braços como se manejasse um machado.

— Não deixo que as coisas fiquem assim! Vou comunicar ao Partido. Vocês, os chefes, destroem a confiança das massas do Partido e no poder soviético!

Tudo aquilo por causa do camarada Kovaliov. Fui falar ao presidente do Conselho Fabril.

— Vamos, Andriuscha, irmãozinho. Você preparou a sopa. Faça-me agora o favor de tomá-la.

Ele sorriu. Move os bigodes que lembram pernas de aranha, e fixa-me o olhar de touro bravo.

— Deixe de andar semeando o pânico, diretor. Está tudo ajustado. Não desejo divergir do camarada Kovaliov. Não há razão para expulsar operários hábeis e ativos. Seria uma negligência criminosa, dado que não os temos em grande número. Mande-o para a seção governativa do Sindicato, sob a condição de nos devolverem quando dele precisarmos. E duvido que o dispensem de boa vontade.

Confesso que muito me alegrei em perder de vista o tal sujeito.

Havia transcorrido apenas uma semana, quando me encontrei com Aniuta. Tomou-me do braço. Que amabilidade era aquela? Estranhei:

— Como você está mudada, Aniuta!

Tinha ela uma fraqueza: atirava-se, faminta, sobre os bons operários e os tratava como se fossem filhos.

— Cometi uma falta que eu mesma não perdoo. Deixei ir-se embora um ativo e excelente rapaz.

— Refere-se a Kovaliov?

— A ele mesmo. Hoje me visitou e conversamos sobre diversas questões. Um moço excelente! Solicitou admissão no Partido. E é preciso admiti-lo. Estou absolutamente decidida a arrancá-lo da seção regional. Somos uns tolos, diretor: nada entendemos de bons elementos para o trabalho.

Pus-me a rir e disse que considerava Kovaliov um refinado aventureiro. Gente do estófo de Kovaliov está bem em qualquer circunstância, em qualquer ordem de coisa, como o peixe na água. Qualquer surpresa do destino não os atrapalha. São truões ambiciosos e astutos, que não se inflamam pelos ideais sociais, e, jogando com esses ideais, tudo conseguem, como os jogadores gatunos com suas cartas marcadas. Gagam altos postos, esmagam pobres criaturas e, satisfeitos, orgulhosos e arrogantes, cospem no mundo...

Oh! como Aniuta me exprobou!

— Você é um burocrata, um bonzo obtuso! Você está divorciando as massas do Partido! Você está impregnado do antigo espírito burguês de gabinete.

Também ali o «saca-rôlhas» havia penetrado até a medula...

Transcorreu, quem sabe, meio ano.

Fui esquecendo essa história, enquanto o nome de Kovaliov, mais de uma vez, ressoou aos meus ouvidos. Na assembléia regional da Federação topei de novo com ele. Custei reconhecê-lo, pois parecia haver crescido; estava gorro e admiravelmente alinhado, dando uma agradável sensação de limpeza corporal. Os cabelos bem lavados e penteados. Blusa azul. Botão de hastes de trigo. E o que mais causava estranheza era o seu ar típico de militante sindical.

— Como vai camarada Kovaliov? Parece que tem andado muito... Você possui, sem dúvida, botas de sete léguas...

Olhou-me de esguelha e, num gesto sarcástico e negligente:

— Indiscutivelmente, camarada diretor! Temos botas de sete léguas e o mundo é grande.

— Já ingressou no Partido?

— Sim, já estou no Partido, e quero que reconheça o valor da primeira etapa que venci.

— Etapa? Que etapa?

— Há uns quatro anos, camarada diretor, por equívoco, fui expulso do Partido. Os camaradas da Comissão Central concordaram afinal que não havia motivo.

Tive ímpetos de dizer-lhe claramente que o conhecia muito bem e sabia de quanto era capaz.

— Sim, você é um homem esperto e hábil, camarada Kovaliov.

— Será verdade? Um homem hábil, não; mas ativo, consciente do seu valor, muito acima do tipo médio operário.

O tom da sua voz era imperioso. O movimento da cabeça, a maneira de olhar, a presença, tudo nêle denotava imensa confiança em si. E eu, ali a seu lado, era como se fosse o pior dos trabalhadores, o mais inepto dos operários.

E como falou nas discussões da fração! Havia de ouvi-lo! Suave, judicioso, com tiradas à Lenine, à Engels e Marx. No momento oportuno recordava certas frases cortantes de Plekhanov e Ilitsch. Mantinha-se independente, com ilimitado orgulho, e cada palavra sua parecia impregnada de profunda abnegação pelo Partido e completo conhecimento do movimento sindical. E, como sempre, invulnerável, confiança em si e plena convicção de que ganharia a partida.

Aniuta exultava, e mais de uma vez puxou-me a manga:

— Está vendo?.. Eu não dizia? Aponte-me um trabalhador como esse e uma cabeça tão inteligente!

Andriuscha não fazia outra coisa senão mover as guias do bigode, rosnar e dar murros nos joelhos.

— E tenho que suportar isto! Canalha! Miserável!

E Kovaliov acabou nomeado membro da Administração e secretário da Seção Regional.

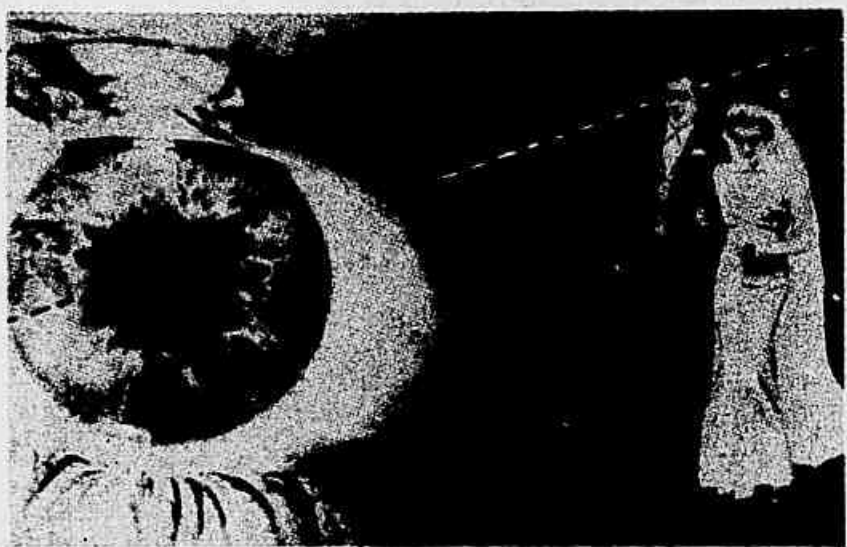
Foi esse o salto decisivo para a sua carreira triunfal. Desde então, senti em toda a rudeza da verdade que seríamos inimigos o resto da vida.

Esse homem tinha um modo incomparável de atrair e relacionar-se com as mais altas individualidades. Conversando, referia-se familiarmente, sem ligar maior importância, e com um sorriso de desprezo nos lábios:

— Ah! Trotski... Já lhe disse uma ou duas vezes o absurdo da sua lógica obtusa... Mikhail Pavlovitch Tolski é um moço excelente, às vezes, porém, um tanto infantil... Nilocau Ivanovitch Bukharine... um camarada inteligente, se bem que seus trabalhos sobre questões literárias sejam bastante irrisórias. E eu já lhe tenho dito que ele não entende nada dessas coisas...

(Cont. na página 56)

NÃO DEIXEM DE LER
no
EU SEI TUDO
DE JUNHO
UM SÁBIO FOTOGRAFA
O PASSADO



EM 2.000 ANOS, O CRISTO
APARECEU 100 VEZES

AS RAZÕES DO DIVÓRCIO
E MUITOS OUTROS ASSUNTOS

★
Cr\$ 10,00 EM TODO BRASIL

★
REDAÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPE,
15 — LAPA — RIO

FLASH PAULISTA

CATETE À VISTA

HÉLIO ABREU

● Não constitui mais segredo o propósito do sr. Jânio Quadros de eleger-se presidente da República. Mesmo aqueles que acreditavam estar o governador de São Paulo apenas interessado em realizar um bom programa de governo para depois recolher-se a um período de descanso, já o enxergam no Catete. Todos os gestos e atitudes do sr. Jânio Quadros indicam este objetivo, senão, vejamos: Em primeiro lugar cabe analisar a política de austeridade administrativa que S. Excia. vem desenvolvendo à frente do executivo, política essa que, se por um lado pode desagradar a chefetes políticos do interior, pelo outro cala profundamente no seio da massa, que vê no governador uma espécie de Eduardo Gomes civil e mais atualizado, misturado com boa dose de um Getúlio Vargas de 40 anos. Em segundo lugar, é digno de registro o cuidado com que vem o governador se conduzindo no âmbito nacional onde, por força de seu próprio temperamento, surge aos olhos de milhares de brasileiros na condição de um homem diferente, construtor de estradas e autor de bilhetinhos quase sempre engraçados e na maioria das vezes impertinentes. Seja como for, o certo é que todos os atos do governador de São Paulo dizem respeito à conquista do Catete, incluindo-se aí as suas vastíssimas realizações na terra bandeirante. O afastamento do perigo Ademar — que hoje por muitos é considerado uma realidade — colocou o sr. Jânio Quadros na situação de "estrela" de primeira grandeza na política paulista e o impediu dissimulasse por tempo maior o namoro ao Palácio do Catete. Com a UDN presa a compromissos morais de difícil dissolução, trazendo pelo cabresto o PSD "maleável" e contando com boa parte do eleitorado flutuante do país, dizem os entendidos restar apenas ao sr. Jânio Quadros constituir um "Estado Maior" político capaz de manusear a intrincada rede partidária nacional, maneira única de aglutinar os setenta por cento dos votos que estão longe do poder da publicidade escrita e falada.

De qualquer maneira é o sr. Jânio Quadros o mais provável candidato à sucessão do presidente Kubitschek e disso só têm dúvidas aqueles que vaticinam o continuismo do atual primeiro mandatário da nação.



Porfírio da Paz



Cirilo Júnior

REGRESSO. O governador Jânio Quadros deverá estar de volta ao Brasil até o dia 15 de junho. S. excia., ao que dizem, está bastante contente com a conduta do general Porfírio da Paz nos Campos Elíseos.

MINISTRO. Fortes correntes políticas de São Paulo e Paraná la-

zem, no momento, gestões junto ao governo federal no sentido de levar para o Ministério da Agricultura o sr. Renato Costa Lima, antigo titular de igual pasta no governo do prof. Lucas Garcez.

FARESP. Não é boa a situação do presidente da FARESP, sr. Clóvis Sales. S. s. parece que perdeu

a calma e disse o que não devia sobre o atual ministro da Fazenda, em reunião da federação a que preside. Entre outras coisas teria o sr. Clóvis Sales sugerido fôsse feito um ofício ao Ministro da Guerra pedindo providências para os agricultores e pecuaristas de S. Paulo.

PISADO. O sr. Wladimir de Toledo Pisa não está satisfeito com a atuação do general Porfírio da Paz. O prefeito alega não ter conseguido despertar a atenção do governador para fatos do interesse direto do povo da capital.

NOVO CHEFE. Está definitivamente assentada a ida do ministro Tancredo Neves para a chefia do Gabinete Civil do Presidente Kubitschek. Não se confirmou a versão de que seria o sr. Cirilo Júnior o substituto do sr. Alvaro Lins, que vai sair em virtude de seus desacertos com grande número de deputados.

ELEGÂNCIA. O comendador Alberto Bonfigliogli continua a figurar na lista dos cronistas sociais como um dos homens mais elegantes de São Paulo. Bonfigliogli é também destacado banqueiro e grande industrial, detendo o controle do poderoso Banco Auxiliar de São Paulo e das fábricas CICA.

FIASCO. Todo mundo já se esqueceu do feito do cão policial DICK, que descobriu o menino Eduardo, raptado por um malfeitor em plena capital paulista. Agora, lemos nos jornais que a polícia resolveu encerrar o caso em virtude de sua incapacidade em descobrir o criminoso. Como vemos, DICK vale muito mais que os falsos Sherlocks paulistanos.

FOLCLORE. A escritora Maria Amália Corrêa Giffoni foi eleita membro da Comissão Paulista de Folclore. A romancista em questão é autora de livros de grande sucesso, entre os quais figura «Danças Folclóricas Brasileiras», cuja edição acha-se praticamente esgotada.



Toledo Pisa

INTRIGA. Durante um programa de televisão, instado pelo locutor, declarou o sr. Amador Aguiar (Banco Brasileiro de Descontos) ser tão desesperadora a situação dos cafeicultores nacionais que melhor seria fôssem «arrancados os pés de café» e que cuidassem de outra cultura. Nenhuma crítica direta ao Presidente Juscelino foi feita, o

que, todavia, não impediu uma intrigazinha de elementos interessados em perturbar suas boas relações com o Catete. O sr. Amador Aguiar é um dos mais destacados homens de ação de São Paulo e tem a seu crédito a organização do poderoso banco que dirige. É apolítico e desfruta a fama (com justiça) de ser culto e inteligente. O que se passou foi um desabafo seu, um protesto honesto contra a calamidade econômica que está avassalando este país. Ouvimos o programa do qual teve participação e, por que não dizê-lo, muito nos agradaram suas declarações.

EFICIÊNCIA. Os funcionários da Real-Aerovias estão em dúvida para saber como apelidarão o sr. Luís Tendler, simpático «pau pra toda obra» do Aeroporto de Congonhas. Alguns já sugeriram fôsse Tendler batizado de «Mosquito Elétrico», tal a rapidez com que resolve os intrincados problemas da importante companhia. Luís, entretanto não gostou e pediu fôsse a ele facultada a escolha do apelido que deverá tomar. Dizem (as funcionárias) que ele «balança» entre a escolha de «Ty Power» e «Burt Lancaster»...

ALGODÃO. O sr. Benedito Queiroz está apadrinhando a FARESP no caso do financiamento do algodão. Kubitschek parece inclinado a conceder o referido financiamento à base de 150 cruzeiros a arroba.

LIDERANÇA INDECISA. O pessimismo bandeirante não está satisfeito com a atuação do sr. Luciano Nogueira Filho na liderança de sua bancada. Dizem que lhe faltam tanto o tato quanto o refinamento do deputado Narciso Pieronni, antigo líder.

MAZZILLI. O deputado Pascoal Ranieri Mazzilli, líder da bancada pessedista na Câmara Federal, foi homenageado pelo «Centro Acadêmico 22 de Agosto», da Faculdade Paulista de Direito. O motivo da homenagem foi a conquista, por parte de Mazzilli, da verba federal de 2 milhões de cruzeiros para a faculdade em questão.



Alberto Bonfigliogli

CHICO LANDI. Surgiu em São Paulo um novo Viloresi. Dizem estar ameaçada a posição do «navalha» Chico Landi. Trata-se de Joel Sanches, mais conhecido por «Joelzinho 180». Dizem que a equipe da Ferrari, entusiasmada com a «performance» do novo astro do volante, resolveu incluí-lo nas corridas de Monza e Monte Carlo.



RIBEIRÃO PRETO

ARARAS
LEME
PIRASSUNUNGA
PORTO FERREIRA
CRAVINHOS

**12 VIAGENS
POR DIA**

PARTIDAS DE SÃO PAULO

6,05 - 7,05 - 11,05 - 15,05 - 18,05 - 22,05

PARTIDAS DE CAMPINAS

7,30 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 19,50 - 23,50

PARTIDAS DE RIBEIRÃO PRETO

5,40 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 21,50 - 23,50



AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (lgo. da Estação) - Fone 5848

RIBEIRÃO PRETO

Rua Alvares Cabral, 287 - Tel. 2385

VÁ PELO MELHOR!



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

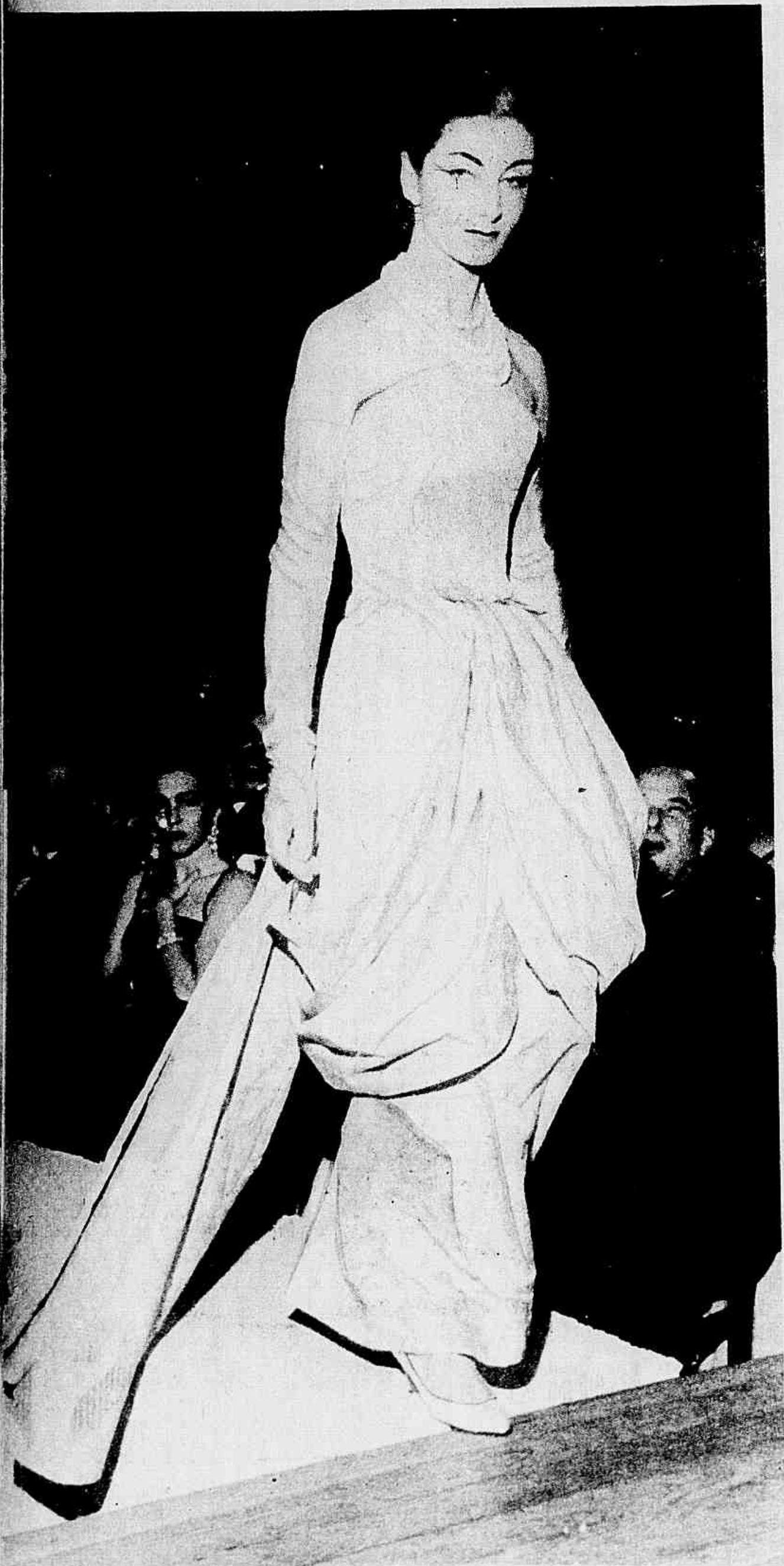
VIAÇÃO Ltda.

AZASO EB-5

NO COPACABANA-PALACE

HUBERT DE GIVENCHY é, dos grandes costureiros franceses da atualidade, talvez o mais moço. Com menos de trinta anos, porém, conseguiu uma notoriedade que o coloca ao lado de seus mais famosos colegas, desde o malogrado Jacques Fath (com quem, aliás, trabalhou por muito tempo, antes de se tornar ele próprio um criador da moda), até Christian Dior e Pierre Balmain. De 1950 para cá, Givenchy, libertando-se do atelier e da influência de Fath, passou a idealizar seus próprios modelos, que desde o início se caracterizaram por sua grande originalidade, mormente no que se refere a blusas e mangas, umas e outras exóticas. Hoje em dia, na Europa, o nome GIVENCHY é sinônimo de bom gosto e de imaginação, em matéria de moda feminina. E ainda mais difundido está desde o dia em que Hubert, num gesto de grande alcance, contratou para modelo exclusivo a famosa Bettina, última paixão do irrequieto Ali Khan. Agora, Hubert Givenchy está no Brasil. Sua passagem é rápida, mas certamente, há de ser marcante. No desfile de suas confecções, levado a efeito no Copacabana Palace, não faltaram elogios e palavras de entusiasmo, à medida em que desfilavam seus cinco graciosos modelos.

Fotos de CARLOS



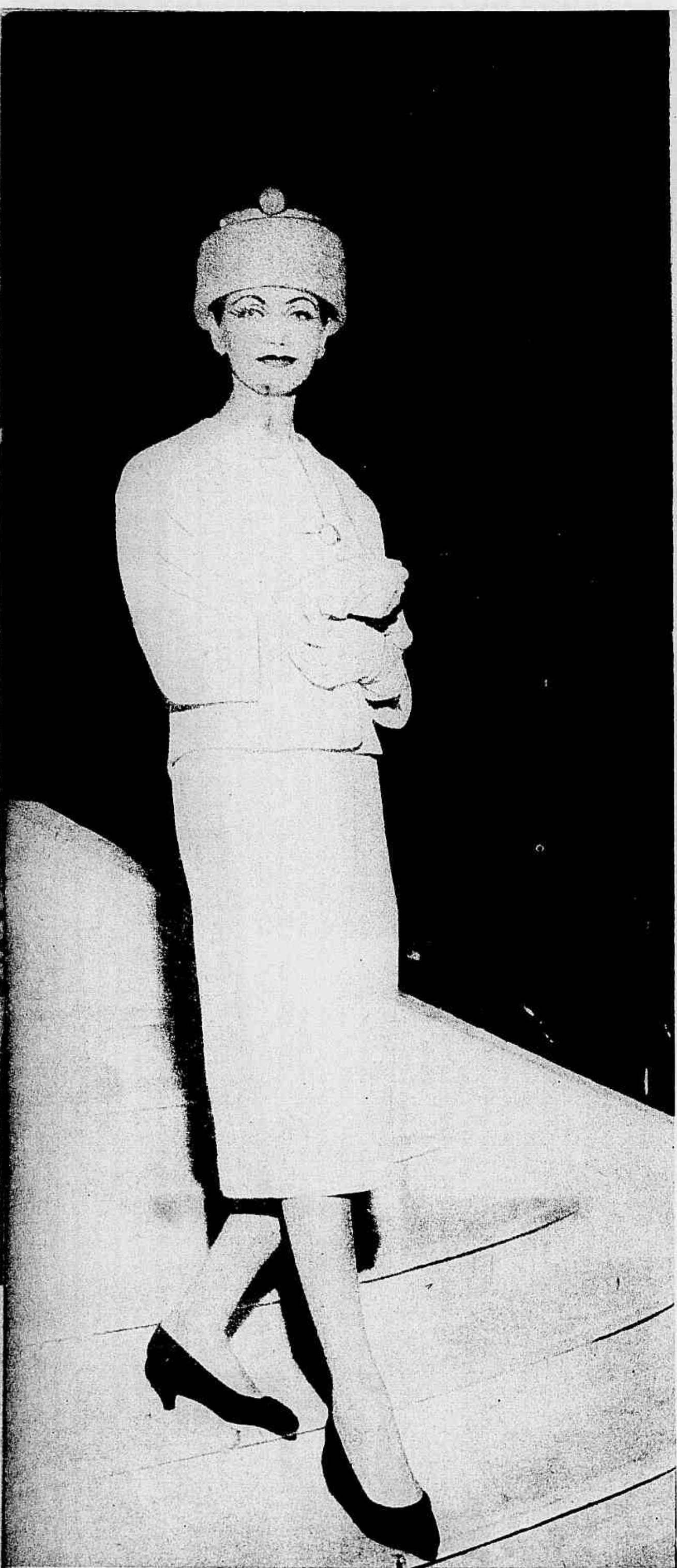
DENISE APRESENTA-SE NUMA CRIAÇÃO DE INSPIRAÇÃO ORIENTAL.

GIVENCHY



JACKIE, CUJA MINÚSCULA SILHUETA RECORDA A DE AUDREY HEPBURN, DESFILA PELA PASSARELA DO COPA, ANTE OS OLHARES DA PLATEIA.

Y DESFILA SEUS MODELOS ▶



Há muito que as elegantes cariocas não presenciavam a um des fi

GIVENCHY, que ainda muito moço conquistou a fama, como idealizador dos mais extraordinários e exóticos modelos femininos, não se limita somente à confecção de vestidos: também seus chapéus são muito justamente afamados. Seus inimigos, que são todos aqueles que no jovem costureiro parisiense vêem seu mais sério competidor, julgam-no desprovido de imaginação e um pouco brutal em suas idealizações. E, com efeito, os chapéus que são vistos, nessas páginas e nas demais, recordam-nos, por vezes, capacetes coloniais ou quepes

de bombeiros. Não compete, todavia, a um costureiro — mesmo se esse costureiro se chamar Givenchy, e tiver à sua disposição algumas dezenas de artesãos, prontos a executarem de maneira magistral a mais bizarra idéia que ocorrer ao Mestre —, não compete, repetimos, a Givenchy, nem a qualquer outro famoso imaginador de vestimentas femininas, impingir elegância a suas clientes. Um modelo de Givenchy não terá jamais vida, se o não vestir alguém capaz de envergá-lo com "aplomb" e graça. Ou, em outras palavras: não é a vestimenta que faz a ele-



des file como o que lhes proporcionaram Givenchy e suas garôtas

gância, mas essa que sobremaneira valoriza a vestimenta. Givenchy imagina, seus inúmeros operários põem em prática a idéia, e a mulher elegante veste o produto final. Dela, somente, depende a valorização de tal modelo. Conforme seja, ou não, elegante, os modelos de Givenchy cair-lhe-ão, ou não, de maneira maravilhosa. De maneira maravilhosa, por exemplo, com que assentam nessas cinco meninas trazidas pelo costureiro diretamente de Paris, e que se chamam Francine (a alegre), Denise (a melindrosa), Jackie (a exótica), Pia (a taci-

turna), e Peggy (a aristocrata). É de se ver como desfilam, elas, de maneira inconfundível e verdadeiramente empolgante — tal como aconteceu há pouco, no Copacabana, durante a apresentação de vários vestidos de Givenchy à elite carioca.

VEJA PÁGINAS 58 A 61

A qualquer hora
do dia
ou da noite

a
RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

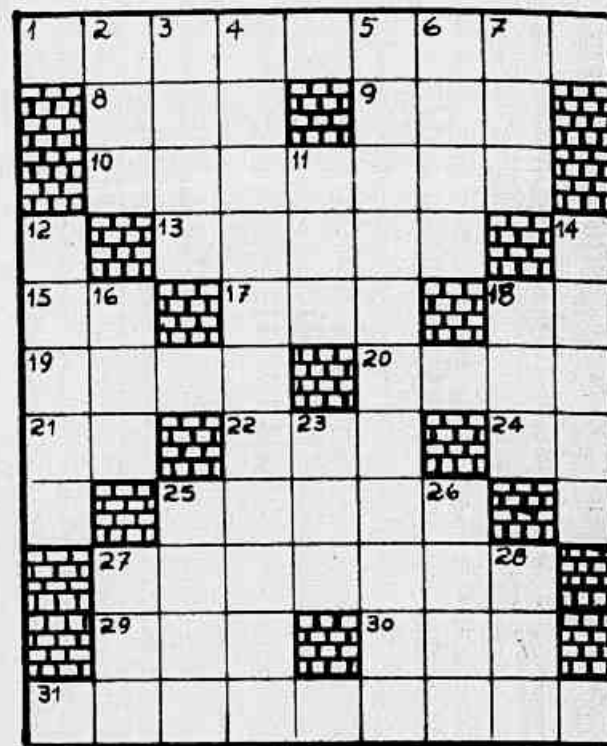
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 122

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Exaltar — 8. Antigo navio de combate — 9. Palavra sânscrita, que significa «homem» — 10. Fraudes — 13. Dialeto do sub-grupo naga, da família tibeto-birmane — 15. Décima segunda letra do alfabeto grego — 17. Deus dos antigos sírios, patrono das artes e da agricultura — 18. Preceptora de Baco — 19. Pear — 20. — Nome de homem — 21. Cabilda de mouros — 22. Terceiro — 24. Nota musical — 25. Que é tido em grande valor (pl.) — 27. Autor de obra tósca — 29. Pássaro da família dos Tanagrídeos — 30. Labareda — 31. Artanitas.

VERTICAIS: — 2. Presentemente — 3. Cidade da Suíça — 4. Muito antigo — 5. Adornam com artifício — 6. Vela latina, que se usava antigamente em ocasião de temporal — 7. Suspiros — 11. Pau-d'arco — 12. Paga — 14. Peça da armadura que cobria o elmo e descaía sobre os ombros — 16. Peneira — 18. Cavalo que tem o pelo mesclado de branco e vermelho — 23. Indignação — 25. Onomatopéia que exprime um ruído seco — 26. Torne válido — 27. Ave da família dos Larídeos — 28. Divisão administrativa da Suécia.

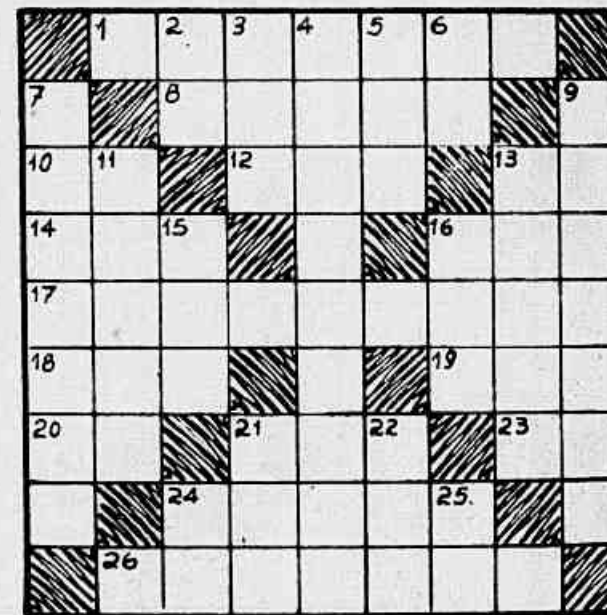


Claner - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Moço, rapaz — 8. Derrama lágrimas — 10. Sigla automobilística do Amazonas — 12. Quer bem — 13. Símbolo do rádio — 14. Caminho orlado de casas — 16. Rio da Suíça — 17. Cada um dos símbolos utilizados para a representação escrita dos números — 18. Tombei — 19. Certa planta da Índia — 20. Pessoa exímia — 21. Governanta — 23. — Ali — 24. Luta, contenda — 26. Nome de uma árvore cuja madeira é própria para construções.

VERTICAIS: — 2. Antes de Cristo — 3. O mesmo que iaia, senhora — 4. Reduzir a menor volume; apertar — 5. Época — 6. Ama-sêca — 7. Chocalhos — 9. Beatas — 11. Fêmea do mulo (pl.) — 13. Ramificação — 15. Atuei — 16. Membro de ave — 21. Pedra do altar — 22. Comandante turco — 24. Símbolo do bromo — 25. Prefixo que denota posição em derredor.



Claner - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 121

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: asa — jugulam — etmoide — ar — Arc — Nt — Best — arte — ambó — Nuit — nial — tiro — oa — Obi — os — díginos — adinamo — aos.

VERTICAIS: Agmatologia — suor — alicantinas — jeremiadas — ut — ad — mentiroso — abano — tetos — Sba — Rui — bino — id — om.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: aca — bar — Cariris — camarotes — AM — nu — levantado — sedeara — Otr — roa.

VERTICAIS: abrasador — cair — arrostará — Camés — am — it — senda — cal — suo — vê — neto — ar.

A ACRÓPOLE DO VASA-BARRIS

EDUARDO TOURINHO

DENTRO em breve, uma represa de vinte e cinco quilômetros de extensão — que será o Açude Cocorobó — submergirá Canudos, a acrópole de taipa do Vasa-Barris, que Euclides em OS SERTÕES, chamou a *Troya de barro*, tal Nina Rodrigues chamara Palmares a *Troya negra*. Foi o espantoso reduto dos jagunços — que europeus, aborígenes e africanos geraram em intenso cruzamento às margens do São Francisco. Braço da lavoura, barqueiro do rio, alma dos garimpos, o jagunço — centauro das caatingas — vara, sem temor, o dédalo dos espinhais em perseguição da rez tresmalhada ou da *barbatã* revel que nunca viu curral. Seus ancestrais — brancos e índios, cabanos e mamelucos, negros, mulatos, curibocas — viveram nos domínios de grandes latifundiários como os Garcias d'Ávila da Casa da Torre ou os Guedes de Brito da Casa da Ponte. De potentados, como Domingos Jorge Velho ou Matias Cardoso de Almeida. De capitães de bandos, como Dias do Prado ou Nunes Viana.

No século XVII, enquanto a obra de colonização se estendia à beira do grande caminho líquido, índios confederados, negros quilômbolas e mamelucos nômades assaltavam fazendas, roubavam gado, trucidavam vidas. Na centúria seguinte, Têrços de Ordenanças, Auxiliares e Dragões ali bateram as hordas sediciosas do padre Santiago; dos Figueiras, de Montes Claros; dos Cardosos, da Casa Grande da Fazenda das Pe-

Em Canudos, um regime monacal. José Félix — o *Taramela* — cuidava do *Santuário*, auxiliado por oito caboclas moças que, também, cuidavam do *Santo*. A aguardente era proibida e os excessos punidos. As viúvas alegres dos tristes jagunços mortos na luta contra a coluna Pires Ferreira, foram expulsas da comunidade depois de açoitadas. Figuras proeminentes no Arraial, eram: João Abade, Pajeu, Pedrão, Macambira, o estrategista das cruéis ciladas às forças legais. E, ainda, Lalau e João Venâncio, João Gama e Quinquim de Coiqui, Antônio Bento e João da Mata... Curandeiro de Canudos, era João Quadrado.

x x x

A uma encomenda não recebida, promete o *Conselheiro* atacar Joãozeiro. A tal ameaça, cem praças do Exército — a expedição Pires Ferreira — são enviadas contra a cidade de taipa. Em Uauá, são dizimadas. Nova expedição: onze oficiais e duzentos soldados sob o comando do major Febrônio de Brito. A entrada do Arraial, a coluna é dispersada e supre os jagunços de um armamento que eles quase não possuíam. Isso, entre 4 e 21 de novembro de 1896. A 8 de fevereiro do ano seguinte, chega a Queimadas a expedição Moreira César. Investe contra Canudos: seu comandante paga a bravura com a morte e o coronel Tamarindo —



A HISTÓRICA cidadezinha de Canudos, que podemos ver na foto, será em breve submergida pelas águas de gigantesco açude. Mais um sítio de grande importância histórica que desaparece para sempre.

dras; dos Cerqueiras Brandão, de Morrinhos, dos Gerales Pereira, de Carinhonha; dos Virassayras, do Rio Verde... No segundo reinado, floresceu o jaguncismo ao bafejo do intendente, do deputado e do coronel. Na República, ao mando de Horácio de Matos; de João Duque, de Carinhonha; de Castelo Branco, de Remanso; do coronel Franklin de Albuquerque, de Pilão Arcado; de Francisco Liobas, de Sento Sé. Foi nesse meio hostil, lutando contra a natureza e lutando contra seu semelhante, que o jaguncismo se expandiu. Esses traços explicam e justificam a tragédia de Canudos, que os fanáticos chamavam Belo Monte.

x x x

A ignorância e a superstição fanatizaram o jagunço ao *Santo* do Arraial do Bom Jesus. O *Santo*, o *Conselheiro* era Antônio Vicente Mendes Maciel. Na terra natal — o Ceará — assistira a morticínios de sua família contra a família dos Araújo. Teria assassinado a esposa e conhecido a enxovia... Depois, atravessara sertões e em 1893 domina Canudos. Lembrava, então, um ermita: — «sombrio, cabelos crescidos até os ombros, barba inculta e longa, olhar fulgurante». Cingia-o um burel azul. Amparava-o o bordão dos peregrinos. Incrustou Canudos entre colinas: Canabrava, Poços de Cima e Cocorobó, à direita. À esquerda, Calumbi, Cambaio e Caipan. Duas igrejas às margens do rio. No alto, o *Santuário* e cinco mil e duzentas casas de pau-a-pique dispostas em cinco conglomerados. A displicência de governantes e a indiferença de eclesiásticos, esse aldeamento original expandiu-se vertiginosamente. De Cumbe, de Entre Rios, de Mundo Novo, de Inhambupe e de Tucano famílias e famílias se deslocaram para Canudos — entre andores e iadainhas — atraídas pela santidade e os milagres do *Conselheiro*.

que o substitui — tem o mesmo fim. Mas a bravura de Moreira César orna o rimário dos trovadores:

Coronel Moreira César
— Um nó de cana caiana —
Levou chumbo nos Canudos,
Foi morrer nas Umburana...

Um ano após a luta, Canudos — um verdadeiro cemitério — era cantado pelos tropeiros anônimos:

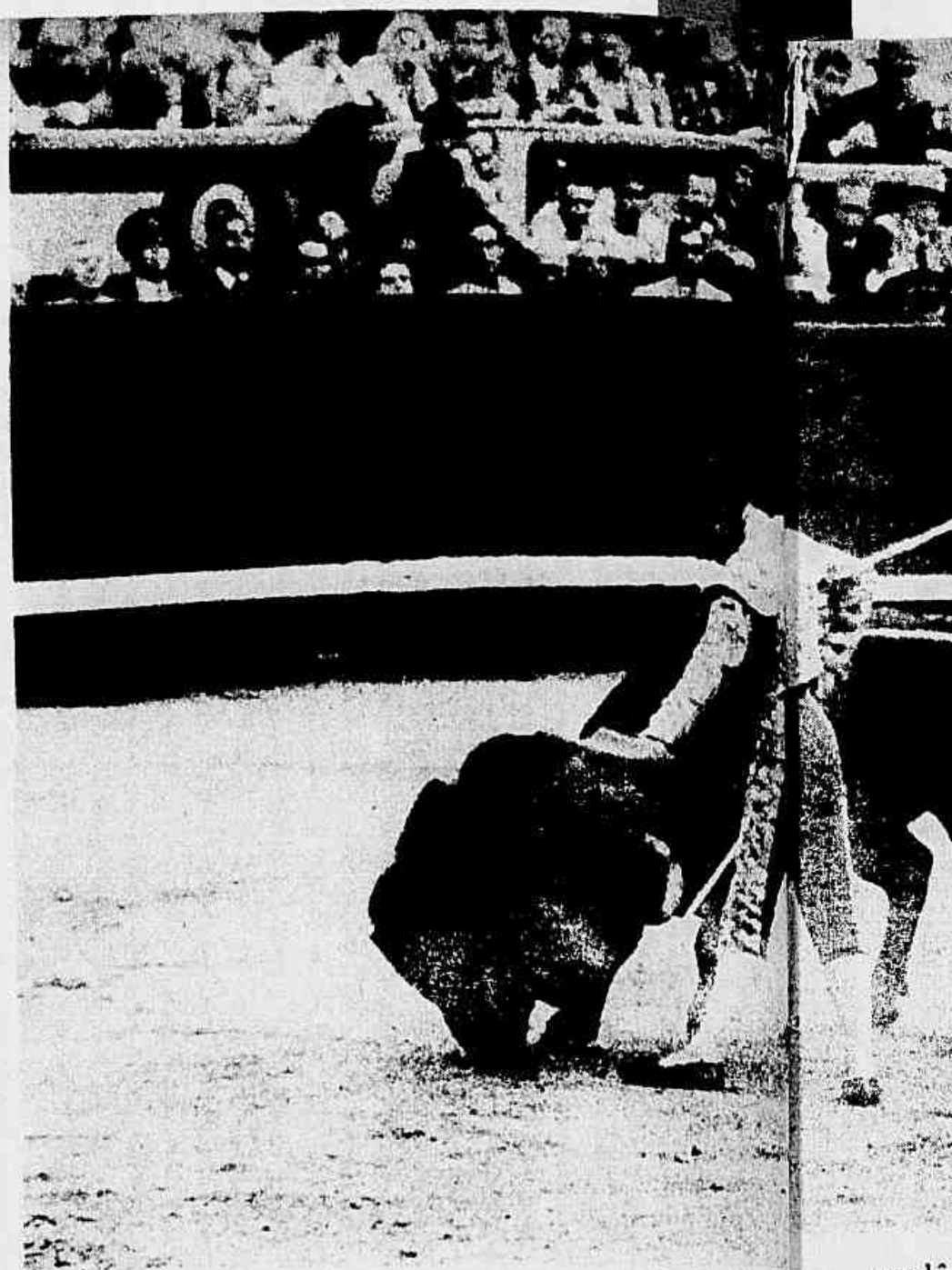
Os urubu de Canudos
Escreveu ao Presidente
Que já 'tão de bico fino
De comê carne de gente.

A quarta expedição — sob o comando dos generais Artur Oscar e Amaral Savaget — deixa Queimadas. Depois dos trágicos combates de Cocorobó, Angico e Favela, assediam o Arraial. A 25 de setembro, completa-se o cerco. No inferno de Canudos — sem pão e sem água, consumidos pelo incêndio — os sitiados atiravam sempre... A 1 de outubro, os sitiados desencadeiam o ataque final. A 5, o último reduto foi tomado um coval ao lado da Igreja Nova, onde havia um velho ferido, um adolescente e dois sertanejos. Estóicos heroísmos marcaram a bravura de sitiados e sitiadores. Entre os mais cruéis episódios está a carga do 30º à hora em que tombou o coronel Tupi Caldas. E está a ação do 5º Corpo de Polícia baiana, que entre a fuzilaria cerrada cantava as trovas prediletas. E, também, o assalto do filho de Macambira e mais dez jaguncinhos ao canhão Krupp 32 — a «Matadeira» — que hoje, na base de granito, ergue-se sobre Canudos em lembrança dos bravos que ali tombaram.

AS TOURADAS DE SANTO ISIDRO EM MADRID

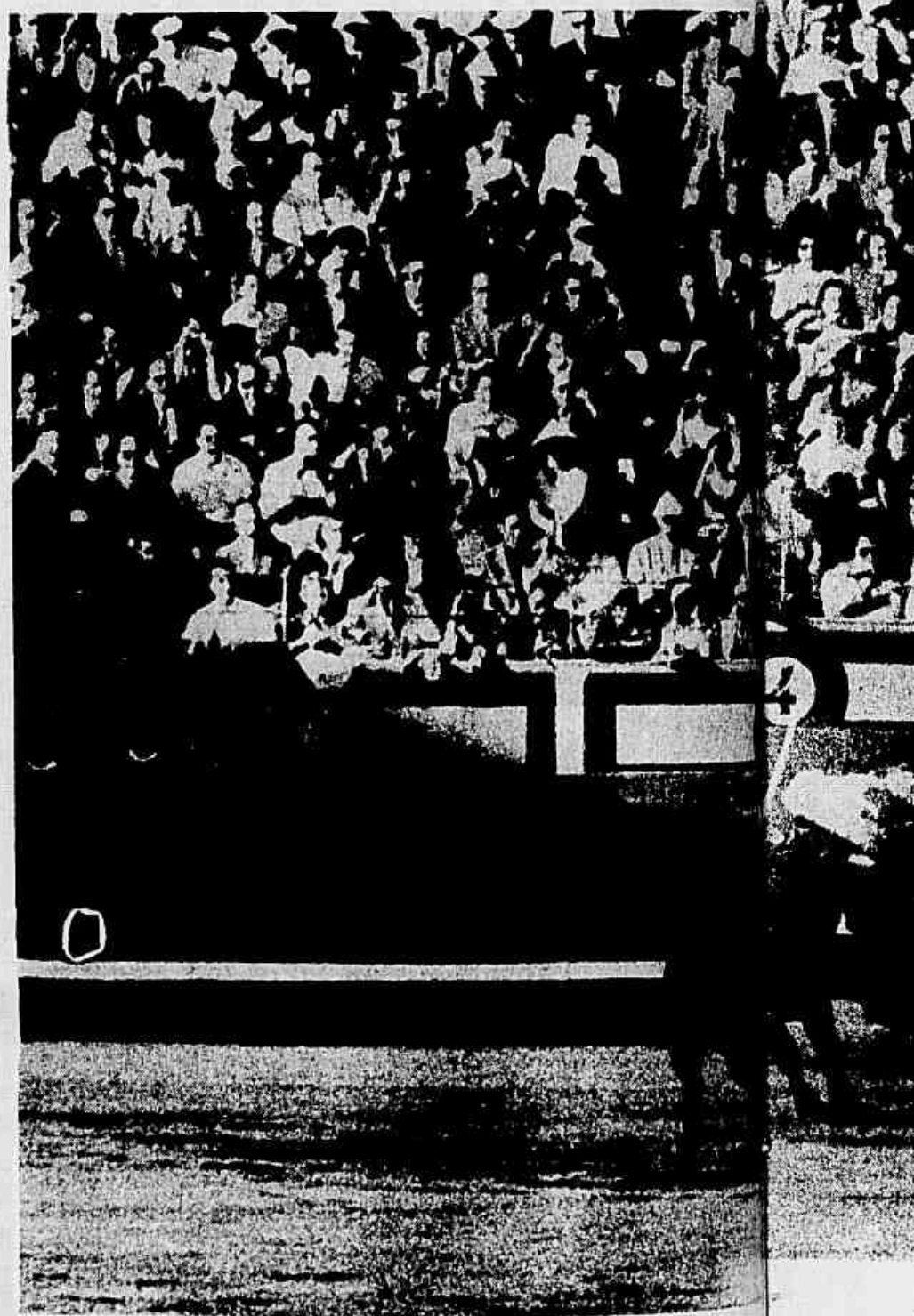
AS festas do padroeiro da capital da Espanha dão sempre motivo a que se realize uma já tradicional e espetacular tourada. Na Espanha, tudo é pretexto para que essa manifestação desportiva faça ato de presença, mas as touradas de Santo Isi-

dro revestem-se de excepcional brilhantismo, e são das mais importantes. Este ano, elas forneceram assunto ao noticiário dos jornais, porque um popular espada sevilhano, Manuel Vazquez, quando pegava o seu primeiro touro, demonstrando invulgar coragem e um destemor pela



Antônio Bienvenida (alto, esq.), num «paseo» magnífico, de arte pura e clássica. — Don Ángel Peralda (à direita), num flagrante do seu

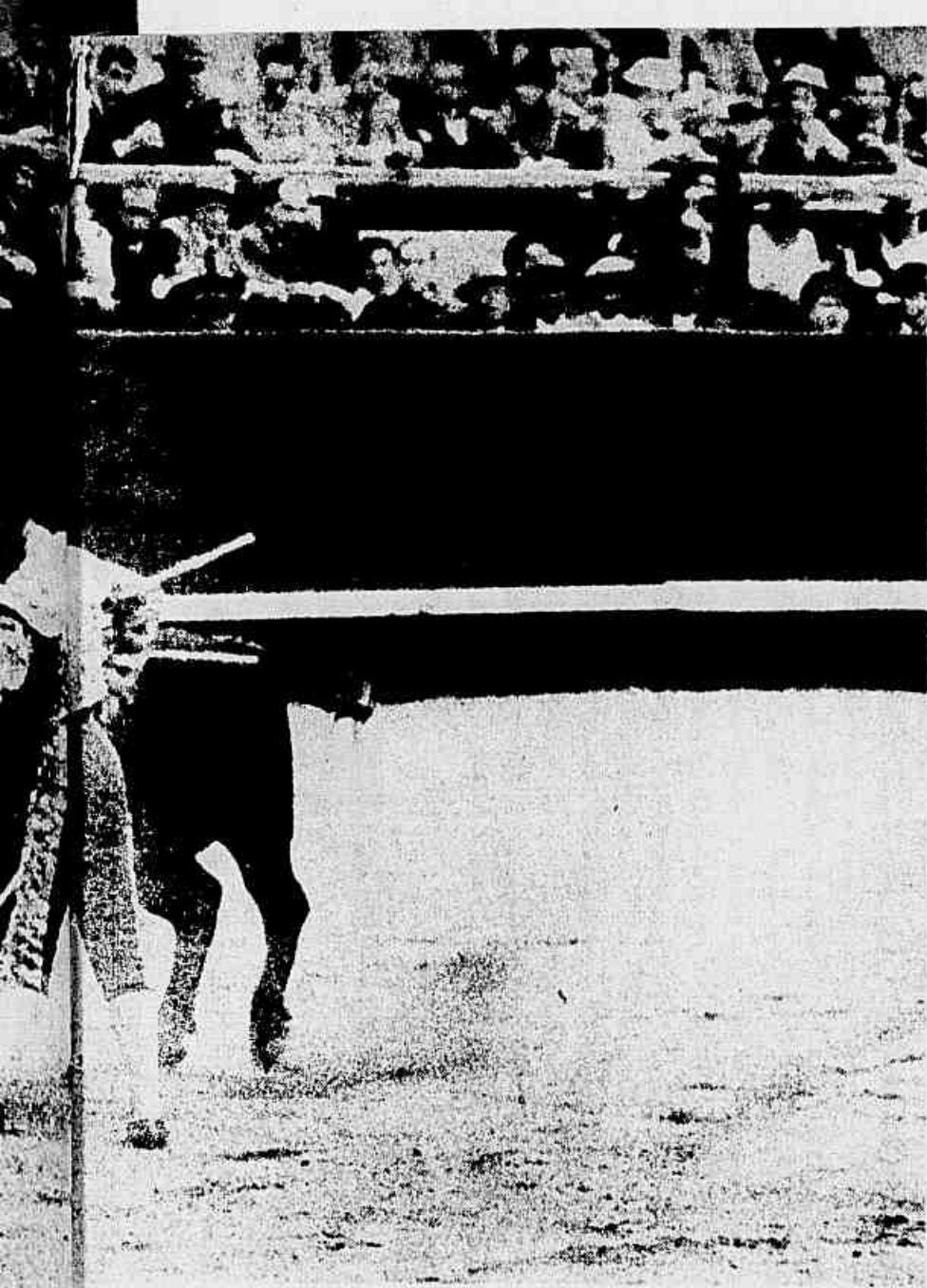
esplê
vilhan
colhi



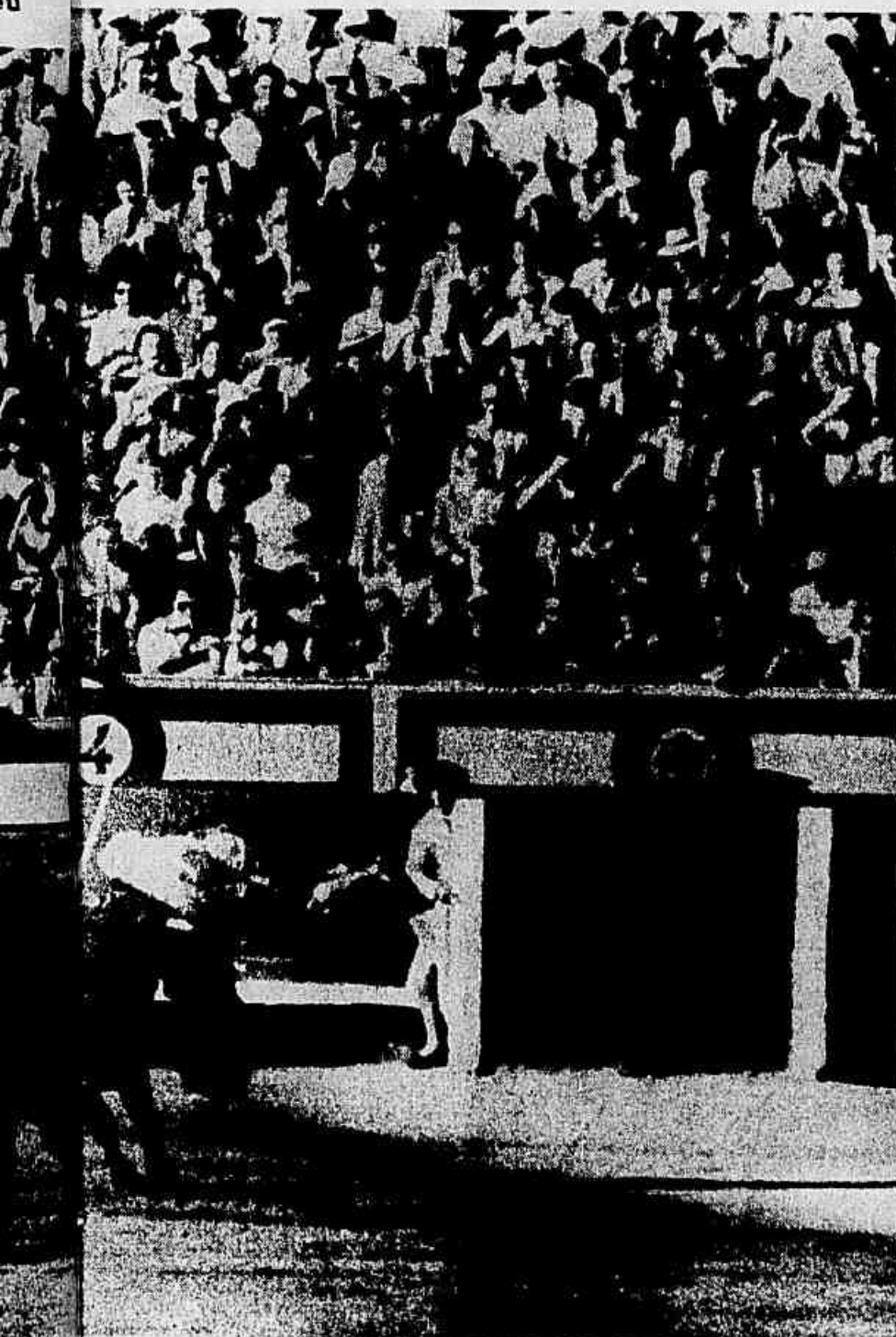
vida próprio dos praticantes em touradas, foi colhido pelas hastes do animal, que o jogou a respeitável distância. As consequências foram somente um grande susto, que eletrizou o auditório, e algumas escoriações, das quais Vazquez, prontamente se restabeleceu.

Cumprindo a tradicional cerimônia, o madrileño Antônio Chenel (Antonete) resa fervorosamente, na capela da Praça de Touros, em Madrid, antes de enfrentar o indomável «miura».

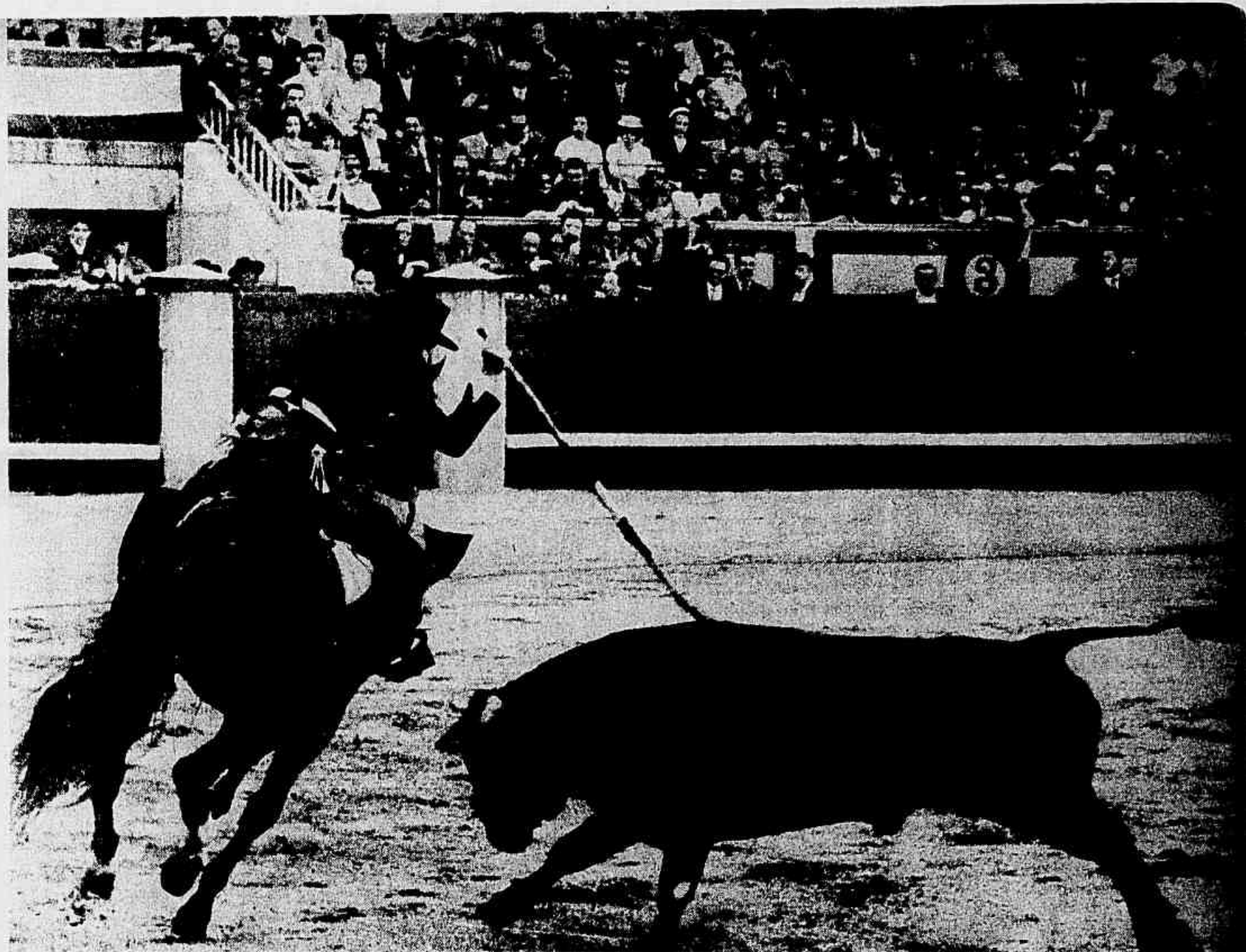
E o
o se
solen
indife
ras o
repic
a cor
de g
e me



esplêndido toureiro a cavalo. — O espada sevilhano Manuel Vazquez (em baixo, esq.), foi colhido espetacularmente pelo seu primeiro tou-

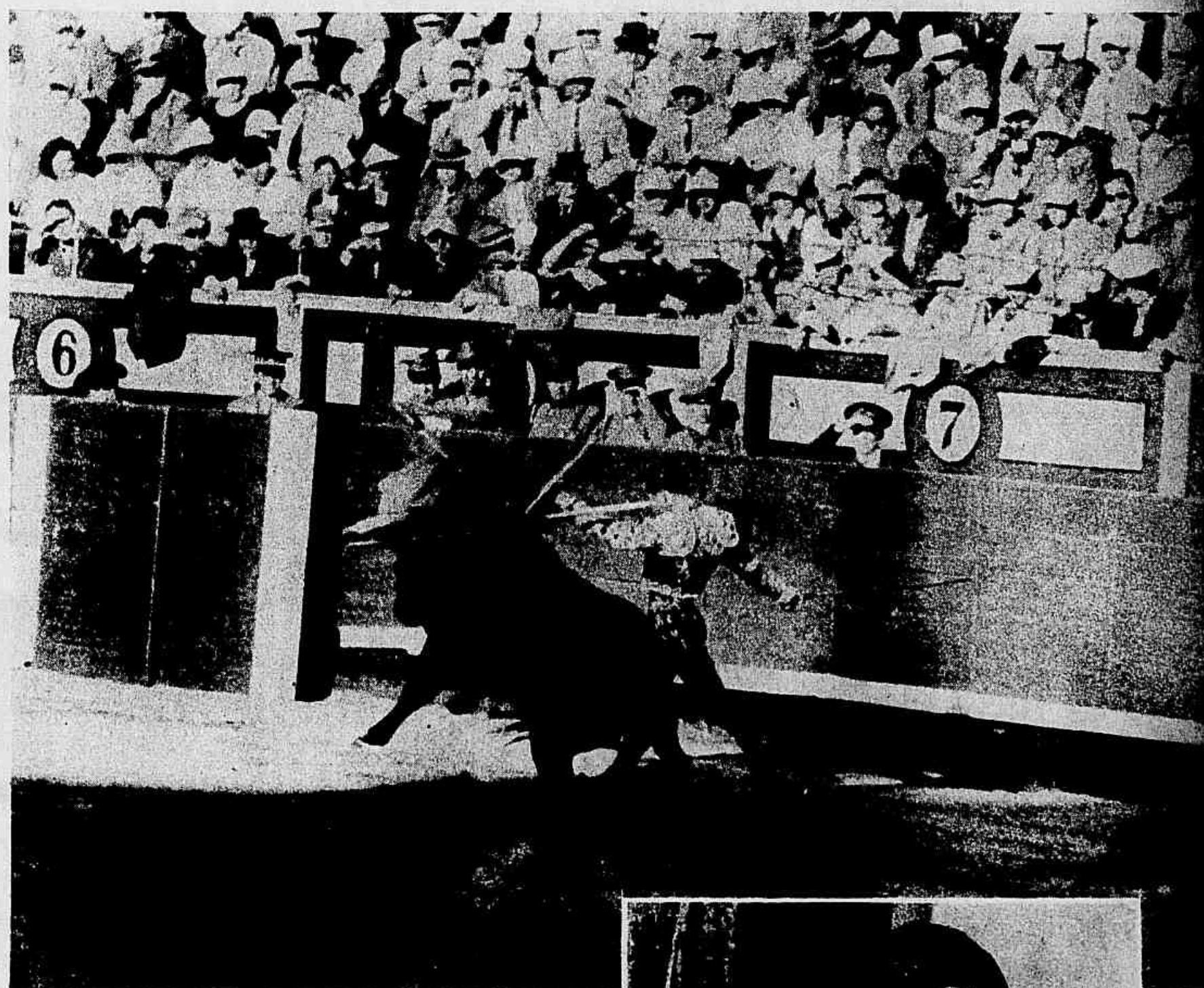


E as festas de Santo Isidro prosseguiram, com o seu tradicional aparato, multiplicando-se em solenidades religiosas, que enternecem ao mais indiferente dos turistas. Desde as primeiras horas da manhã, todos os sinos da grande cidade repicam e convidam os habitantes madrilenhos a comparecer às cerimônias, enchem-se as ruas de gente que de todos os pontos do país afluiu, e mesmo do exterior, para assistir à magna fes-



ta. Um susto e alguns golpes recebidos. Essa foi a vez do touro... — Francisco Mendes (à direita), cavaleiro português, confirmou sua «al-

ternativa» nessa espetacular corrida, toureando de maneira clássica e invulgar, arrancando estrepitosos aplausos dos madrilenhos.



ta, e o entusiasmo é coletivo. Mas as corridas de touro de Santo Isidro dão a nota, por excelência, ou não fôsse o desporto tauromáquico o de maior vibração coletiva em terras de Castela.

O cavaleiro «rejoneador» Don Angel Peralda é, como a maioria dos toureiros a pé, extremamente religioso. Antes de partir para a arena, acende umas velas ao santo de sua devoção.



O NOVO SISTEMA 45 DA RCA

● Desde a invenção do fonógrafo por Thomas Edison, em fins do século passado; que a RCA Victor representa a expressão máxima no tocante às pesquisas do som gravado, seu desenvolvimento técnico e difusão em alta escala. Esta companhia, que mantém uma equipe permanente de engenheiros especializados, sempre se conservou na vanguarda em matéria de *promos* e técnicas técnico-científicas relacionadas com a fonografia em geral, podendo, assim, fornecer ao público de todo o mundo, discos e toca-discos da melhor qualidade. Mas quando a Columbia lançou os seus famosos "long-playing" — sistema que, indiscutivelmente, veio revolucionar a fonografia, — teve-se a impressão de que a RCA havia perdido a supremacia. Entretanto, tal impressão era falsa, pois a RCA aceitou o desafio, iniciando-se, desse modo, a célebre luta pela velocidade entre as duas poderosas companhias. E em resposta à pioneira dos "long-playing", a RCA Victor apresentou, em 1949, o proclamado revolucionário "Sistema 45", cujo aparecimento determinou a conciliação das fábricas rivais, e a consequente adoção dos dois sistemas por todas as firmas interessadas.

Não obstante ter sido lançado há mais de sete anos nos Estados Unidos, somente agora o disco e o toca-discos de 45 RPM chegaram ao nosso país. E para festejar tão significativo acontecimento, a RCA ofereceu recentemente, na sede do Clube Comercial, um coquetel à imprensa carioca, ocasião em que os cronistas do som gravado ti-

veram oportunidade de obter fartas informações sobre a estrutura e processo de gravação e reprodução do conjunto. O novo sistema apresenta inúmeras vantagens sobre os métodos conhecidos. Em primeiro lugar, baseia-se num disco de 7" (sete polegadas), gravado em microsulcos, e funciona a 45 rotações por minuto. O toca-discos, de modelo especial, possui um *pick-up* levíssimo — o que reduz extraordinariamente o desgaste do disco.

É verdade que a duração do "extended play" não vai além de cinco minutos e vinte segundos. Mas em compensação o aparelho está dotado de um trocador de discos ultra-rápido, e proporciona uma audição de 50 minutos sem interrupção, comportando um total de doze discos. Na realidade, a pequena duração do disco é explicável, primeiramente pela reduzida dimensão do mesmo, e ainda pelo fato de que a gravação deve ficar restrita à chamada "zona de alta qualidade", que vem a ser a parte do disco onde não se produz distorção de espécie alguma. Desse modo, enquanto os "long-playing" e os discos comuns de 78 RPM possuem apenas um trecho da gravação situado nessa "zona", todo o corpo do "extended play" encontra-se integrado na mesma. Esses fatores fazem com que o novo sistema apresente as seguintes características: 1) reprodução totalmente livre de distorção; 2) mínimo ruído de agulha; 3) máxima qualidade tonal; 4) disco de tamanho reduzido, leve e inquebrável.

DISCOS

◆ CONCERTO PARA VIOLINO EM RÉ MAIOR, OPUS 35, de Tchaikowsky. Outra valiosíssima interpretação de David Oistrakh, com a Orquestra Filarmônica do Estado de Moscou sob a regência de Alexandre Gauk. É fora de dúvida que a Copacabana vem quebrando a monotonia dos lançamentos realizados em nosso país, trazendo-nos novos intérpretes e novas orquestras de um mundo que até agora tem sido inacessível para os discófilos brasileiros. Nesta versão Oistrakh nos apresenta um Tchaikowsky mais sentimental e mais puro. Sua paixão parece coincidir com a do compositor, tal é a dramaticidade expressada, especialmente no 2º movimento. Esse disco de 12 polegadas (sêlo vermelho) contém ainda no lado 2, pelo mesmo intérprete, duas pequenas peças de Paganini; trata-se do Capricho Nº 13 em Sol Menor (para violino e piano), conhecido pelo nome de «O Riso do Diabo», e o Capricho Nº 17 em Mi Bemol Maior (sem acompanhamento). São obras quase despidas de valor musical, mas que despertam grande interesse como demonstração de virtuosismo. — CLP — 12011 (COPACABANA).

U

M vice-presidente, muito orgulhoso com as instalações verdadeiramente ultra-modernas de sua oficina, mostrava a um grupo de visitantes todos os departamentos da fábrica, com um sorriso no canto dos lábios. Em certo momento, detendo-se ante uma porta, virou-se para os que o acompanhavam e falou:

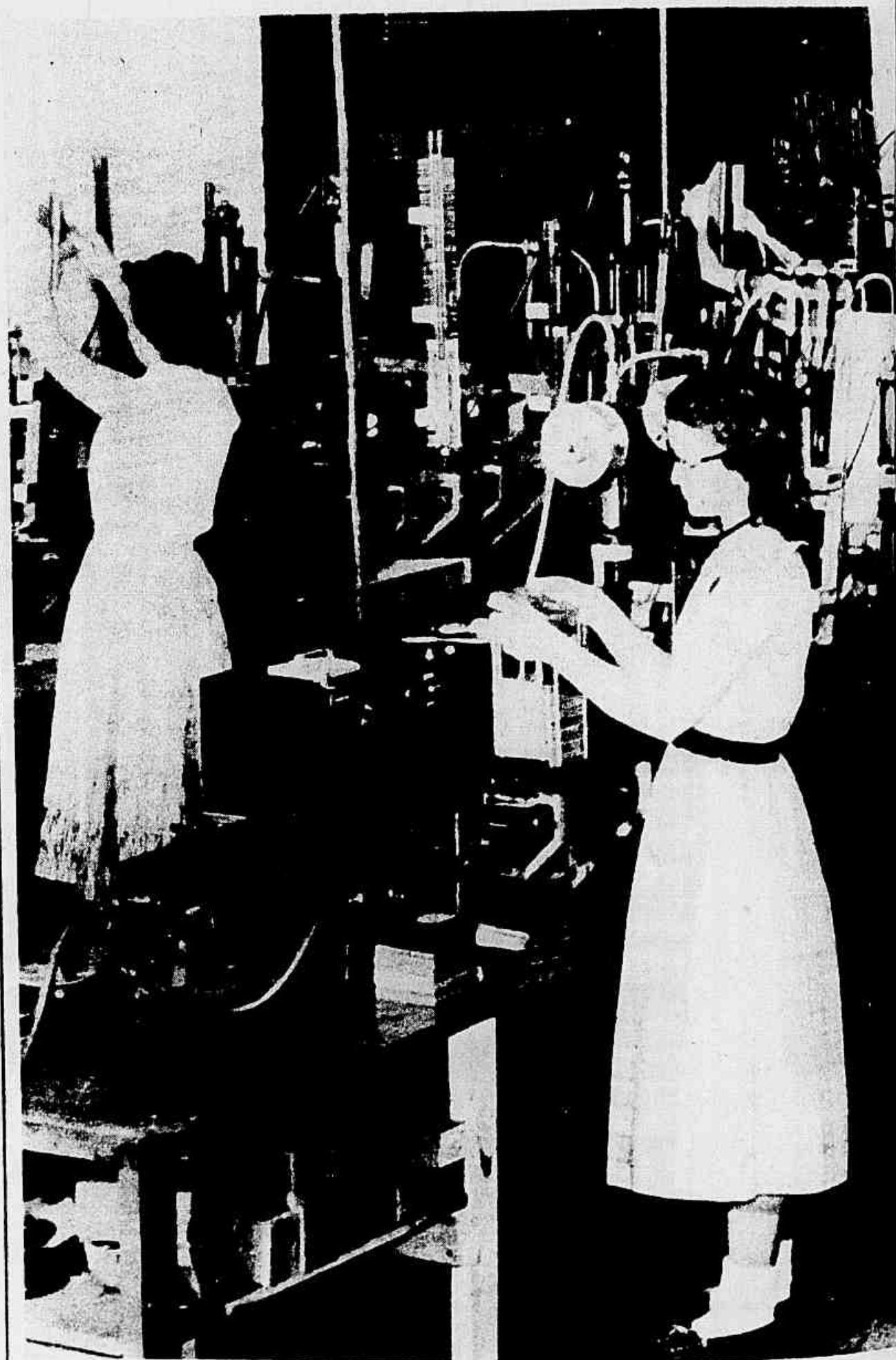
— Agora, vou apresentar-lhes meu gerente geral, o único funcionário que, realmente, toma aqui as mais importantes decisões. Diz-nos ele o que comprar, e onde comprar; decide quanto podemos dispendar, como padronizar nossas regras de produtividade; em suma: diz-nos tudo aquilo que devemos saber acerca de nosso ramo.

Assim dizendo, abriu a porta, num largo sorriso. Os visitantes ficaram estupefatos, ao deparar com uma imensa caixa negra, postada justamente ao centro de uma sala, e literalmente emaranhada numa teia de fios e de tomadas. Num painel de controle, luzes piscavam, intermitentemente. Engrenagens rodavam, e, de um dos lados da engenhoca, um rôlo de papel se desfiava, vagarosamente e era coberto de sinais gráficos os mais variados.

— Até bem pouco, tínhamos um sério problema, de vez que nem sempre realizávamos o negócio mais adequado, na ocasião oportuna. Inúmeras deficiências do pessoal, devidas ao esgotamento, à distração, ou lósse o que lósse, estão agora sanadas, graças a meu incansável «gerente». Por exemplo: nossas contas nem sempre estavam sendo recebidas com regularidade. Agora, estão em ordem perfeita, e não há qualquer possibilidade de engano em somas e em catalogações. Em determinados momentos de folga na produtividade, meu gerente é capaz de dizer-me nove maneiras diferentes para utilizar meus empregados da maneira mais prática.

Tudo se passava como numa cena de filmes de Flash Gordon. Só que a época era a nossa, o século vinte em que vivemos. Em cada vez maior número de oficinas e de fábricas, as máquinas estão substituindo os seres humanos, mesmo naquelas tarefas que até alguns anos atrás eram deixadas unicamente aos cérebros humanos mais preparados.

Em muitos casos, máquinas que já existiam são adaptadas para trabalhar segundo os novos métodos automáticos. Porém, na maioria, novas máquinas são especialmente idealizadas, e construídas, para realizarem determinadas funções, antes atribuídas a todo um grupo humano. Em



O MAIOR conjunto automático do mundo, no setor da Televisão, pertence à Admiral Corporation: fabrica, de uma só

UM GERENTE sui-generis E FANTÁSTICO

Por NORMAN A. LUNENFELD

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright, United Press

Em ambos os casos, porém, é o mesmo o resultado: O homem está sendo aos poucos eliminado, das oficinas e fábricas, dos escritórios, e sabe Deus de mais onde, e substituído por formidáveis máquinas, com as quais não poderá jamais competir.

Já existe inclusive, no plano imenso que é o automatismo em nossos dias, um projeto de fabricar «máquinas que digam a outras máquinas o que elas devem fazer», e além disso, que fiscalizem o seu serviço, corrigindo o que estiver errado... E' o que os engenheiros chamam de Sistema Super-Automático.

Seu princípio dominante é adaptar, a uma máquina automática, um outro aparelho que, à medida em que ela executa sua tarefa, vai controlando o que faz. Necessita de constantes reajustamentos, a fim de trabalhar com toda a exatidão.

A super-máquina automática tem igualmente um dispositivo pelo qual

se pode saber o que a máquina pode executar. Por meio dele é que se pode manejar a máquina automática propriamente dita. E os resultados da operação são constantemente verificados num grande painel, constante de inúmeros instrumentos de grande precisão. As medidas assim resultantes são escritas num pedaço de papel, e podem ser comparadas a qualquer momento com as que deveriam ser obtidas. Se qualquer divergência aparece, o engano é da máquina controlada pela outra maior e mais precisa, e imediatamente num painel surge o erro e é corrigido por mecanismos especiais, os «servo-mecanismos».

Exemplo de tal sistema é um forno eletrônico controlado por um termostato. A medida em que a temperatura no forno aumenta, tal informação é mandada de volta a um servo-mecanismo, que controla o acréscimo de intensidade da corrente, e a reduz.

Se pelo contrário a temperatura baixa, no forno, a quantidade da corrente é aumentada, e uma temperatura uniforme mantida.

Se por acaso houver algum engano, nos dados fornecidos ao servo-mecanismo, esse se encarrega automaticamente de emendá-los.

Nas fábricas e oficinas da atualidade existem inúmeros desses aparelhos em funcionamento. E muitos outros estão sendo introduzidos na indústria a cada dia que passa. Produzem melhor, e de maneira mais uniforme, porque a qualidade e o tamanho de cada peça podem ser controlados de um modo que nenhum olho humano poderia perceber.

Tudo isso, sem levar em conta que, enquanto o trabalhador comum pode trabalhar cerca de sessenta horas semanais com relativa eficiência, a máquina automática pode fazê-lo durante as cento e sessenta e oito horas da semana, isto é, todos os sete dias, sem um momento de folga. E além de tudo, parece que não há gênero de atividade industrial ao qual o automatismo não possa ser adaptado.

Nos dias heróicos do automatismo, a indústria de material radiofônico começa a olhar com grande ira para as novas máquinas que, em número cada vez maior, vêm invadindo o mercado. Porém, os engenheiros logo chegaram à conclusão de que um aparelho de rádio, que é composto de algumas dezenas de peças delicadamente soldadas e mescladas entre si, necessitará de uma simplesmente todo-poderosa máquina automática para fazê-lo.

O que à primeira vista parece um problema seguramente insolúvel, foi logo resolvido, pela invenção dos chamados «circuitos impressos», que simplificam extraordinariamente o esquema de um rádio. Todos os circuitos elétricos são pintados com uma tinta metálica, sobre uma superfície de matéria plástica e metal. Muitas dezenas de horas de trabalho são, desse modo, poupadas. Segundo a «Emerson Radio and Phonograph Corporation», tal sistema vem dando magníficos resultados, reduzindo inclusive o custo de cada peça.

A companhia «Admiral Television» também possui um grande aparelho inteiramente automático, que monta um complicado esquema de televisão, com seus indutores, resistências, etc., apenas em dois segundos!

Inteiramente automático é igualmente o departamento central da General Motors: não há, mesmo, um só homem funcionando nele!

A M.I.T. construiu, para as Forças Aéreas Norte-Americanas, uma enorme máquina, que custou 350 mil dólares. Essa máquina faz, sem qualquer supervisão humana, um avião finamente acabado, cada oito horas.

Um dos mais fascinantes empregos do automatismo é, porém, o capítulo das gravações. Entre os mais novos métodos de gravação em capas de livro, por exemplo, está o da Arma Corporation, possuidora de uma máquina fabulosa, capaz de gravar com rapidez oito vezes maior do que a de um bom artífice.

A General Electric também possui sua própria máquina de gravação, que faz, automaticamente em minutos, a função de um bom gravador durante dias. E também possui uma outra máquina que fiscaliza o serviço dos artífices, após terem esses terminado seu trabalho, corrigindo qualquer imperfeição, por mais invisível que seja a olhos humanos. A cada dia, maior número de gravadores e desenhistas está sendo substituído por máquinas. E não há setor da atividade humana que não esteja ameaçado pelas terríveis e insaciáveis máquinas automáticas. Parece contudo que uma atividade humana como, por exemplo, a colheita do café, e sua lavagem e escolha, jamais poderá vir a ser automatizada. Que fiquem pois, tranquilos, quantos se entreguem a ela...



vez, mais de 70 por cento das 231 peças necessárias para a montagem dos mais recentes receptores da companhia.

A COROA E A ESPADA

PROSSEGUINDO no curso de seus propósitos, Quintin saiu imediatamente para o Castelo de Tours, onde estava a corte do rei Luís. Ao cruzar uma floresta, encontrou o cadáver de um homem pendurado de uma árvore. Obedecendo às suas inclinações cavalheirescas, dispôs-se a retirá-lo, mas nesse momento um pouco de soldados do rei passava e acabou levando como prisioneiro, ao jovem cavaleiro, com o propósito de o executar, por ter sido surpreendido em flagrante, nos momentos em que se dispunha a interferir em uma disposição do monarca.

Contudo, a inesperada aparição do próprio rei Luís, salvou a vida de Quintin, a quem o soberano mandou pôr em liberdade, imediatamente. Isso ele fez, por admirar o valor e a juventude do moço, mas rechaçando ao mesmo tempo a oferta que este lhe fez de seus serviços.

Do fundo da floresta, um misterioso homem observou e tudo escutou fixando bem a fisionomia do jovem escocês.

Disposto a ir adiante com seus planos, a despeito de todos os obstáculos, nessa mesma noite Quintin acercou-se da imponente fortaleza de Tours. Despojou-se da roupa que vestia e passou a nado a fossa que a separava do resto do terreno. Seu propósito era, então, o de penetrar no castelo, procurar Isabel e transmitir-lhe a mensagem do tio.

— Por que está arriscando tão perigosamente a sua vida? — disse uma voz por detrás dele.

Ao voltar a cabeça, surpreendido, Quintin descobriu um homem de pé, a dois passos.

— Quem és tu? — murmurou Quintin.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Quintin Durward, um pobre jovem escocês — que tem aspirações de ser um nobre cavaleiro — é mandado por seu tio, Lord Crawford, como emissário à formosa e rica Isabel, Condessa de Marcroy, com a qual Crawford pretende casar-se. Carlos, Duque de Borgonha, guardião de Isabel, tomou providências para que se leve a cabo esse matrimônio mediante o qual espera fazer mais fortes os laços de aliança que os unem à Escócia. Isabel revolta-se contra esse plano e depois de dizer ao seu tutor que não está disposta a tomar por marido ao velho Crawford, foge da corte. Quando Quintin chega ao castelo de Borgonha é informado do desaparecimento da Condessa e se dispõe a segui-la. Ao cruzar um bosque, a carruagem de Isabel é perseguida por um bando de foragidos encabeçados pelo renegado Conde Guilherme de La Marck. Quintin logra alcançar o veículo e justamente no momento em que os homens de Marck vão assaltá-lo, arranja tudo de modo a pôr em debandada os foragidos, enquanto Isabel escapa seguida por sua pequena escolta. Mais tarde, Lord Malcolm, embaixador da Escócia ante a corte de Borgonha, diz a Quintin que provavelmente Isabel fôra em direção de Tours para ficar sob a proteção do rei Luís de França. Quintin, disposto a cumprir a missão de que foi incumbido pelo tio, declara que só descansará quando encontrar Isabel, onde quer que ela esteja refugiada.

QUINTIN DURWARD

CAPITULO II

Quintin Durward	ROBERT TAYLOR
Isabel, Condessa de Marcroy	KAY RENDALL
Rei Luís XI	ROBERT MORLEY
Hayraddin	GEORGE COLE
Carlos, Duque de Burgundy	ALEC CLUNES
Conde Guilherme de La Marck	DUNCAN LAMONT
Bailarina Cigana	LAYA RAKI
Conde Felipe de Creville	MARIUS GORING

«Screenplay» por ROBERT ARDREY —
 Novelização por GEORGE FROESCHEL —
 Direção de RICHARD THORPE — Pro-
 dução da Metro Goldwyn Mayer.



Quando Quintin penetrou na habitação de Isabel ela apressou-se em gritar, mas o cavaleiro tapou-lhe a boca. E depois a convenceu de que não iria maltratá-la...



— De Creville, disse o rei aparentando estar calmo, lembre-se que está diante do seu soberano!
— Não estou, replicou De Creville, porque meu amo renunciou a toda aliança com seu trono...

— Sou o cigano Hyradin. O homem que o senhor tratou de salvar hoje, era meu irmão. Por isso, minha gratidão é inquebrantável. O senhor é um moço muito valente, mas não deve arriscar a vida por tão pouco...

E apontando a fossa, acrescentou:

— Não vá fazer o que pretende...

Quintin não fez caso da advertência do cigano, embora este insistisse em que o castelo estava muito bem guardado e que era simplesmente impossível nele entrar fosse de que maneira fosse.

— Chegou recentemente ao castelo uma formosa dama? perguntou ao cigano.

— Sim, chegou. É a Condessa de Marcroy. Disso tenho certeza porque sou espião.

— Ela está no castelo, neste momento?

— Está.

Quintin envolveu a espada nas dobras da camisa que vestira e agora havia retirado.

— Não, não posso deixar que faça semelhante loucura... O senhor está doido...

— Deixa-me e trata de fugir! gritou Quintin.

— Por que terei eu encontrado um homem tão valente quando sou tão covarde? murmurou Hyradin desesperado.

— Escuta, cigano: Conheces bem o interior desse castelo? perguntou o audaz cavaleiro.

— Sim, conheço. Tão bem quanto as palmas das minhas mãos.

E enquanto o cigano distraía a atenção de uma das sentinelas, Quintin cruzava a nado a profunda fossa que o separava dos muros do castelo e, com todas as precauções, começou a escalar os ramos e galhos que terminavam, no alto, em uma janela. De acordo com o que dissera o cigano, essa janela pertencia a uma das habitações do rei.

Julgando-se vítima de um terrível pesadelo, o rei Luís despertou sobressaltado, ao mesmo tempo em que sentia a ponta gelada de uma espada oprimindo-lhe a garganta. A primeira impressão que teve ao abrir os olhos foi de que o portador da espada era seu barbeiro próprio, Oliver; mas logo deu conta de que a Oliver só pertenceria o traje, pois a cara era a mesma do escocês a quem ele, rei, havia pôsto em liberdade, essa tarde.

— Minha convicção, senhor, disse Quintin, é a de que Sua Majestade está necessitando de mim; mas se o seu pensamento é outro...

O jovem impeliu um pouco mais a extremidade da espada contra a epiderme do rei e logo, acreditando com esse gesto tê-lo convencido, voltou-se de costas e retirou a espada.

Luís segurou-a assustado, enquanto o suor lhe escorria pelo rosto.

— Quer tomar um copo de vinho comigo? perguntou para dissimular o pânico.

— Com muito gosto, majestade, respondeu Quintin, dobrando o joelho, com reverência.

A incrível audácia e o ilimitado valor de Quintin agradaram bastante ao rei. Homens de iniciativa e imaginação andavam cada vez mais escassos, e um valoroso coração com uma espada habilmente manejada constituía por isso um grande consolo para o monarca rodeado de inimigos, espiões e traidores. Assim, Luís incorporou Quintin imediatamente à sua guarda pessoal, convencido de que nada faria abater a lealdade daquele gaúcho cavaleiro. O que ele ignorava é que todas as atividades de Quintin gravitavam em torno aos interesses de seu tio.

Luís não tardou a submeter o seu recruta a uma prova severa e decisiva. Com um estrondo de clarins e rataplans, apresentou-se no castelo um emissário do Duque de Borgonha. Luís sabia bem a mensagem que seu primo Carlos lhe enviava. O cigano que fora enforcado no bosque, vendera a Carlos a informação de que o rei havia dado asilo em sua fortaleza a Isabel. Sem perda de tempo, o soberano ordenou a Quintin que se encerrasse no aposento de Isabel e não a deixasse sair sob pretexto algum.

— E' preciso que não deixes entrar ninguém à exceção de mim. Deves preferir morrer antes que aquela porta seja franqueada a algum ser humano, senão eu.

Quintin olhou para o rei sem ousar pronunciar palavra.

— Ela é uma jovem sumamente formosa — acrescentou o rei — e tu, afinal, és um cavaleiro... lembra-te disso!

De Creville, o emissário de Carlos, não perdeu tempo em desempenhar sua missão, inteirando o rei do que seu amo ordenara. Primeiro, Luís deveria cessar em seus esforços para instigar revoluções em Borgonha; depois, Luís deveria fazer voltar imediatamente a Condessa de Marcroy. O rei respondeu brandamente que nada sabia sobre revoluções em Borgonha, negando decisivamente que tivesse dado asilo em seu castelo à condessa.

— E' mentira! gritou com insolência De Creville.

Dunois, um dos homens de confiança do rei, pôs-se de pé, desembainhando a espada para castigar o insolente. Luís fez-lhe um gesto para que se contivesse.

— Tem alguma prova de que estou faltando à verdade? perguntou o rei ao emissário de Carlos.

— Tenho uma testemunha: o cigano Zamet.

— E onde está essa testemunha?

— Bem sabe que o pobre homem não pode apresentar-se aqui, porque foi enforcado! gemeu o emissário.

— Então, qual é o testemunho que vale mais: o do rei da França ou o de um cigano morto?

— Não poderei falar em nome de toda a França... — respondeu calmo De Creville; mas sei muito bem que Borgonha escolherá o testemunho do cigano.

(Cont. na página 44)



CONSUELO LEANDRO... cara de boneca.
Abaixa em São Paulo.

VILARINO

Fernando LÔBO

● Pode ser que amanhã seja aquele dia em que você traz a alma carregada de angústia. Dia cinzento dando cinzento a corpo inteiro e uma tristeza grande dentro do peito. Talvez a moça loura chegada de Paris seja a sua estranha de agora, levada nas azas fáceis da noite que está na rua, esquecida de frases, palavras, gestos, ternuras. Pode ser o seu amanhã como o foi hoje para mim, ontem para aquele amigo triste que dormiu sonhando sonhos antigos. Siga o caminho do grupo, de um grupo que se agasalha mãos nas mãos, sem ser levado por nada, sem querer salvar o Brasil, nem fazer do de junto à mesa um cidadão que amanhã lhe sirva de alavanca para uma subida fácil, mesmo perigosa. Pode entrar. A casa é grande e tem na frente a alegria das donas de casa, dos maridos de horas certas que vão buscar o quilo de café regulamentar, o queijo de Minas chegado há pouco ou a linguça de porco. Entre sem bater pois a porta é amiga e lá no fundo há uma mesa fixa onde todos são irmãos. Depois de bater as seis horas, os velhos frades vão entrando e tomando lugar à mesa. Há até uma espécie de cadeira perpétua para cada um. Carregado de livros, chega o Irmão Rangel, de livros também o padre Cássio. Vem de caminhos diversos mas o que o leva depois das seis é um só. Um silêncio em princípio, um acorde vibrante em final. De tudo se fala, de tudo se conta, de muito se diz, tudo dentro de um tom sem base de salvamento, de política de interesses pessoais crescidos e aumentados diante um do outro. É que a vida de trabalho para todos ou para quase todos termina ali, logo depois das seis e quando um homem sem ambições de baleia realiza a sua tarefa, deixa o fim do dia para descansar, longe do trabalho. E você amigo, que tem a alma cansada e cinzenta, pode seguir o caminho dos irmãos que freqüentam o "Vilarino" pois lá dentro encontrará o banho gostoso para a sua cabeça quente de desconsoles. Entre sem temer pois o caminho é bom. Não siga jamais os outros caminhos da noite, pois em cada canto encontrará um cão faminto a querer assaltar-lhe a bolsa e um olhar invejoso a querer surrupiar a sua túnica. Caminhe vagarosamente e chegue até onde estão aqueles irmãos e eles trocarão conversas por conversas e algumas vezes uma trombonada por um gole de uísque. Os que ali estão, felizes estão, pois são todos do mesmo hábito, do mesmo jeito, da mesma forma sem mudanças, pois são todos irmãos. Agora mesmo caminham para lá o Irmão Leite, o Irmão Garcia, o Irmão Mendes Campos, o Irmão Homem, o Irmão Cruz, o Irmão Barbosa, o Irmão Pôrto, o Irmão Fernandes, o Irmão Otoni, o Irmão Condé, o Irmão Rodrigues e logo mais os outros irmãos chegarão a não ser que haja pescaria cedo ou que seja um dia do mês ruim de chegar-se ao templo por falta de numerário. Mas se eles não vierem hoje, amanhã ali estarão. O caminho é bom, pode seguir por ele e lá dentro não há de encontrar ninguém triste, ninguém mordido de inveja, ninguém em busca daquilo que não lhe pertence. Ninguém.

ROTEIRINHO

Vale ver Mara Abrantes — que poderia melhorar o repertório e não cantar fados nem versões — ali no «Cangaceiro». ★ Carminha Mascarenhas não voltará às noites do «Sacha's». ★ Caymmi preparando a sua exposição no «36». ★ Inaugurado o «Key Bar» de Fatá Lemos e Djalma Ferreira — antigo «La Ronde». ★ Helena de Lima nas noites do «Jirau». ★ Ester de Abreu no «Meia-Noite»? ★ Conversas longas para contratar Inezita Barroso. ★ Paulo do «36» procura mais uma atração para o seu clube, muito embora não queira parar com Caymmi. ★ Malena está no «Ma Griffe», mas quer sair. A casa vai entrar em obras. ★ Gigi tem Carmem Déa no «Bacará». ★ O sucesso da noite é «La Cremailere». Vai abrir o «Vendome», do mesmo dono. Ali aparecerá Dolores Duran. ★ Bola Sete na praça, mas descansando de noite. Se fôr vai para o «Bacará». ★ Jurema Samio todinha para São Paulo.

AINDA A GREVE — Ninguém chegou mesmo a entender o sentido da greve contra o preço do uísque. A palavra «greve» é que pesava um pouco. Mas hoje já deu tempo da maioria ter sabido que a coisa era mais uma vaia que um movimento paredista.

Vai daí que os jornais de Portugal e de Paris deram notas destacadas sobre o movimento (recortes enviados por Bandeira). Somente alguns de imprensa daqui não chegaram a compreender a coisa e se pronunciaram contra. Ficamos com os jornalistas portugueses e franceses

— menos interessados, sem dúvida, em defender os «tubarões» das noites cariocas.

IRAKITAN & VERÔNICA BECK — Quando surgiu «La Cremailere», tomou jeito de casa que iria ter vida curta. E andou mesmo com doenças graves, tombos, quedas, convalescenças e quase até uma agonia final. Faltava alguma coisa que justificasse aquela comida maravilhosa, aquele ambiente tão europeu. Num só golpe o seu dono teve duas idéias: Verônica Beck e o Trio Irakitan, para os que ali lóssem jantar. O resultado é que a casa está repleta e a madrugada é que vem chamar os que não se cansam de ouvir o melhor trio brasileiro e esta beleza de figura que toca órgão elétrico que é Verônica Beck.

CONSUELO «DOLL FACE'S» — Consuelo Leandro, está em S. Paulo pela primeira vez na vida, apesar de ser paulista de Taubaté. Nunca teve oportunidade de ver de perto os arranha-céus da capital



LILIAN FERNANDES. aliança na mão esquerda.

paulista e talvez por isso, para justificar o seu sangue de Leandro de 400 anos, resolveu não fracassar e está com Zilco Ribeiro fazendo um sucesso de morte no «Teatro de Alumínio».



POUCO A POUCO, A PRAIA DE BOTAFOGO SE MODIFICA. PARA MELHOR. TOCADA PELA ARTE VERDADEIRAMENTE PRODIGIOSA DE ROBERTO BURLE-MARX.

JARDINS DE BURLE MARX

Fotos em cores de A. VIEIRA

H À pouco tempo, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro apresentou uma Exposição Burle-Marx. Nessa magnífica mostra, que infelizmente durou muito pouco, podia ver o carioca, a evolução desse importante artista brasileiro, que é, sem favor algum, o maior

de nossos paisagistas, além de ser pintor de certo mérito. Roberto, que atualmente encontra-se fora do país, é um desses homens poli-facetados, capazes de atingirem o êxito em qualquer ramo de atividades em que empreguem sua inteligência e sensibilidade, deveras fora do comum.



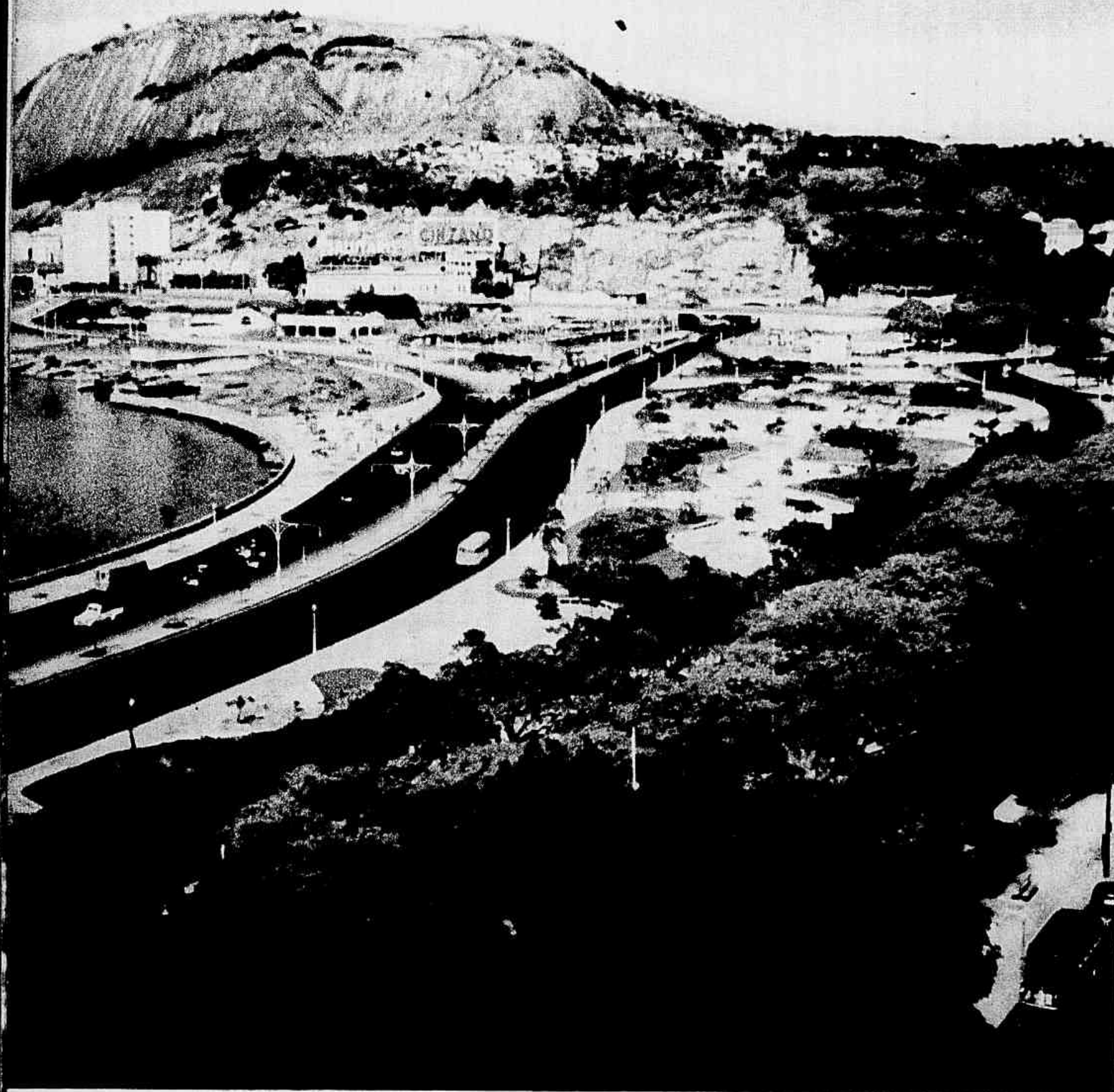


OS JARDINS que ornarn as proximidades do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, são também de autoria de Burle-Marx. O conjunto é de uma harmonia verdadeiramente notável. E o lago artificial dá muita alegria ao todo.

JARDINS DE BURLE MARX

O PRIMEIRO jardim planejado por Roberto Burle-Marx — isto há mais de vinte e cinco anos — foi executado para uma residência elaborada por Lúcio Costa e Warchawsky. Roberto, era então, praticamente, um jovem desconhecido, mas já naquela obra podiam aquilatar, os entendidos, que o rapaz ia longe. Em 1934, o governo pernambucano incumbiu o paisagista de uma obra importante, o chamado jardim da Casa Forte, em Recife. Com êle, o nome de Burle-Marx se projeta. Dentro em pouco, chegará a época de decorar a Pampulha de jardins (por encomenda do então prefeito Kubitschek de Oliveira), ou de idealizar os «play-grounds» e jardins do Pedregulho. Segundo o próprio Burle-Marx, foram essas duas suas realizações mais importantes, no campo da paisagística. Porém, Roberto não ficou nelas apenas. Continuou. E ao lado de seus jardins públicos, começou a fazer também, num ritmo sempre crescente, jardins de residências particulares, casando harmoniosamente arquitetura e vegetação, abrindo lagos e modelando canteiros de formas arredondadas e sóbrias. Exemplos marcantes de sua atividade nesse setor são os jardins das residências de Walter Moreira Sales, e de dona Odete Monteiro. Quando há poucos anos a Municipalidade do Rio de Janeiro resolveu modificar os contornos da praia de Botafogo, modernizando-a e tornando-a mais bela, lembrou-se de pedir o apoio e os sólidos conhecimentos de Roberto Burle-Marx, que fôra o autor, não havia muito, do lindo e elegante jardim fronteiriço ao Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, bem como das alamêdas exuberantes de vegetação do Aeroporto Internacional do Galeão. Chamado Burle-Marx, e colocado a par do assunto, imediatamente meteu mãos à obra. Traçou projetos de canteiros magníficos; abriu alamêdas e delineou lagos; escolheu, pessoalmente, com bom gosto que já se torna proverbial, as espécies de plantas que melhor combariam com a paisagem marítima deslumbrante vislumburada da aristocrática enseada de Botafogo. Em uma só palavra: cuidou de todos os detalhes, do mais íntimo ao mais importante, e sempre levado por uma sensibilidade extraordinariamente requintada,

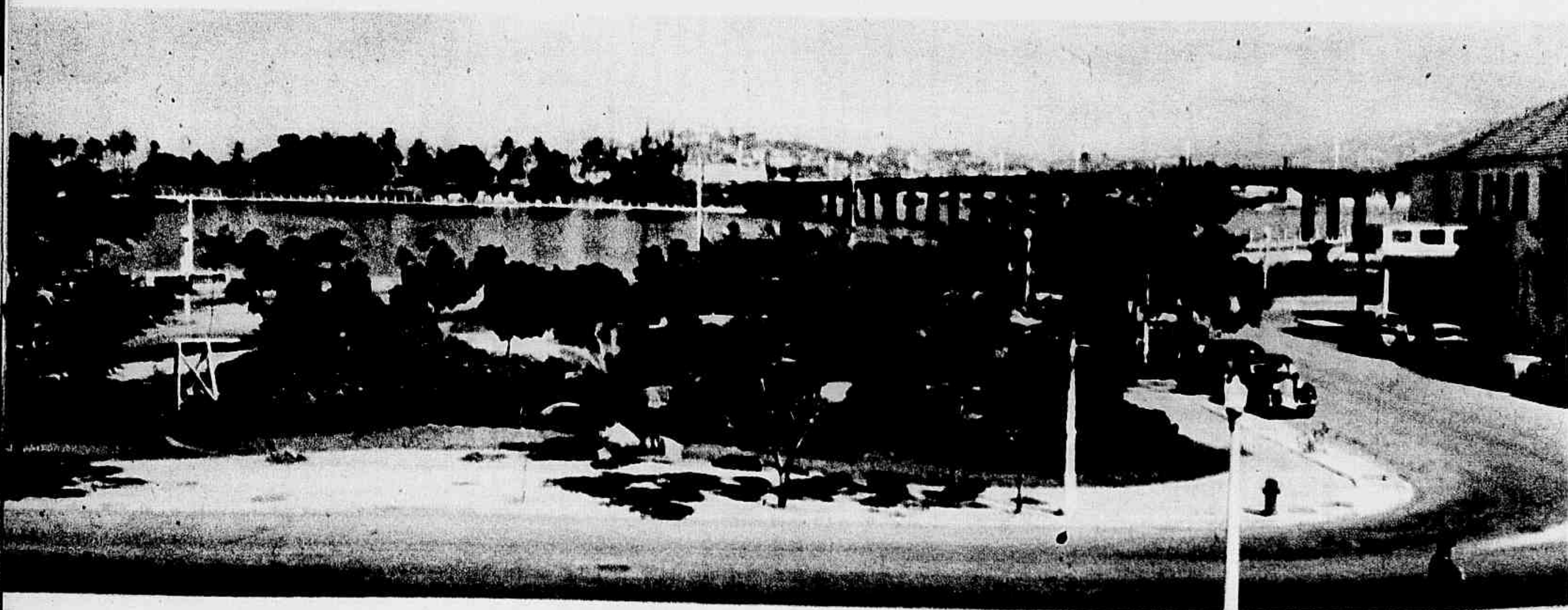
JARDINS DE BURLE MARX



QUANDO COMEÇARAM as obras de remodelação da praia de Botafogo, não faltou quem, injustamente, se rebelasse contra a idéia — que, como vemos, não podia ter sido melhor. Abaixo, o jardim do aeroporto internacional do Galeão, planejado por Roberto Burle-Marx.

conseguiu criar, ali onde outrora fôra um recanto banal, um território de beleza à beira mar. Roberto Burle-Marx, que já foi contemplado numa das Bienais Paulistas, por suas invulgares qualidades de paisagista emérito, é moço ainda, e certamente há de colhêr muitos outros triunfos em sua carreira. Mas se hoje mesmo, fôsse por que motivo fôsse, abandonasse os seus queridos jardins para se dedicar a alguma outra pro-

fissão ou mistério, podia ter a certeza de que seu nome permaneceria, para o futuro, lembrado como o de um sensível e inteligente artista brasileiro, que buscou poderosamente efetuar, de modo harmônico e sobretudo elegante, a união entre a arquitetura de uma cidade, e entre a vegetação — entre a pedra, e a planta, o inanimado e o sensível.



TEATRO

Sem dúvida é o teatro uma das atividades das nossas emissoras de TV que melhor tem sido cuidada e que, conseqüentemente, alcança pleno agrado junto ao público. Talvez esse sucesso no setor teatral seja facilitado pelo fato de haver entre nós elementos de grande valor que, quando dispõem de tempo, podem dedicar-se a brindar também aos telespectadores com ótimas representações. As segundas-feiras, dia de descanso da classe teatral, a maioria dos seus componentes dedica-se a atividades na TV e os espectadores sentem mesmo dificuldade em escolher qual o teatro a assistir, uma vez que, geralmente, duas boas encenações têm lugar ao mesmo tempo em cada um dos canais, 13 e 6.

Paulo Autran, Tônia Carrero, Magalhães Graça, são alguns dos elementos que mais se destacaram no ano passado, através do "Teatro de Comédias" da TV-Tupi. Na presente temporada foram substituídos por artistas da qualidade de Nicete Bruno, Graça Mello, Henriette Morineau, Delorges Caminha e muitos outros, que continuam oferecendo ao público momentos de humorismo e intensidade dramática. Eva Todor e Aimée também aparecem através do Canal 6, em peças apropriadas para os gêneros que costumam representar e sempre com agrado.

Além dos elementos contratados e pertencentes ao nosso teatro profissional, devem ser destacados os artistas que fazem parte do elenco permanente da TV-Tupi, que conta com nomes de destaque como Heloisa Helena, Lídia Matos, Alberto Perez e outros que, em peças de autores estrangeiros e nacionais, no decorrer do interessante programa "Câmara um" ou vivendo papéis ligeiros no "Teatrinho TV", mostram ao espectador toda a sua arte. Igualmente o Canal 13 tem dado o melhor dos seus esforços para o desenvolvimento das suas representações teatrais. Depois das temporadas de sucesso que ali realizaram Alda Garrido e Cacilda Becker com os elementos da sua companhia, a TV-Rio prometeu aos tevendo ótimas atrações a partir de 3 de junho, a cargo de destacado elenco em que tomam parte, entre outros, Graça Mello, Henriette Morineau, Paulo Goulart e Nicete Bruno. Sem dúvida o "Teatro de Variedades" marcará um ponto alto entre as representações nas emissoras cariocas de TV. É interessante notar essas constantes renovações nos elencos de teatro de ambas as emissoras, trazendo sempre novidades para o público. Nesse, como em qualquer outro setor de atividades televisionadas, a monotonia é prejudicial pois leva ao cansaço e desinteresse pelo trabalho dos artistas.

Se a comédia e o drama têm alcançado tão grande êxito, por que não encenar também boas revistas, com artistas de destaque e cenários modernos, para substituir os raros "shows" musicados que são televisionados e que em geral são bastante fracos? Temos a certeza de que esta seria uma idéia que teria ótima recepção junto ao público, uma vez que entre os telespectadores há em grande número aqueles que apreciam as boas revistas e que de maneira alguma estão satisfeitos com os programas do gênero apresentados atualmente.

VAMOS MELHORAR?

O conhecido «Chacrinha» aparece agora na TV, fazendo propaganda de discos de determinadas marcas. Com o intuito de animar um pouco essas apresentações, que do contrário talvez se tornassem monótonas se fossem feitas somente com a execução de trechos dos últimos sucessos musicais e comentários sobre os mesmos, o «Chacrinha» resolve levar para os estúdios do Canal 6 todas aquelas campainhas e buzinas de que lança mão nos seus programas de rádio. Esse excesso de movimentação atordoa não só aos espectadores como ao próprio animador que, vez por outra, atrapalha-se e esquece-se do que tem a dizer, lançando mão da leitura do texto. É preciso que o «Chacri-

nha» se lembre de que não está somente frente aos microfones mas também diante das câmaras e que a sua excessiva movimentação e a leitura quase que constante, não causam boa impressão.

O programa de boliche em que aparecem Lídia Matos e Murilo Neri é dos que têm maior número de adeptos entre os diversos na TV que distribuem vultosos prêmios. Essas audições são bastante movimentadas e entusiasmam não só aos que participam dos jogos como aos que assistem aos lances do auditório. Muitas vezes o barulho torna-se insuportável e os animadores têm dificuldade de dirigir-se aos telespectadores. Não haveria maneira de conter um pouco esse entusiasmo demasiado?

SPECTATOR



Denize Faissal e Paulo Benchimol, na ocasião em que Denize fez sua estréia na TV-Rio.

MEU SONHO É REPRESENTAR A «DAMA DAS CAMÉLIAS»

♦ Denize Faissal, filha do famoso rádio ator Floriano Faissal, e que agora está se apresentando como tele-atriz na TV-Rio, estava outro dia batendo um papo nos corredores da estação. Dizia...

— Eu sou uma pequena feliz. Tudo o que eu quero consigo. Com sete anos de idade tive vontade de trabalhar em rádio. Falei com o papai e pronto! Depois quis aprender «balé». Falei com a mamãe e pronto! Agora deu-me vontade de trabalhar em televisão. Falei com Daisy Lúci e ponto... Só falta conseguir meu último desejo...

— Qual?

— Representar (bem) a DAMA DAS CAMÉLIAS!

GRAU DEZ

Para Inezita Barroso que continua obtendo sucesso em seus programas, cantando músicas do nosso folclore. Os canários, mudados de acordo com cada nova canção interpretada pela cantora, concorrem em muito para criar um ambiente característico e fiel.

Para o «Acontece» de Jacinto de Thormes, na ocasião em que foi entrevistado Ari Barroso. Sem dúvida os programas do gênero estão tendo grande difusão e acato junto ao público, pois é sempre oportuno ouvir a palavra abalizada de um elemento como Ari, falando da nossa música e dos seus fracassos e sucessos, no passado e atualmente.



Heber de Boscoli faz entrega do cheque correspondente ao prêmio a que fez jus um dos candidatos do programa que o conhecido locutor anima, juntamente com Mara Rúbia. À direita: Flagrante tirado durante um dos programas que o «Chacrinha» apresentou no Canal 6, no último Carnaval.



JOAN COLLINS que vimos em «Na terra dos Faraós» e «A Rainha Tirana», passou um dia inteiro mergulhada nessa banheira, de telefone em punho, por exigências do diretor David Miller, que filmava «O Sexo Oposto». Joan, depois da prova, passou a ser «a pequena mais lavada da América».

♦
NÃO SE TRATA (graças a Deus) de Rainier III e de Grace Kelly, cujo casamento já encheu — como diria a cronista Eneida. Trata-se, isso sim, de um casal de sócios dos batidos noivos. Esse casal venceu um concurso realizado há poucas semanas na capital germânica.



YVES MONTAND, enquanto descansa de suas filmagens, realizadas nas montanhas de

POR ÊSSE



JÁ SEM as vendas, aqui aparece a jovem Annabile Battistella, de 17 anos, uma das herdeiras das córneas de don Gnocchi, sacerdote italiano recentemente falecido, como foi divulgado.

de
de



Abruzzo, Itália, trata de alimentar-se com o delicioso «spaghetti» da região. O filme chamar-se-á «Homens e Lâmbos», e é dirigido por Giuseppe de Sanctis, que aparece à esquerda, na foto.



E' ENGRAÇADO como os maiores costureiros e modistas da atualidade apresentam como novidades de sua inventiva certas roupas que já suas bisavós julgavam fora de moda. E' o caso, agora, dessa saia rodada, que a bailarina Marijold Russel apresenta aos leitores. A «criadora» da mesma é a senhora Joyce Weijcik, de Londres. A contribuição da senhora Joyce consiste em ter ela dotado a saia de uma câmara de ar, que pode ser cheia mediante uma bomba pneumática. De fato, vê-se cada uma nessa vida...

SE MUNDO DE DEUS



O EX-REI HUMBERTO, da Itália, aqui é visto em Cascais, Portugal, onde mora, ao lado de Giulietta Simionato, cantora de óperas, o maior sucesso da atual temporada da capital lusa.



«SÉCULO VINTE» é uma peça de televisão em que intervêm Orson Welles e Betty Grable. Eis os dois conhecidos artistas numa cena culminante, às voltas com flores e fazendo caretas.



QUE É UM "CHRISTIAN SCIENTIST"?

Por GEORGE CHANNING

Do «Committee on Publications of the Christian Science Church».

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press



LIAS, permita-nos que digamos que os progressos da medicina estão a cada dia fazendo com que as conclusões da véspera já não sejam levadas a sério no dia seguinte. As «drogas maravilhosas» que já foram a aureomicina e a penicilina até ontem, já se sabe hoje em dia, não serem tão maravilhosas... É preciso muita cautela na aceitação de verdadeiros princípios medicinais. Porque esses princípios, mais simples do que possamos imaginar, são também bem mais difíceis de serem encontrados do que possam supor os médicos e os cientistas.

Os Cristãos Científicos sustentam que a doença, o pecado e a morte são falsos; e que a falsidade só pode ser destruída através da Verdade Espiritual. E sabem eles, por sua própria experiência, que sua religião destrói, efetivamente, e permanentemente, as dúvidas, as moléstias, os distúrbios e as dores que afligem a humanidade.

O objetivo da Ciência Cristã, contudo, não é curar somente as enfermidades, mas regenerar o pensamento humano, através do conhecimento espiritual. Curar é somente um dos efeitos que a vitória do plano espiritual sobre o simplesmente material obtém.

Aliás, o progresso da ciência médica, que pode ser observado hoje em dia, não é de modo algum uma ameaça à integridade da Ciência Cristã, pois nenhuma das atuais conclusões da medicina entra em choque com os fundamentos desta religião.

Os Cristãos Científicos enfermos procuram os hospitais?

A fé e os ensinamentos dos Cristãos Científicos rejeitam remédios e tratamento médico. Porém, depende de cada qual o recorrer, ou não, em casos de doença, a médicos e hospitais. Quanto maior porém, é a fé do Cristão Científico, menos ele há de procurar alívio para seus males em doutores e em panacéias.

Recusam acaso os cristãos científicos o auxílio médico, quando seus filhos estão doentes?

Como todos os outros pais, os cristãos científicos amam seus filhos. E se eles adoecem, tudo fazem para que logo voltem à saúde perfeita. Utilizam os métodos próprios da sua crença — a prece, com convicção íntima, porque sabem que a Ciência Cristã é eficiente.

Em muitas escolas, e em lugares que exigem exames médicos, solicitam a dispensa dos mesmos, sendo atendidos comumente — isso, muito embora sua saúde seja tão boa, ou melhor ainda, que a dos demais estudantes.

O cristão científico sabe que está cuidando de seu filho, porque reza todos os dias, com fervor, não só pela sua pessoa, mas também pela sua família inteira. E não só pela parte material de todos os que lhe são caros, mas também (e principalmente) pelo seu aperfeiçoamento espiritual.

Chamam os cristãos científicos parteiros quando seus filhos nascem?

Sim. Acha a doutrina da Christian Church que o nascimento deve ser assistido por alguém de preparo especial. Pois não há nenhum cristão científico que faça, de improviso, aquilo que não aprendeu nunca a fazer numa escola ou academia especializada.

Terão acaso morrido muitos cristãos científicos, por se terem recusado a apelar para os médicos, ou por tê-lo feito tarde em demasia?

Pode-se, com a mesma forma, enunciar a seguinte pergunta, que não possui qualquer intenção ofensiva: «Não terão acaso morrido muitos outros homens, das mais diversas religiões, justamente porque não apelaram para os métodos da Christian Science?»...

Não há estatística capaz de provar que os cristãos científicos morrem mais cedo, e em maior número, do que os membros de outras religiões.

De qualquer modo, o que é verdade é que muitas centenas de pessoas a quem os médicos tinham proclamado incuráveis, e que tinham passado anos inteiros de desespero e de invalidez, ficaram virtualmente boas, ao adotarem a religião de Mary Baker Eddy.

Os esforços para compreender e aplicar qualquer regra acontece, muitas vezes, serem mais eficazes em alguns casos, e menos em outros.

A dificuldade em trazer à luz certos casos não quer dizer que tais casos são inverídicos, em si mesmos. As leis da matemática, por exemplo, podem, quando aplicadas de modo errôneo, produzir resultados deficientes; aliás, há ciências que, mesmo utilizadas do modo mais certo, produzem resultados errôneos.

Não se pode julgar a ciência médica pelos casos que os médicos não conseguem resolver, nem pelas casas de saúde eternamente cheias. Por que não podem aqueles que escolheram a Christian Science como religião, proclamar o pecado como único causador das enfermidades do corpo?

Em caso de fraturas de um determinado osso, ou em caso de acidentes, aceitam os cristãos científicos o auxílio médico?

Há inúmeros casos de fraturas que puderam ser curadas totalmente apenas pelos métodos preconizados pela Christian Science — sem qualquer auxílio médico ou cirúrgico. Tais resultados dependem unicamente de um esforço honesto de concentração, perfeita compreensão da eficácia da prece, e sobretudo, grande constância na observação das praxes da Ciência Cristã. Um cristão científico que consegue uma cura, através da oração, não está ultrapassando seu próprio estado humano, porém unicamente aproveitando a imensa capacidade mental e espiritual que Deus concede a todos os homens, e que tão poucos sabem desenvolver. Se um cristão científico ainda não atingiu o grau de desenvolvimento espiritual necessário para curar um seu semelhante, é claro que a culpa não cabe à Ciência Cristã pela incapacidade de curar por ele demonstrada, mas apenas à sua própria pessoa. Também, não há de ser por isso que será punido ou admoestado; porque ele, enquanto viver, terá a oportunidade de aprimorar os seus atributos espirituais, até tornar-se um legítimo e perfeito cristão científico.

Se Deus é bom e infinito, por que então existe o mal?

O mal é hipnótico. Não tem mais realidade do que o sonho — que a quem sonha parece tão real. A vanidade do mal (e daqueles que vêem, sentem ou acreditam no mal) é provada pelo despertar espiritual.

Acreditam os cristãos científicos no pecado?

O homem é, verdadeiramente, isento de pecado e livre. O pecado é a crença na existência real de outro cérebro que não o de Deus. O pensamento que admite o pecado, e a morte, é o que também acredita no pecado. São Paulo o denomina de Pensamento Carnal, e se uma pessoa o admite, seus pecados e seus sofrimentos hão de lhe parecer verdadeiros.

Os cristãos científicos moram-se do pecado, de vez que sabem que o pensamento carnal é ilusório. A punição do pecado dura exatamente quanto dura a falsa ilusão do pecado. O cristão científico busca viver de acordo com o Pensamento Divino, que assim se torna o seu próprio.

Para a Ciência Cristã, o pecado é irreal. Isso porém não significa que aqueles que pecam fiquem sem punição. O pecador não sabe que o pecado é irreal; se acaso soubesse, tal fato destruiria, simplesmente, a sua capacidade de pecar.

Existem céu e inferno, para a Ciência Cristã?

Sim — mas não num sentido por assim dizer «geográfico». Como disse a senhora Eddy:

«O pecador faz seu próprio inferno, quando peca; o santo, seu paraíso, pelas boas ações».

Por que não empregam jamais os cristãos científicos as palavras «Morte» e «Morto»?

Mas eles usam essas duas palavras: Usam-nas, e sempre que são necessárias aparecem em suas publicações e livros. Porém, o termo «tres-passe» e «trespassados», é considerado como mais exato pelos cristãos científicos, que aceitam como axioma o fato de que a vida é indestrutível. Acreditamos que, aquilo que é comumente denominado «Morte» não é o término, mas apenas um acidente no sonho da mortalidade, uma experiência do pensamento mortal, não do Pensamento Divino.

Acreditam os cristãos científicos que a própria morte poderá ser um dia eliminada?

Sim. A decadência material, e a destruição do corpo, poderão ser um dia detidas pela plena realização da Verdade Divina. Através um desen-

volvimento progressivo do entendimento espiritual, há de chegar um ponto em que a própria morte poderá ser cancelada. Dêsse modo, a imortalidade pode vir a ser uma realidade.

Os cristãos científicos utilizam serviços funerários?

É muito recomendável que, quando morre um membro da Christian Church, sua família, reunida, leia alguns trechos da Bíblia, ou preces especialmente adequadas para o momento, e constantes de seu Livro de Orações. Esses trechos destinam-se a lembrar aos ouvintes que a Vida, Deus e o Homem (este último sendo a expressão individual da Vida) são eternos. Também pode acontecer que não haja qualquer espécie de leituras.

Qual a atitude da Ciência Cristã com relação ao controle de nascimentos?

Existe, no livro da senhora Mary Eddy, um capítulo exclusivamente dedicado ao casamento («Science and Health», 56, 7-8). Nesse livro, lê-se o seguinte:

«O matrimônio é o meio legal e moral de preservar a espécie humana».

A senhora Eddy continua explicando, que o casamento continuará sendo regulado por preceitos religiosos, até que a humanidade atinja a um ponto de tão grande compreensão espiritual, que o casamento com a respectiva união entre os dois sexos possa vir a ser dispensado. De acordo com tais ensinamentos, os casais podem, desejando, ter quantos filhos desejarem, de acordo com os próprios ditames de sua consciência.

Opõem-se os cristãos científicos à vacinação?

Não, para quantos nela acreditem. Contudo, se opõem, por vezes com todas as suas forças, contra a vacinação obrigatória — que, para muitos deles, é uma verdadeira violação de sua crença.

Diz a senhora Eddy que a obediência à lei é dever de todo cristão científico, porém, afirma igualmente que aquelas leis que atentem, diretamente, contra os ensinamentos da Christian Science devem ser ignoradas pelos fiéis. Isentar os cristãos científicos de vacinação não importa a quem quer que seja. Contudo, os cristãos científicos, com seus filhos, obedecem a todas as prescrições levadas a efeito em estado de perigo público, em caso de quarentena, por exemplo, porque não desejam que seus vizinhos fiquem receiosos, pela sua absoluta despreocupação com relação a vacinas e a medidas higiênicas.

Por que certos estudantes cristãos científicos requerem exames de isenção em determinadas matérias — em bacteriologia, por exemplo?

As únicas instruções às quais se opõem os cristãos científicos são aquelas que tendem a afirmar ser o método medicinal o único capaz de efetuar curas de moléstias. Também se opõem aos regulamentos médicos obrigatórios, pois tais regulamentos, na realidade, podem terminar por solapar toda a base de sua crença na casualidade espiritual das enfermidades.

São os cristãos científicos pela abolição das medidas de saúde pública?

Não, de modo algum. Os cristãos científicos são a favor das medidas sanitárias, porque amam a limpeza, tanto interior, como exterior. Respeitam o direito, que possui a mocidade, de tomar tais medidas, por ela consideradas essenciais. Contudo, porém, que tais medidas não sejam impostas à força àqueles que acreditam ser a enfermidade causada pelo pecado, e o método espiritual o único eficaz em combatê-la.

Contudo, bem sabem os cristãos científicos que nem todos acreditam, hoje em dia, no poder da fé. Assim, para salvaguardar a saúde pública, acham essas pessoas que só medidas sanitárias podem ser levadas a efeito.

Qual a atitude da Ciência Cristã para com a Psiquiatria e a Psicanálise?

Não há incompatibilidade entre a Ciência Cristã e o ramo da medicina que estuda as enfermidades mentais. A Ciência Cristã é religião. Trata as enfermidades e doenças pela oração. Como disse muito bem a senhora Eddy:

«Curar... é basear a prática de cada qual no Cérebro Imortal, o Princípio Divino do ser humano; e isto requer uma preparação do coração, e uma resposta dos lábios, que só Deus sabe inspirar».

Psiquiatras e psicanalistas investigam o cérebro humano; a Ciência Cristã está baseada na compreensão desse Cérebro Divino, que tantas vezes temos aqui mencionado. Nossa fé está devotada à destruição das falsas noções que se fazem acerca do ser humano, pela exposição simples e pura da idéia espiritual de Verdade. O Cérebro Divino é o único remédio real e permanente para as enfermidades.

Qual a atitude da Ciência Cristã para com as demais religiões?

Não se sente ela, de modo algum superior a qualquer outra religião. Todo homem é livre para demonstrar a eficácia de sua própria fé; e cada qual deve seguir, sinceramente, o que lhe dita a consciência. Disse Mary Baker Eddy: «Um legítimo cristão científico ama protestantes e católicos — todos quantos amam a Deus; e amam também aqueles que os combatem».

A seguir: QUE É UM BATISTA?

ARTES

JOSÉ ROBERTO

NOTINHAS

1 **COMEMORANDO** o aniversário da revista «Módulo» foi realizada, na belíssima residência de Oscar Niemeyer, uma breve exposição de obras do escultor Ceschiatti. O «vernissage» foi um acontecimento social, ao qual compareceram artistas e gente da sociedade. O presidente Juscelino Kubitschek, que não pôde comparecer no dia da inauguração por motivo de doença, no seguinte visitou a mostra, acompanhado de sua esposa.

2 **DEVERÃO SAIR** no próximo mês os dois volumes de Germain Bazin dedicados ao Barroco Brasileiro, editados em Paris. Diz-se que o escritor francês recebeu, para escrevê-los, nada menos de cinco milhões de cruzeiros. Temos gente, no Brasil, que seria capaz, muito mais capaz, do que Bazin, de escrever sobre nosso Barroco, e por muito menos dinheiro.

3 **TAMBÉM NO** próximo mês aparecerá, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, dirigido por Simeão Leal, o volume de Antônio Calado sobre Cândido Portinari. «Retrato de Portinari» é um estudo interessantíssimo sobre nosso maior pintor, e está ornado de algumas dezenas de ilustrações magníficas.

4 **NA ESCOLA** Nacional de Belas Artes realizou-se uma Exposição de Artistas Brasileiros, em substituição à de Litografias de Darel. Da mostra fizeram parte, entre outras, telas de Pancetti, Santa Rosa, Iberê Camargo, Guignard, e tantos outros.

5 **CAROLUS** é um pintor italiano, jovem ainda, e há poucos anos entre nós. Agora, organizou no Rio a sua primeira mostra, na «Petite Galerie», em Copacabana.

6 **EM CONVERSA** com Celso Kelly, dizia-nos esse conhecido crítico e historiador de arte que no Regulamento dos dois Salões anuais, existe uma cláusula que afirma que o Salão Acadêmico deve ser julgado por críticos de arte acadêmica, e o Moderno, por críticos de arte moderna... Quem será o responsável por semelhante incongruência?

7 **DISSE** O colunista Al Neto que teve o ensejo de se encontrar com Utrillo, quando esse pintor, pouco antes da morte, era apenas uma sombra do que fora. Está certo que Al o tenha encontrado; o que não acredi-

tamos muito, é que Utrillo estivesse bêbedo, como afirma o gaúcho, pois sabemos que o pintor abandonara, vinte anos antes da morte, qualquer espécie de bebida alcoólica. Enfim, pode ser...

8 **O GRUPO** de Estudos Mário de Andrade, dirigido e animado por Mário Barata, efetuou mais uma reunião, na sua sede, no 13.º andar da avenida Nilo Peçanha, n.º 26. Estiveram presentes Sérgio Camargo, Vera Tormenta, Anísto Medeiros, Celso Kelly, etc., além do próprio Barata. O debate versou sobre «Organização dos Dois Salões, e da Comissão Nacional de Belas Artes».

9 **PRISME, NOVA** revista francesa de Artes Plásticas, acaba



A «Santa Clara», tela de primitivo flamengo do século XV, existente no Museu Nacional de Belas Artes. Asa de um tríptico, provavelmente.

de aparecer. Seus redatores são Raymond Cogniat (autor de imensa «Histoire de la Peinture», em 2 volumes, há pouco aparecida), Waldemar George (o da discutida «Refutation a Bernard Berenson»), René Huyghe («Dialogue avec le Visible»), e outros. No Brasil, são seus representantes Mário Pedrosa e Sérgio Milliet. O diretor da nova publicação é Max Fourny.

10 **O MUSEU** Nacional de Belas Artes possui uma tela, representando Santa Clara, de um primitivo flamengo, da Escola de Gerard David — diz o Catálogo. Em uma de nossas próximas seções, focalizaremos detalhadamente essa obra, que parece ser a asa de um tríptico desaparecido.

UM LIVRO

SÔBRE AS "POESIAS COMPLETAS" DE SCHMIDT

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

◆ QUANDO O PRIMEIRO livro de poemas de Augusto Frederico Schmidt surgiu, em 1928, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meirelles, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Augusto Meyer, Cassiano Ricardo, em uma palavra: a maioria dos poetas que constituiriam, posteriormente, o primeiro time moderno do Brasil, tinham já publicado um, ou mais livros. No «Canto do Brasileiro», contudo, não se podia distinguir qualquer influência de algum deles. Havia influências, sim, influências que vinham de mais longe, influências de... Casimiro de Abreu, e de nossos românticos. O jovem Augusto Frederico Schmidt não tinha vergonha, numa época de destruição sistemática do passado, de tornar a esse passado, retomando o fio do sentimentalismo bem brasileiro que se interrompera em fins do século dezenove. Num dos primeiros estudos dedicados a Schmidt, Agripino Grieco, (1) a par com algumas irreverências tão de seu agrado, salientava o «lirismo ingênuo, enternecido, sentimental, mesmo lacrimoso» do poeta, não sem dizer também algumas palavras sobre a sua originalidade. Porque, num instante de tanta confusão literária, o canto adolescente de Augusto não deixava de ser original. Era uma mistura de Casimiro e misticismismo, tudo temperado com algumas gotas de sangue judeu, que impeliu o poeta para uma terra longínqua, que o incitavam à partida, fôsse para onde fôsse. «Canto incongruente», dele disse Tristão de Athayde nos primeiros momentos.

«Canto do Brasileiro» e «Canto do Libertado» testemunham essa primeira fase de Schmidt. Mas em «Navio Perdido», que é de 1929, com o poema «A Partida», alcança-se o estro schmidtiano a novas alturas, onde somente poetas legítimos conseguiram respirar. «Pássaro Cego» — o livro seguinte, de 1930 — veio confirmar as predições da crítica. A poesia de Schmidt ganha profundidade; embora não se renovem seus temas favoritos — a noite, a morte, a solidão, a distância. Mas, já na longa peça «Profecia», vasada em versos largos e solenes, estão contidas as melhores qualidades poéticas de Schmidt. Também nesse livro surge, pela primeira vez, a figura de «Luciana, a pálida, de Luciana a louca, de Luciana a amada misteriosa».

«Pássaro Cego» foi como que a preparação do «Canto da Noite», que surgiria em 1934, após a «Desaparição da Amada», três anos anterior. Em «Canto da Noite» se solidificam aquelas qualidades que em «Pássaro Cego» eram apenas promessas. E Schmidt aparece em plena posse de seus dons de poeta, capaz de dominar aquelas «grandes palavras, as que parecem sopradas de cima», de que fala em seu poema «Compreensão». Poemas como «Morte da Índia», «Despedida I», «Tristeza Desconhecida», e tantos outros, que seria inútil mencionar, pertencem já a um poeta maduro, voz legítima e típica da nova poesia brasileira.

Os livros seguintes de Schmidt, «Estrêla Solitária» (1940), e «Mar Desconhecido» (1942), não sendo mais importantes do que «Canto da Noite» (que, a bem dizer, marca o definitivo início da poética de Augusto Frederico Schmidt, todas as manifestações anteriores não passando de esboços), são, a nosso entender, bem mais valiosos. E' em «Estrêla Solitária» que travamos conhecimento com essa admirável mulher-símbolo Josefina, que tantos poemas e sonetos inspirará, a partir de então.

Por tocar em sonetos, falemos agora um pouco dos sonetos schmidtianos, outro gênero em

que Augusto sobressaiu desde bem cedo, ou, mais precisamente, desde o «Navio Perdido». O soneto de Schmidt despreza a métrica tradicional, e raramente consagra a rima. Dirão os formalistas que, nesse caso, não são sonetos, pura e simplesmente. Aliás, Schmidt, desde o grupo de sonetos de «Pássaro Cego» e de «Navio Perdido» até aos de «Mar Desconhecido», por exemplo, muito evoluiu, no sentido de dotá-los de maior musicalidade e fluidez. Creemos que um soneto como o que em seguida transcrevemos é uma obra de arte consumada:

O desespero de perder-te um dia
Ou de vir a deixar-te neste mundo.
Habita o coração inquieto e triste
Enquanto a noite rola e o sono tarda.

Olho-te, e o teu mistério me penetra;
Sinto que estás vivendo o breve engano
Dêste mundo, e que irás também, um dia,
Para onde foram essas de que vieste.

— Essas morenas e secretas musas,
Tuas avós, ciganas de olhos negros,
Que te legaram tua graça triste.

Lembro que esfolharás na eterna noite
A rosa do teu corpo delicado
E ouço a noite chorar como uma fonte.

Tudo, nesta peça, é a nosso entender perfeito. Há, nela, uma fusão entre a essência e a forma como dificilmente se poderia encontrar outro exemplo, entre os nossos melhores sonetistas. Faz acaso falta a rima, para a musicalidade da peça, terminada por um dos mais belos versos da língua? Certamente que não.

Seria de todo ocioso citar mais exemplos de sonetos primorosos na obra de Augusto. Porém, de outros dez, pelo menos, sabemos, que conseguem igualar-se ao acima citado.

E' contudo no poema longo, no poema composto de versículos que recordam os da Bíblia, no poema de ritmo largo e solene como uma composição de Haendel, que melhor sabe exprimir-se a sensibilidade poética de Schmidt. E é também no «Canto da Noite» — esse livro inestimável para a compreensão do poeta e de sua evolução —, é justamente no poema que abre a coletânea e que tem o mesmo nome dela, que Schmidt, já senhor de seu novo vocabulário, proclama:

Que as palavras tomem uma doçura e uma
[gravidade sem-par,
Porque eu preciso contar o que ouvi e não
[poderei mais esquecer

Gravidade e doçura sem-par, eis o que de fato está presente em todos os poemas do «Canto da Noite», e em tantos de «Mar Desconhecido» — como em «Elegia»; como, principalmente, nesse belo poema de pura inspiração bíblica, que é «A Volta do Filho Pródigo»; como na peça que começa com esse verso impressionante, sob todos os aspectos: «O vento dos cemitérios está soprando».

«Fonte Invisível», de 1949, é a nosso ver obra de decadência, quando Schmidt, já se proclamando abandonado pela Poesia, volta-se para outros campos da atividade humana, com o sucesso que sua boa estrêla lhe garante. Assim mesmo, há, nesse livro, poemas com essa «Ars Poética», tão simbólica do desprezo de Schmidt pelas definições e discussões sobre o domínio e a essência da Poesia; como esse que também não podemos deixar de em seguida transcrever:

Meu coração paterno está vazio.
Ninguém o virá habitar!

A ninguém transmitirei êsse amor
Puro e perfeito, que nada exige ou reclama.

A ninguém poderei dar o meu carinho paterno.
E a minha experiência de criança voltará comigo
Para a grande noite próxima.

Os meus pobres traços, não os herdará
[ninguém,
E desaparecerei contigo — ó tu que não vieste
[jamais
E que sinto misterioso e vivo, ao afagar cabelos
[que não cresceram
E mãos que não chegaram a se modelar.

O ponto alto de «Fonte Invisível» parece-nos ser, porém, «Destino da Tenebrosa», lindo e extenso poema, talvez um tanto extenso demais.

Os poemas que apareceram após 1949, e que estão reunidos agora pela primeira vez em volume, nessa edição magnífica que comemora o cinquentenário de Augusto, (2) nada trazem de novo à poética schmidtiana. São já os derradeiros murmúrios de uma fonte prestes a estagnar.

E' certo que Augusto Frederico Schmidt possui defeitos — e entre eles, o seu transbordamento, sua prolixidade, reconhecidos, aliás, pelo próprio poeta (3). A sua lira, por outro lado, dispõe de muito poucas cordas — mas as de que dispõe, sabe tanger Schmidt com maestria invulgar, arrancando delas a emoção que deseja, e conseguindo transmiti-la aos leitores. Mas o poeta, hoje mais do que nunca, possui inimigos. Seus inimigos, todavia, devem fazer distinção entre o Schmidt poeta e o Schmidt cidadão, entre o autor de alguns dos mais belos poemas modernos do Brasil e o arquiteto de planos econômicos mais ou menos discutíveis. E devem conceder-lhe o seu perdão, quando mais não seja, por esse poema tão magnífico quanto iluminado:

Na sombra da manhã, desta manhã quase
[noturna,
A poesia inesperadamente!

Na sombra da manhã — nesta escura hora
[quieta —
A doce luz da poesia — como a luz da morte!

Tão doce quase como a luz da morte!
Na sombra da manhã a luz da poesia,
E na luz da poesia,
O meu instante de glória e de justificação.
E na luz da poesia o meu perigo misteriosamente
[glorioso,
E na luz da poesia — quase tão pura como a
[luz da morte —
O perdão de ser quem sou!

Notas:

1 — Agripino Grieco — «Evolução da Poesia Brasileira», José Olympio, 1947, pág. 198 (a primeira edição é de 1932).

2 — «Poesias Completas» — Edição Comemorativa do Cinquentenário de Augusto Frederico Schmidt. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1956. 802 páginas.

3 — Augusto Frederico Schmidt — «O Gato Branco». Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1947. Página 42.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 9 E 15 DE JUNHO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Não insista na solução dos casos que lhe parecerem difíceis. O leitor não terá, durante a semana, nem a possibilidade de concursos valiosos, nem a ajuda do Céu. Os astros armaram uma verdadeira conjura.

★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — A semana será propícia ao leitor, especialmente em relação à vida doméstica e sentimental. Os negócios, do mesmo modo, correrão a contento, principalmente nos três últimos dias do novo período.

★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — No curso da semana entrante, o leitor terá chance para achar o que houver perdido e para reconquistar as posições de que tiver sido aliado. Os laços desfeitos serão reatados facilmente.

★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — Tudo o que fôr empreendido exigirá o máximo de esforço. Não desanime, porém, pois o resultado do seu trabalho será o melhor possível. Os negócios profissionais estarão bem astralizados.

★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — As viagens estão desaconselhadas no curso da semana e, do mesmo modo, as mudanças. O trabalho profissional, porém, dará o máximo de rendimento, notadamente nos quatro últimos dias do novo período.

★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Sua capacidade de ação vai ser aumentada. Seu magnetismo, do mesmo modo, será mais intenso. Aproveite a oportunidade para pôr em prática o que estiver projetado e amadurecido. O êxito está assegurado.

★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — Suas iniciativas serão bem sucedidas durante a semana em causa. O leitor poderá sair, até mesmo, das ocupações ordinárias, certo de que se dará bem em tudo o que empreender. Os ventos soprarão favoravelmente.

★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — O ambiente astral da semana será benéfico às atividades políticas ou ideológicas. Nos negócios o leitor poderá impor seu ponto de vista e dar o seu preço. As favorabilidades serão mais acentuadas nos três primeiros dias da semana.

★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — Não se aventure em empreendimento de envergadura. Os influxos da semana serão superficiais, no seu caso, não dando margem a realizações de vulto. A superficialidade do influxo astral não importa em desfavorabilidade.

★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) Recuse as sugestões muito promissoras, durante a semana. O melhor, no seu caso, será a própria orientação, de acordo com as intuições que tiver. A vida sentimental estará bem amparada.

★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Não alimente grandes esperanças em negócios com os seus parentes, irmãos, consanguíneos ou assemelhados. O grosso do influxo astral desfavorável atingirá a casa três do seu horóscopo.

★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — As influências da semana lhe favorecerão os pedidos e os requerimentos nas repartições do governo. Com exceção do dia 12, todos os demais serão harmoniosos e, conseqüentemente benéficos.

OS NOMES DA SEMANA

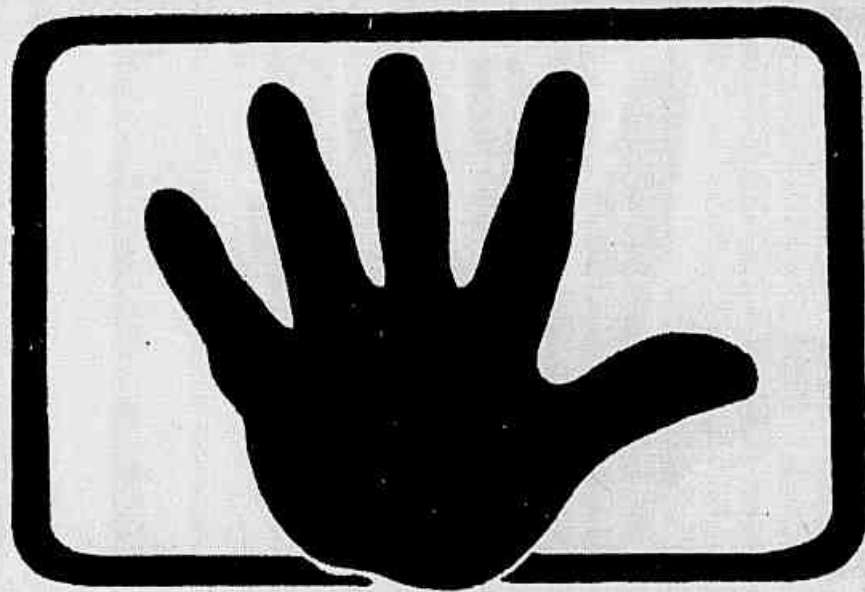
Junho, 9	—	Artur	—	Iamenis.
" 10	—	Solidônio	—	Aurélia.
" 11	—	Ricardo	—	Amélia.
" 12	—	Fausto	—	Doralice.
" 13	—	Paulo	—	Gilva.
" 14	—	Ernani	—	Martha.
" 15	—	Eduardo	—	Carmélia.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Junho, 9	18° 36' 14"	(Signo dos Gêmeos)
" 10	19° 33' 37"	" " "
" 11	20° 30' 59"	" " "
" 12	21° 28' 20"	" " "
" 13	22° 25' 40"	" " "
" 14	23° 22' 59"	" " "
" 15	24° 20' 17"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja
Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em
Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

"Mil" lhe oferece:

Contra ROUBO do seu CARRO
FECHADURA
TRAVA DIREÇÃO



SEGURANÇA ABSOLUTA

Colocação imediata
TODOS OS CARROS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA E HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22.4113

Só na
Mil

OS MISTÉRIOS DO ACORDEON

por fotografia

◆ Cessados os rumores provocados pela reconciliação do casal Mascarenhas, fomos encontrá-lo, entregue à sua faina antiga, na preparação de novos alunos da sua Academia de acordeonistas. Se o leitor está interessado na aprendizagem desse instrumento tão em moda, poderão ser úteis os momentos fotográficos batidos nessa ocasião. Conchita fez às vezes de uma aluna e Mário sentiu-se ainda mais feliz na evocação dos tempos em que foi mestre de sua atual esposa. Os passos de baile traduzem, ainda, o ambiente de paz e amor que ambos desfrutam. Um casal feliz de causar inveja...



Para se tirar do instrumento o máximo de harmonia e firmeza de sons, faz-se mister que as correias do ombro e da mão esquerda estejam bem apertadas. A sua verificação é o primeiro trabalho do professor quando a aluna é novata.



A posição dos pés e das mãos, sem dúvida alguma, faz parte da primeira aula. Pernas cruzadas e braços elegantemente arqueados, são a forma correta do acordeonista executar os seus números, quando sentado. A aluna parece ir muito bem...

NÃO se pode deixar de reconhecer em Mário Mascarenhas, as características do homem que nasceu para enfrentar um pequeno mundo de adversidade. E afinal, conseguindo seus objetivos.

Nascido no Espírito Santo, esse capichaba de boa cepa veio para o Rio, quase criança, e aqui começou a trabalhar. Foi «office-boy», experimentou vários empregos e aprendeu um ofício, o mesmo do atual Presidente da República: telegrafista. Foi telegrafista da E.F.C.B., e depois o destino o mandou para outros mistérios. Sua tendência para a música iniciou-se no piano e no violino, mas, no acordeon, é que Mascarenhas deveria especializar-se. E assim foi. Por ocasião da guerra, autoridades norte-americanas promoveram, em nosso país, a seleção de alguns músicos para organizar um conjunto que deveria atuar — e atuou — nas bases militares do Norte. Mário Mascarenhas foi um dos escolhidos; con-

Mário Mascarenhas e Conchita, depois de muito «disse-me-disse» em torno de sua vida conjugal, voltam às boas para continuar a obra realizadora de um homem que, sem favor algum, é das legítimas expressões musicais no Brasil.



Com o perfeito contróle de ar, nos movimentos do fole, o aluno já está capacitado a executar os sons fortes, os fracos e os pianíssimos. Enquanto isso, os baixos da mão esquerda devem, também, ser controlados para não abafar a melodia da mão direita.



A colocação dos dedos no teclado é muito importante. Estes devem «tornar-se redondos», como se estivessem segurando uma laranja. Da sua posição, vive o «son legato»: um dedo solta a tecla no momento em que a outra estiver sendo pressionada.

Texto de SÉRGIO SILVEIRA Fotos de ALBERTO FERREIRA



O segredo do fole assemelha-se ao do cantor. Da mesma forma que o vocalista usa o diafragma para encher os pulmões de ar, o acordeonista aproveita-se do fole, para suprir as necessidades da ventilação interna do seu instrumento. Reparem!

seqüentemente, foi ter aos EE.UU., mas, ao cabo de seis meses, de acordo com as leis vigentes, teve de se naturalizar norte-americano. E, ainda em seqüência lógica, prestou serviço militar ao Tio Sam, na qualidade de marujo. De volta, pôs em ação o seu plano de intensificar o bom gosto juvenil pelo acordeon. Tem, hoje, a sua grande academia aqui no Rio, com capacidade para mil e duzentos alunos — na maioria moças e crianças — e sucursais em quase todos os Estados, confiadas às próprias alunas por ele diplomadas. Quanto ao professor, é ele diplomado acordeonista, pela Argentina e pelos EE.UU. Refeito das ocorrências que puseram em evidência seu nome e o de Conchita Mascarenhas, sua esposa, voltaram ambos às suas atividades, promovendo excursões que se repetem com freqüência e os levam em vitoriosos giros pelas cidades e municípios do interior.

O acordeon, quando tocado em pé, requer maior trabalho do executante. A postura do corpo e do instrumento devem ser conjugadas para que o número tenha graça e trejeitos, quando música popular, e sobriedade nas peças clássicas.



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO

TODAS AS
QUARTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS

Consagradas pela tradição
e por sua eficiência
comprovada



Gynegon
Stopyl
Valemin
Citrobi
Titanol

Colomy

Chromogen

Coqlucin

Yakritamin

Tuberculina

Anti-infectuosa

Fabricante e Distribuidor:

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
Rua Santa Luzia, 799-13º and. — Tel. 22-0902 — RIO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



A COROA E A ESPADA

(Cont. da página 29)

— De Creville, disse o rei também calmo, lembre-se que está diante do seu rei!

— Não, senhor. Não estou. Meu amo e príncipe, Carlos, Duque de Borgonha, renunciou a toda aliança com o seu trono, e sua coroa, dizendo que sois falso e traidor... e o desafia, como homem e como príncipe... Esse é o testemunho do desafio! disse De Creville, arremessando uma luva aos pés do rei.

— Dunois, mais enojado que a princípio, voltou a pôr a mão no copo da espada, mas o rei prontamente lhe ordenou que se contivesse. Depois, voltando-se tranqüilamente para De Creville, disse:

— Não posso aceitar vosso desafio. Borgonha talvez prefira a guerra. Uma guerra que dividirá e destruirá a França. Eu escolho a paz. A paz dentro da qual a França poderá prosperar. Que me insultem e me desonrem, mas permanecerai ao lado de tudo que é nobre, bom e santo.

E o rei terminou por dizer ao embaixador de Carlos que se dentro de trinta dias ele continuasse a mostrar espírito de rebelde atitude, pessoalmente iria à corte de Carlos, em Peronne, para ajustar as diferenças entre ambos.

Impressionado pela serenidade e o valor demonstrados pelo rei Luís, De Creville se despediu e saiu do castelo.

Quando Quintin, obedecendo às ordens do rei, penetrou na habitação de Isabel, esta apressou-se em gritar pedindo socorro, mas ele a convenceu de que o soberano lhe havia ordenado que a protegesse contra qualquer intento por parte de Borgonha para libertá-la.

Não passou muito tempo antes que a bonita Isabel se mostrasse profundamente impressionada pela vigorosa aparência do jovem escocês. Por sua vez Quintin convenceu-se logo de estar diante da mulher mais bela do mundo. Mas como todo cavalheiro, não lhe era permitido por mais tempo acalentar esses e outros pensamentos.

Para passar o tempo da forma mais honesta possível, os dois decidiram jogar as cartas. Durante a partida, ela confessou que era sumamente infeliz:

— Sinto-me tão só e abandonada nestes últimos dias, que não tenho palavras para agradecer a quem quer que tenha provocado a sua visita. Só assim me encontro um pouco acompanhada, e por um cavalheiro educado...

Quintin sentiu que o sangue lhe subia ao rosto, mas era óbvio que também se sentia feliz no desempenho de tão agradável missão.

— Que atividade é a sua, Durward? indagou Isabel. Por que se encontra tão longe da Escócia? Que faz na corte do rei Luís?

— Isso é uma longa história, retrucou ele.

— Por favor, conte-me tudo! Quero saber tudo o que lhe diga respeito, exclamou com veemência, tomando-lhe a mão.

Quintin retirou os olhos da moça porque sentiu que lhe queimavam.

— Bem... balbuciou. Alguns dizem que sou um sujeito esquisito, mas fui educado para ser um cavalheiro... manejo com habilidade espada... a lança e a flecha... Ensinaaram-me a ser digno, a adorar a Deus, a defender os fracos e os oprimidos e a respeitar as mulheres... Mas, sobretudo, ensinaram-me a ser sempre fiel à minha palavra.

Por um instante os olhos de ambos cruzaram-se. Depois ele os baixou para a mão que acabava de ser acariciada pela de Isabel. E lentamente se desembaraçou dela.

(Continua no próximo número)

O GRANDE KAPITZA

(Cont. da página 13)

Tanto quanto possível, Kapitza deseja evitar o emprêgo do «Eu». Mas, como se pode alguém denominar a si próprio.

— Isso é o que chamo de curiosidade! Mas passemos ao tabuleiro de xadrez. Veja, dispus as pedras segundo a maneira de Capablanca. Seria capaz de derrotá-lo, segundo penso, com menos de vinte jogadas.

— Bem, não posso negar que admiro muito o jogo de xadrez. Foi pra jogar que o senhor me mandou vir aqui?

— Não acredita?

— Apenas acredito no trabalho que me espera!

— Mas o senhor voltará a ele.

— Não sem Kourtchatov! — retruca Kapitza, em tom ríspido.

— Nem sem Dorfmann também, não é? E' por causa disto, justamente, que mandei chamá-lo. Quer que mande soltá-los, para que eles, entre si, o tratem de isótopo do snobismo.

— «Até isso ele sabe» — pensou Kapitza. «Efetivamente, anda bem informado».

— Pessoalmente, isso não me interessa. Eles achavam que meus pontos de vista eram errôneos, é verdade, porém, isso não é motivo para fazê-los desaparecer.

— Bem. A essa hora, ambos devem estar dormindo, e amanhã será outro dia...

— Muito grato pela informação.

— Isso é questão resolvida, meu caro. E agora passemos a...

— Falta-me ainda falar do caso de Rafalovitch — interrompe-o o físico. Ele é-me absolutamente imprescindível. Tenho necessidade dele imediatamente!

— Nunca mais ouvi falar dele. Deve estar trabalhando por aí agora. Porém, se ele não vier até nós, nós iremos até ele. De qualquer modo, está na hora de jogarmos.

Foi Stalin quem principiou a partida.

Subitamente, o ditador interrompeu as jogadas para dizer:

(Continua no próximo número)

Domingo, 3 de junho de 1906.

COM 104 ANNOS FALLECE O VISCONDE DE BARBACENA

● O retrato que a REVISTA DA SEMANA estampa hoje em sua primeira página é o do eminente vulto visconde de Barbacena, que na avançada idade de 104 annos falleceu na segunda-feira da semana passada. Monarchista de rija tẽmpera, embora no actual regimen se dedicasse ao Brasil, o finado com a fina educaçãõ que tanto o caracteriza-va excusou-se sempre a occupaçãõ de qualquer cargo da Repùblica, embora para alguns tivesse recebido insistentes pedidos.

Sua morte é geralmente sentida, pois, a par do seu trato lhano tinha o visconde de Barbacena (Felisberto Caldeira Brandt) um excellente coração. Cercado dos desvellos da familia que o adorava com loucura, sob a guarda de clĩnicos devotados, falleceu o illustre diplomata brasileiro em sua residencia, deixando de sua eterna ausencia a mais intensa das saudades.

Os restos mortaes do visconde foram encerrados no carneiro em que se achavam já os de sua filha, fallecida há annos.

PRESTEZA PARA SUFOCAR UM LEVANTE EM MATTO GROSSO...

A «Revista da Semana» estampa algumas photographias apanhadas durante o embarque do sr. general Dantas Barreto, que seguiu no vapor «Prudente de Moraes» com destino á Matto Grosso, como commandante das forças de expedição. Este paquete recebeu no Rio Grande do Sul o 3º e 13º Batalhões de Infantaria, se-

guindo depois para Corumbá, onde o sr. general commandante se entenderá com as autoridades militares, governadores do Estado e revoltosos, resolvendo, logo após, sobre o modo de agir, para por termo a revolução que ora alli se agita.

AOS CUIDADOS DE CHAPOT PRÉVOST

Ellas se acham desde 5 de setembro na Casa de Saude S. Sebastião aos cuidados e expensas do dr. Chapot Prévost, que procede a estudos para verificar se é possível separar as duas galantes meninas. Pensamos, porem, que pelo liame a que se acham unidas, será difficil separação, parecendo dever ella provocar a morte consequente á scisão em vista do ponto vital que a fatalidade os uniu. E' um dos casos teratologicos dos mais difficeis que se tem apresentado ao distincto cirurgião brasileiro, e pensamos que, como aqui o fazemos, o problema se lhe apresentará cheio de perigos e incertezas. E' um caso physiologico este em que o medico e o cirurgião principalmente, tem que refletir mui seriamente antes de tentar a operação, pois o dilema se apresenta fatal: — ou a vida pela xiphopagia, ou a morte. Em todo o caso, são largos os estudos do conhecido cirurgião e fazemos votos para que a sciencia, por seu intermedio, dê um passo na estrada do progresso, angariando dest'arte mais um motivo de justa gloria para o nome brasileiro.

LUXO DO TELEGRAPHO EM CHAMAR «REVOLUÇÃO»

Os que estão habituados a assistir entre nós o desenrolar dos pequenos incidentes a que o telegrapho se dá ao luxo de chamar revoluções, sabem perfeitamente o valor real de taes successos. Elles representam na maioria dos casos o luxo que se dá um chefe provinciano de exhibir uns tantos apaniguados caracterizados em

revolucionarios e cometendo, sob a protecção mais ou menos valiosa dos chefes, umas tantas vilanias, umas tantas torpezas, que mais tarde, depois de dominado o movimento, ou de effectuado o accordo dos mandantes com os governos, são classificados de factos heroicos.

A NOSSA DIPLOMACIA NUM "DOLCE FAR NIENTE"...

Orta, taes movimentos não tem em si proprios o valor que se lhes pretende sempre attribuir e os nossos homens sabem perfeitamente d'isso, não sendo, portanto, difficil no estrangeiro, dar-lhes o verdadeiro alcance.

Em vez d'isso, porém, a nossa diplomacia parece comprazer-se em deixar espalhar os mais descontraídos boatos e com um rizinho sarcástico, e ao mesmo tempo, demonstrando uma profunda compaixão pelos desmandos dos nossos mal intencionados politicos, vae ficando n'um "dolce far Niente", enquanto a imprensa avida de escandalo, deturpa a natureza dos acontecimentos e traz para a nossa bandeira a critica mordaz e injusta dos invejosos de todos os tempos.

TINA DI LORENZO NO THEATRO LYRICO

O publico carioca, cuja fibra artistica é deveras afinadissima, teve quarta-feira ultima o grato ensejo de ouvir Tina di Lorenzo na Magda, a genial italiana que alia á sua peregrina belleza, um talento digno de todas as homenagens dos povos cultos.

Tina, que nas principaes capitais do universo tem empolgado os mais exigentes publicos theatraes, obteve, e o mereceu sobejamente, mais um punhado de mil e muitos applausos no Rio de Janeiro, applausos que representam os ultimos retoques para grande aureola que a gloria lhe offerecerá, recommendando-a assim á consideração mundial. Nasceu Tina em Turim, passando o melhor de sua infancia em uma aldeola da Sicilia, cujos ares benéficos e purissimos, cujo sol de uma quentura vivificante influiram sobremodo para o desabrochar de sua habilidade artistica, qualidade que desde logo se lhe apresentou como radiante aurora de um dia de invejavel triumpho.

Aos treze annos de idade, Tina cujo viço e intelligencia, então, já faziam a admiração dos que tinham a suprema felicidade de ouvi-la, foi delirantemente applaudida quando fez o principal papel do drama *Dionizia*.

Desde esse triumpho, Tina tem subido no conceito dos publicos que a tem ouvido, desde essa epocha que a extraordinaria artista se tem sentido victoriosa, inda que a modestia em si seja um facto.

Em todos os theatros dos paizes em que com mais carinho são cultivadas a arte dramatica e a esthetica scenica, Tina se fez ouvir, recebendo sempre as mais estrondosas acclamações de milhares de pessoas que a admiram quasi religiosamente; em uma phrase: Tina di Lorenzo é a incarnação da arte dramatica em linguas neo-latinas.

Que do Brasil, onde ella vem pela primeira vez, ha de guardar imperecivel recordação, ninguém o contestará, pois é notório que conquanto sejamos exigentes, somos também justos e assim sabemos render o nosso preito áquelles que d'elle se tornam dignos.

EM CONSEQUENCIA, ATRAZO EM NÓSSA VIDA ECONOMICA

A serie de commoções intestinas, por pequenas que sejam, tem sempre trazido ao Brasil, as mais nefastas consequencias, e se o governo federal, não se incomodando tanto pelo resultado das cadeiras parlamentares, se desse ao trabalho de verificar os maleficos resultados que advem para o paiz, a repercussão no exterior d'estas vergonhas, certamente o nome do Brasil não serviria, em todas as occasiões azadas, para ponto de partida de criticas indecorosas, injustas e desmoralisadoras, que como resultado trazem o atrazo da nossa vida economica e das nossas relações commerciaes internas e internacionaes.

Convem de uma vez para sempre fazer cessar essas vergonhas, que só servem para desmoralizar o Brasil e impedir-lhe a marcha regular na senda do progresso. Isto é preciso acabar!



Grand Monde internacional



Dolores Sherwood provavelmente se reconciliará com Jorge Guinle.

◆ Em 1929 Adolphe Menjou fez pela primeira vez para o mundo, a lista dos «dez homens mais elegantes», hoje adotado em todo o mundo. No ano passado Menjou resolveu escolher seus «dez mais elegantes», na qual figuram nobres, artistas de cinema e políticos. O «Grand Monde Internacional» transcreve a lista do célebre Menjou: Fred Astaire, Senador Stuart Symington, Duque de Edimburgo, Cecil Beaton, Frank Sinatra, Noel Coward, Duque de Windsor, Henry Cabot Lodge, Douglas Fairbanks Jr., Jules Glaenger. — No hotel mais caro do mundo, ou seja, Tower Isle Hotel, encontra-se em lua de mel Ruth filha de Eliot Roosevelt. Como vocês devem saber, a citada Ruth tem novo marido. — Depois que Monsieur Litman reatou suas relações com sua ex-espôsa, que há tempos estavam separados, surgem rumores de uma possível reconciliação entre sua ex-noiva, sra. Dolores Sherwood e o sr. Jorge Guinle, divorciados recentemente. — Segundo uma colunista de Nova York, a princesa Grace Kelly está esperando «baby». — Betty Hutton disse que jamais faria papel de uma lunática. Seu próximo

filme «Spring Reunion» ela fará um papel dramático sem cantar um só verso. — A renda da exibição do filme do casamento Grace-Rainier, cujos direitos exclusivos a Metro adquiriu por duzentos mil dólares, será destinada a uma instituição de caridade. — Gary Crosby foi visto «in love» no Chasen's com uma bonita loura Jean Ferguson. Gary, como vocês sabem, é o filho mais velho do célebre Bing Crosby. — De Cannes sou informado que o filme brasileiro «Sob o Céu da Bahia» foi premiado. Como já tive oportunidade de noticiar por esta coluna, que o filme havia sido mal recebido pela crítica, devido a péssimo trabalho de seus artistas, recebeu agora um prêmio pelas imagens em côr.

Pequenos Flashes

◆ Encontra-se no Rio a senhora Maria do Carmo Corrêa Ribeiro, que é uma das «dez mais elegantes» de 55. A elegante senhora baiana está hospedada no Copacabana Palace, e deve demorar-se alguns dias aqui em tratamento de saúde. Ainda não tive o prazer de ver a Maria do Carmo circulando. Logo que chegou ao Rio, Maria do Carmo foi imediatamente à «Canadá de Luxo» em companhia da colunista Cecília Dulce. O Zacarias do Rêgo Monteiro vai me contar as compras feitas por Maria do Carmo na «Canadá», e também da Cecília, é claro. — No próximo dia 12, Gilberto Trompowsky completa vinte anos de crônica social. Os amigos do veterano cronista estão preparando um grande jantar em sua homenagem. Estarei presente. — O jovem Hugo Veras acabou o namoro com a senhorita Aída Antunes para ficar noivo. O casamento será para breve. — O sr. e sra. Arnaldo Brenha estavam na outra semana no aeroporto esperando o nosso conhecido Jackson Flores, que chegava de Nova York trazendo os últimos lançamentos de discos em matéria de jazz. — Acho que o «Key-Bar», do Fafá Lemos, não vai

fazer sucesso. O serviço do bar em questão não pode ser pior. — A jovem senhorita Bernadete Maria Prestes fez sua «mudança de idade» com amigas e champanhota. Felicidades brôto! — No Beguin, quando assistia com a colunista Cecília Dulce ao «show» «E o espetáculo continua», apresentei Cecília ao grande produtor Carlos Machado, que me disse: «Jeff, essa é a colunista social mais bonita que eu já conheci». A referida colunista santista ficou endeusada com o elogio do Machado. «Bola na rede». — O sr. Moacir Calheiros, diretor de publicidade da revista «Rio», é realmente um grande conhecedor do assunto. Aliás, o último número da «Rio» está excelente. — Num recente «cock-tail» na Embaixada da Argentina, a senhora Joaquim Monteiro de Carvalho estava uma beleza. Foi a senhora mais bonita e elegante que vi. Será uma das «dez mais elegantes» deste ano? — Ao colunista Tavares de Miranda, peço que me responda com urgência quem é Seville Row. Estou ansioso em saber quem foi ou quem é essa figura. — O casal Arnaldo Brenha é o que melhor tem recebido ultimamente. Outra noite o meu

Machado continua na pista

◆ Depois do incêndio do «Night-and-Day» o grande produtor Carlos Machado voltou à pista no «Beguin» com seu «show» de emergência «E o Espetáculo Continua», que está levando grande público ao «Beguin». «Bola na rede» Machado.

Gossip

◆ Prepara-se para subir breve o altar o outrora colunista Chuck Woodward com a bonita e simpática Verinha Maria Pereira. Atualmente o Chuck, como já noticiei para vocês, é o «public-relations» do Beguin e mais alguma coisa. — Há uma tendência grande das cariocas para namorarem paulistas. Acho bom as paulistas fazerem o mesmo. Não é, meninas? — Continua de par constante o senhor Ricardinho Fazzanello com a senhorita Raquel dos Santos Jacinto. Apesar disso o romance parece frio. — O «Brôto Proibido» está namorando o paulista Carlos Lázaro. Na noite de gala do «Charleston» Regina Rosemburgo estava (sem par) sozinha. O Lázaro devia estar em São Paulo, dizem que o moço é bom partido. — Segundo estou informado, dificilmente a senhorita Terezinha Simões Soares ficará noiva do diplomata argentino Daniel Sabadini. Que aconteceu? — Continua sem par a senhorita Zaida Saldanha. Mais uma vez vi a menina Zaida circulando na noite de gala de Givenchy sem nenhuma escolta. — O cônsul Luís Carlos Thedim negou-se a revelar o nome de seu atual romance. Parece que o negócio é sério, sério mesmo. — Ainda não se sabe quem é o romance da atual «Miss Distrito Federal», senhorita Lêda Bastos. Acho que Lêda não tem ainda nenhum amor. Como «miss» a menina não me impressionou. — O ex-colunista social José Mauro anda escoltando uma jovem que tem duas vezes o seu tamanho. Será alguma «miss»? — Mais uma vez estive no Rio a colunista Cecília Dulce para, em companhia de seu conhecido «love», participar de dois importantes acontecimentos sociais. — Silvio Túlio Cardoso estava muito romântico numa noite em uma «boite». Parece algum amor do conhecido cronista de disco. Silvio foi a New York e já está de volta. — Gostaria de saber quem é o romance de minha amiga Glorinha Capanema. Aliás, essa menina anda desaparecida. Também desaparecida anda a senhorita Diva Dolabela. — E o negócio é circular. Bola-na-rede.



Regina Rosemburgo namorando um bom partido.

NOTA: — Devia chamar-se Maria DERROTA e não Maria Victória a pessoa que assina «Contaram, nós ouvimos...» no Shopping News. Parece ser a mais perfeita discípula do já superado A. Cordeiro. Tomo juízo menina.



Heleninha Brenha, ultimamente tem recebido muito «en-petit-comité».



Chuck Woodward numa imitação de All Jolson.



Um aspecto das meninas dançando o «charleston».



Manuela de Abreu canta durante o «show».

BAILE DO CHARLESTON

◆ Foi na Hípica o «Baile do Charleston». Acontecimento idealizado e organizado por essa dinâmica senhora (portuguesa, hoje já muito conhecida no «society» carioca) Fernanda Pires da Silva, que, juntamente com o senhor Agenor Pereira Guimarães e este colunista, patrocinaram a noite do «Charleston» (30 anos atrás), onde um grupo de jovens da sociedade, vestido em trajes daquela época, dançou para um público fardado de «black-tie» e vestido decotado. Depois um «show» do qual tomou parte o sr. Chuck Woodward (numa imitação de All Jolson), Irene von Dellingshausen e Manuela de Abreu, continuou essa noite divertida e «bem» concorrida, com o fabuloso Bené Nunes ao piano. Foram convidados especiais a colunista Cecília Dulce e o não menos colunista Tavares de Miranda (este à última hora não pôde comparecer). Vocês agora vejam as fotos e verifiquem como era diferente a moda daquela época.



A elegante noite esteve super-concorrida. Muita gente de «black-tie» e vestido decotado presente.



Senhora Fernanda Pires da Silva idealizou e organizou o «Baile do Charleston».



Os três organizadores da grande noite: senhor Agenor Pereira Guimarães, senhora Fernanda Pires da Silva e colunista.



A colunista Cecília Dulce esteve presente com todo seu «charme» como convidada desta coluna.



MARLY SARAIVA (MELINDROSA) MESMO. QUE ACONTECEU?



NEW COBRA APARECEU ESTILO MULHER FATAL. E DAI?

AS MARILYNS DE 1925...

SE ESSAS MELINDROSAS tivessem desfilado há trinta anos passados, teriam despertado, no público masculino, então, como hoje, ávido de emoções fortes, as mais ruidosas manifestações de entusiasmo. Era a época das Norma Shearer e das Gloria Swanson, época em que não havia mocinha de vinte anos que se não julgasse uma mulher-fatal, pela qual multidões de Rodolfo Valentinos morreriam com prazer. Vejam a «ousadia» de algumas delas, erguendo a barra da saia até um pouco acima do joelho! E' verdade que havia uma horrorosa

meia — dessas que menina de colégio de freira continua usando — a atrapalhar a visão dos homens. E na praia, local em que se presume uma bem mais ampla sumariiedade de vestes, os «maillots» eram aquele desperdício de pano que se pode ver na foto. Foi há trinta anos? Há trinta mil? Tudo isso parece estar tão longe, e no entanto continua atual. Pelo menos, durante o «Baile do Charleston», há pouco realizado, com grande sucesso, na Hípica. (Fotos de A. VIEIRA)



A BONITA IRENE VON DELINGSHAUSEN POSA COM SEU MODELO.
A BELEZA DE SOLANGE HAOUCHE PARECIA UMA POLA NEGRI.



A GRACIOSA MANUELA DE ABREU DE PITEIRA FOI UM «SHOW».
A LOURA TUTSI BERTRAND COMO UMA BANHISTA DA ÉPOCA.



Restinga

Desenho de J. RIBEIRO

Conto de ALOISIO G. BRANCO

JOÃO PEDRO relanceia para fora da cabana: viu o brilho intenso do meio e a sombra da amendoeira, oferecida, alargando-se na areia quente. Caniço, de natural molesto, ronda por ali mesmo, sem latir, sem ganir sequer. Vão ver que o safadinho está com saudades também, bêbado de não fazer nada. Pois essa história de mulher finda sempre e sempre em cachaca — pensa, ao assomar à porta quando se depara aos seus olhos o botequim e emborca a moringa na garganta pegajosa de dormir tanto.

Estendidas sobre o capim ralo há coisa de duas semanas, se ferindo nos picos, tarrafas e rédes estão cheias de malhas podres a reclamar remendos. Ora, qual o homem que não tem a sua rêde emaranhada, os seus espinhos, o seu caso? Mas o seu caso particular... o dia está diferente — repara. O tempo parece que mudou de vez. Espicha o olhar para os lados do Pontal; de lá vem, sem nunca falhar, esta tremura nos olhos, um vaporzinho dançando em cima da areia. Pois é, o dia está diferente.

Senta-se no tamborete sob a amendoeira. No chão, por entre as gramíneas, umas formiguinhas, em fileira apressada, brincam de viver e êle vai-se tentando em passatempo com enrolar o cigarrinho de palha nas mãos espalmadas. Tarefa não falta, está necessitando trabalhar de há muito; tempo de outono é bom para peixe, mesmo de anzol. Ergue-se, encaminha-se até a beira do rio: clap, clap, clap — concede à carícia líquida refrescar-lhe a sola dos pés; e então vai ver "Amarita", uma canoa que precisa calafetar mas está sem vontade nenhuma.

Clap, clap, clap — as marolas batem de mansinho no costado do barco e já o bôjo molha meio palmo: — porque sua existência é constantemente assim marnota, suscetível de ser sem mais nem menos invadida por água de mar ou rio.

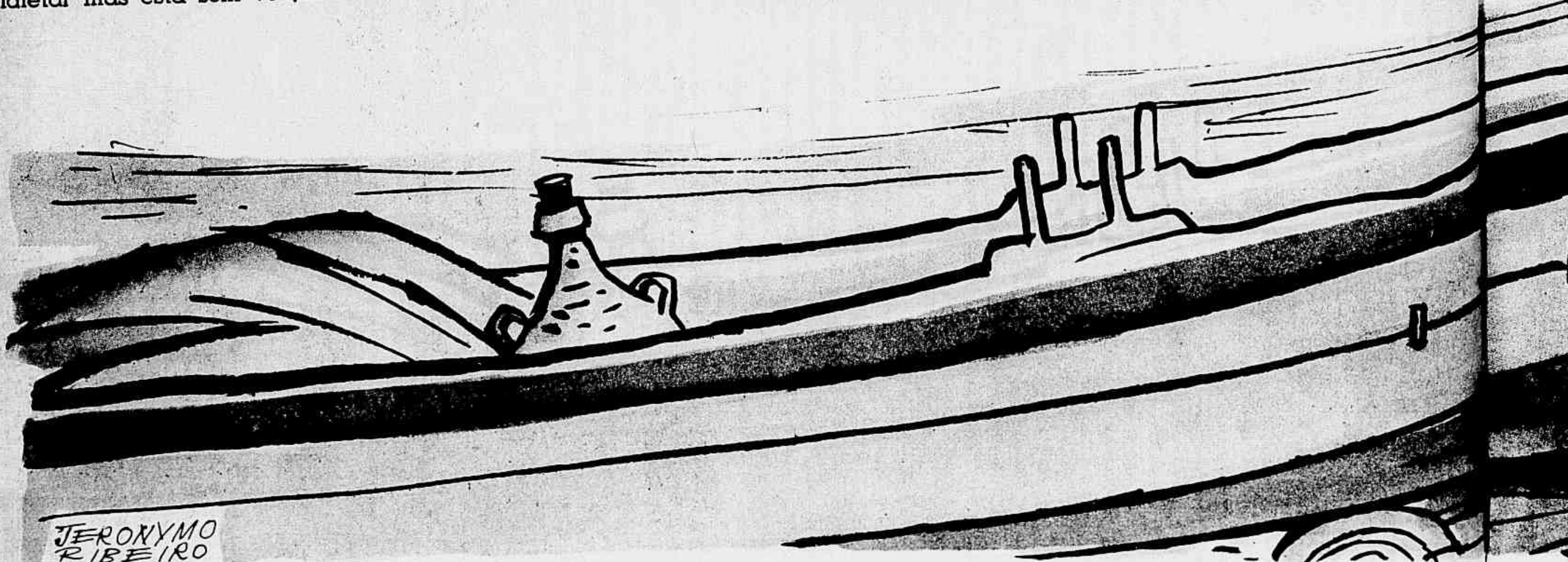
Uma sonolência envolve as tábuas e os peri-peri, fazendo-os cabecear ao compasso lento da brisa Nordeste; bem perto, o bando de patos desliza, um guri barrigudo e loutinho, assanhado que nem mandi, entra n'água, perseguindo-os, e logo atrás dêle, o grito de mulher, enfreado:

— Prá dentro! Já, seu muleque!

"Como berram essas lampreias, doidinhas para armar um furdúncio." João Pedro não gosta de mulheres, quem não sabe? Porém ela, ela não era assim: era mais esquisita do que êste dia diferente; e linda, com o maiô rico, de férias, uma beleza meio indecente de tão sadia, o sorriso sem vergonha e branco brilhando ao sol. Essa gente da cidade é engraçada mesmo, sabe rir com qualquer coisa que não presta e logo ficar séria; pode sorrir com macieza e depois se endireitar no disfarce; qual, o sujeito, quanto mais honesto, mais gagueja, sem o espontâneo. Fôra de dezembro a noite aluada. Que saudade! O beijo desembestado debaixo

do coqueiro, aquêle abraço de demônio e, de imediato, a negaça medrosa dela, a vergar o pescoço moreno, alvoroçando tôda a cabeleira negra em coleios de potranca bravia.

Que nada, não pense mais nisso, João Pedro; deixe de história homem bôbo. Você é coisa da restinga, nada mais. Filho dessas areias fôfas que rangem sob o pé da gente e fazem cambalear na caminhada, num cansaço de vida que não há jeito. Nem imagine em ir a Campos, João Pedro, nem pense naquele sobrado da Beira-Rio onde mora a mulher do maiô verde, o maiô das férias de gente rica. Pegar uma prancha de frete, sair pelo Paraíba agora com as velas brancas bem gordas de vento, com elas como um lenço grande, acenar do meio do rio à janela da mulher morena, levar-lhe uns robalos, umas pescadas como prenda — ui, que atrevimento; dá arrepio só em pensar. Contenta-se com ir a São João da Barra, não mais além; faz de conta que é ali que ela está, de envolta às palmeiras, à placidez das águas remansosas — tudo de mentira é bem melhor. Diabo, está ficando é tentadiço. Quem sabe se não vale a pena rezar? Olha só, coitadinha, a capela de N. S. da Penha, sôzinha e mal caiada.

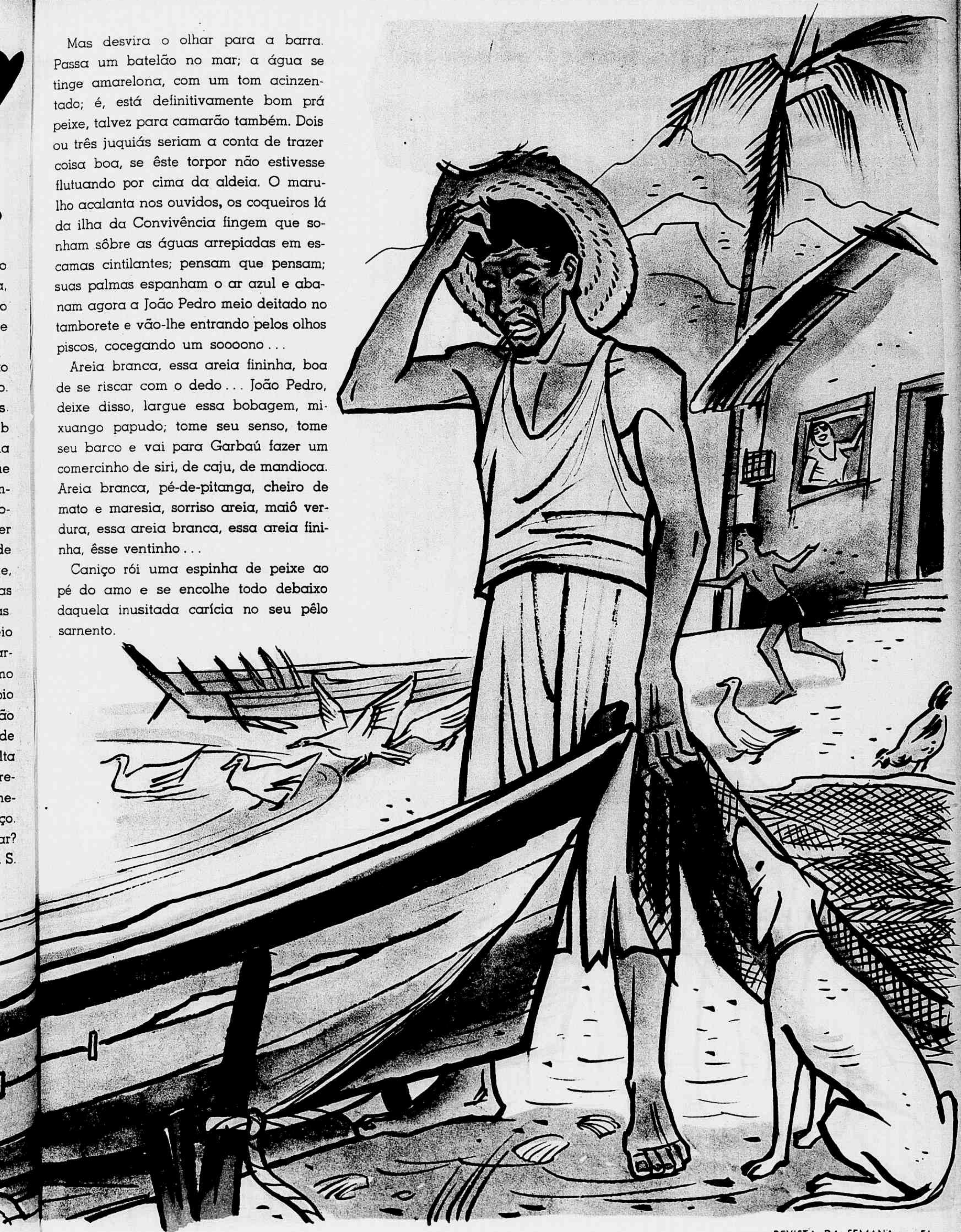


JERONYMO
RIBEIRO

Mas desvira o olhar para a barra. Passa um batelão no mar; a água se tinge amarelona, com um tom acinzentado; é, está definitivamente bom prá peixe, talvez para camarão também. Dois ou três juquiás seriam a conta de trazer coisa boa, se êste torpor não estivesse flutuando por cima da aldeia. O marulho acalanta nos ouvidos, os coqueiros lá da ilha da Convivência fingem que sonham sôbre as águas arrepiadas em escamas cintilantes; pensam que pensam; suas palmas espanham o ar azul e abanam agora a João Pedro meio deitado no tamborete e vão-lhe entrando pelos olhos piscos, cocegando um soooono...

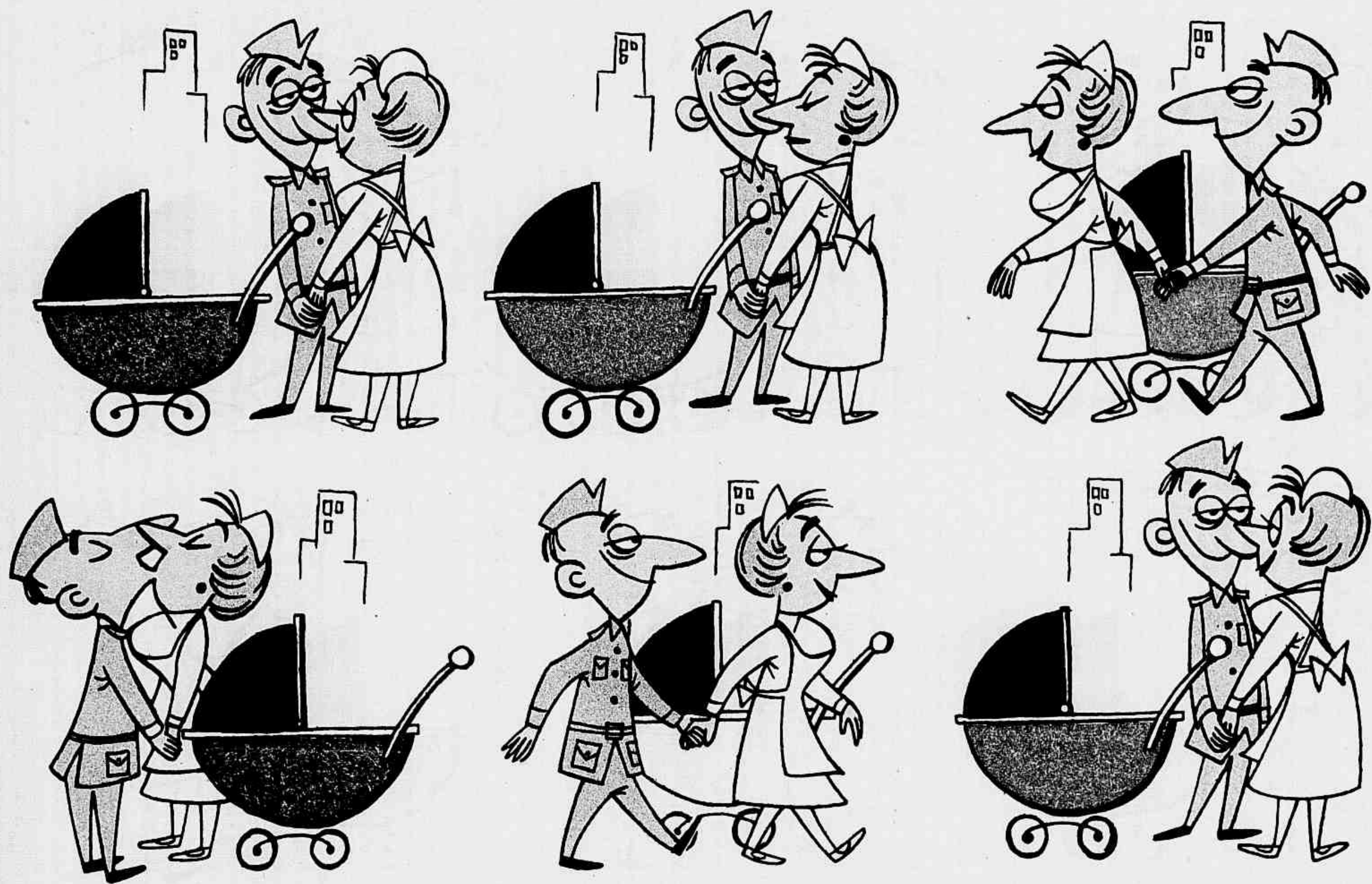
Areia branca, essa areia fininha, boa de se riscar com o dedo... João Pedro, deixe disso, largue essa bobagem, mi-xuango papudo; tome seu senso, tome seu barco e vai para Garbau fazer um comercinho de siri, de caju, de mandioca. Areia branca, pé-de-pitanga, cheiro de mato e maresia, sorriso areia, maiô verdura, essa areia branca, essa areia fininha, êsse ventinho...

Canço rói uma espinha de peixe ao pé do amo e se encolhe todo debaixo daquela inusitada carícia no seu pêlo sarmento.



FORTUNA (como disse o poeta) APRESENTA

SER BABA...



— Como vai, colega?



CONVERSA A MULHER

LYGIA JUNQUEIRA

(Desenho de JAIRO)

Três conselhos preciosos

Um cronista italiano, Giuseppe Grieco, especialista em assuntos psicológicos familiares e conjugais, dá às esposas três conselhos que reputo preciosíssimos para manter no lar aquela atmosfera de harmonia e compreensão tão necessárias à felicidade. São eles:

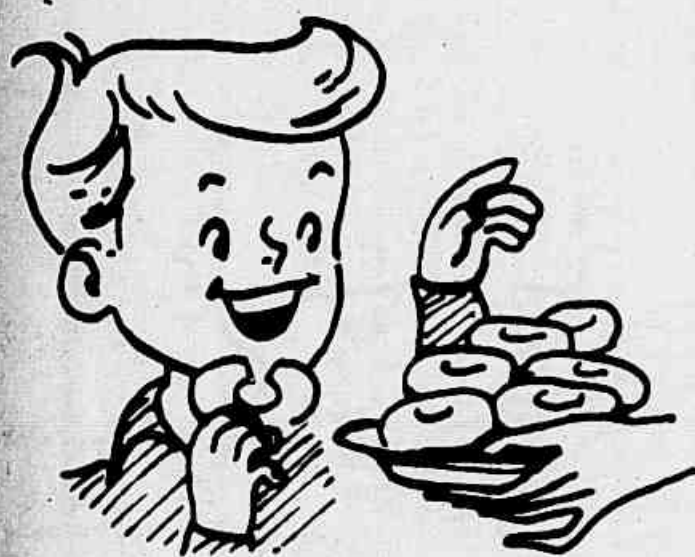
- 1 — Faça com que seu marido se sinta sempre o verdadeiro amo e senhor do lar.
- 2 — Dê-lhe constantemente a ilusão da liberdade absoluta.
- 3 — Arrume a casa de forma que ele encontre sempre mais conforto e comodidade no lar do que fora.

Como vêem, nada de muito complicado. A mulher inteligente realizará tudo isso de maneira que o marido não perceba que é propositalmente estudado para prendê-lo em casa.

Quanto à maneira de agir, posso afirmar que seu marido se sentirá como o rei do lar se você: organizar os cardápios das refeições de acordo com o gosto dele; não reclamar quando ele convidar os amigos para jantar, mesmo que seja um pouco em cima da hora; dar-lhe toda a atenção quando ele estiver em casa, à noite, ou nos fins de semana.

Com referência ao item 2, você deve saber que nada tira tanto a ilusão de liberdade de um homem quanto o ciúme da esposa. Mesmo que seja ciumenta não a demonstre e, sobretudo, não o importune com perguntas e suspeitas.

Finalmente, o conforto e a comodidade ele a terá se você cuidar que não lhe falte nada: nem botão da camisa; nem o abajur e a poltrona para a leitura dos jornais; nem o terno passado e escovado, com as calças vincadas; nem o silêncio e a paz, necessários depois de um dia de trabalho cansativo e nem sempre divertido.



Week-end na cozinha

◆ Quando chega a época das festas de junho, as crianças esperam ansiosas as fogueiras crepitantes, os fogos vistosos e barulhentos e... as guloseimas que então se servem. Dentre estas as «rosas fritas» são das mais apreciadas por pequenos e grandes. Experimente esta receita:

Bata muito bem, até ficar um creme mole, 2 colheres de sopa de manteiga e 1 xícara de açúcar mascavo (açúcar preto). Sempre continuando a bater junte um ovo inteiro.

Ponta, então, 3 xícaras de farinha de trigo peneirada, alternadamente com 1 xícara de leite.

Finalmente, junte uma pitadinha de sal e 1 colher das de sopa de fermento em pó. Termine de amassar tudo numa tábua enfarinhada. Faça as rosquinhas não muito grandes. Frite em gordura bem quente. Sirva-as ao natural, ou então com açúcar e canela, mel ou melado.

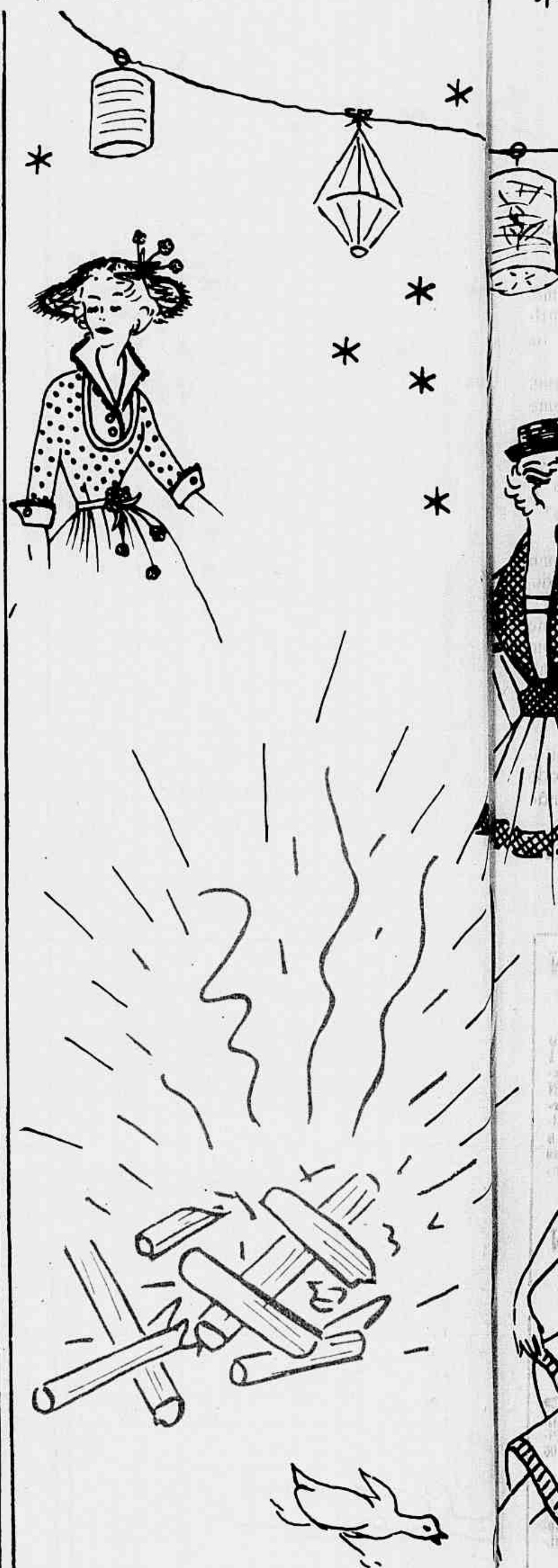
NOTINHAS

UMA COLHER das de sopa contém, em média: 15 gramas de líquido ou de sal grosso; 20 gramas de arroz, sal fino, farinha, óleos; 25 gramas de açúcar.

UM FERMENTO EM PÓ que você pode preparar facilmente em casa e que lhe proporcionará ótimos resultados para o pre-

paro de doces, obtém-se misturando: 60 gramas de açúcar finíssimo, 20 gramas de bicarbonato de sódio e 15 gramas de cremor de tártaro.

FEIJÃO, LENTILHA E ERVILHA, devem ser postas de molho durante uma noite antes de serem cozidas. Ficarão muito mais macios e você economizará uma apreciável quantidade de gás.



FESTAS JUNINAS

São João e São Pedro estão aí. Se ainda não preparou o seu vestidinho de chita inspire-se nestas sugestões graciosas. Um ornamento na cabeça é também indispensável, quer seja chapéu, laço de fita ou flores.



Sua beleza

★ Quando usar a escôva de cabelo proteja as costas com uma toalha felpuda ou uma penteadeira. Caspas e poeira engordurada que caem são, muitas vezes, responsáveis pela má aparência da pele de suas costas.

★ Quando sua pele estiver excessivamente oleosa e com os póros abertos, examine estes três pontos essenciais de sua saúde: maus hábitos alimentares, má circulação do sangue e mau funcionamento dos intestinos. Corrija-os (consulte o seu médico) e sua pele certamente há de melhorar.

★ Se você adquirir o hábito de todas as manhãs passar nas unhas uma lixa muito fina, evitará que rachem ou partam. Na maioria das vezes, são os bordos ásperos ou com pequenas rachaduras que as fazem lascar. Para quem gosta de ter as unhas longas é indispensável proceder assim.



Sugestão para o lar

Cem por cento no gosto atual é esta sala de estar. São leves e funcionais as prateleiras que ocupam a parede ao fundo. Em certos trechos dão lugar a armáriozinhos fechados que tanto podem ser uma eletrola, quanto um barzinho ou um «bureau». Cadeiras e longo divã em espuma de borracha. Os pés «palito» em jacarandá negro, encaixado. Numa peça assim mobiliada é preciso dar muita atenção ao colorido dos estofamentos e almofadas. Sobre um tapete será mais fácil harmonizar cores vivas contrastantes.



Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



O POLVO

(Cont. da página 15)

Essas palavras eram pronunciadas de tal jeito e com tal convicção, que todos acreditavam, plenamente convencidos de que o companheiro Kovaliov era um homem extraordinário. Eu mesmo — confesso! — eu mesmo me sentia confuso. Quem sabe lá se era verdade? Quem sabe se aquele homem tinha mesmo dotes excepcionais, que eu não percebia? Não merecia de fato um alto posto de direção? Podia ser que eu estivesse equivocado!...

Comigo, mantinha-se ele corretamente, testemunhando-me, sempre, consideração. Mas eu bem percebia que através dessa correção e desse respeito, irradiava sobre mim

ironia, desdém e alguma coisa assim como ódio. Sentia que esse homem aproveitaria a primeira ocasião para me dar o tombo e inutilizar-me. Por muito que me esforçasse para tratá-lo de maneira fria e formal, não podia de nenhum modo acalmar minha irritação. Ele o adivinhava, pois não se podia negar que tinha um olhar penetrante e conhecia muito bem os sentimentos alheios. Contemplava-me com mal disfarçada zombaria. Procedia como um vencedor possuído de incrível noção de superioridade, e procurava, por todos os meios, fazer com que a minha irritação viesse à superfície.

Uma vez, veio de automóvel ao meu gabinete. Tinha uma pasta nova e lúzia, mas estava vestida com acentuada singeleza prole-

tária. Sentou-se à minha frente, demonstrando preocupações transcendentais e consciente da alta missão que lhe havia confiado a história. A conversação, porém, só versou sobre coisas simples: a regulamentação dos salários dos obreiros mal pagos, ajustando, assim, o contrato coletivo. Neste ponto é que se deu o nosso primeiro choque. Enredaram-se nas nossas relações muitas outras pessoas e um vergonhoso tecido de intrigas se prolongou até estes últimos tempos. A questão foi resolvida dentro de poucos minutos. Ele me olhou de esguelha — seu velho costume — e, irritado, mastigando devagar.

— Vê você, camarada Muchine? A coisa não vale um ovo choco e você me fez vir de automóvel.

— Não o chamei, camarada Kovaliov. Você mesmo é que se dignou trazer aqui, inutilmente, sua importante pessoa.

Ele olhou-me com dureza:

— Não vim aqui por causa de seus belos olhos. Os interesses dos operários importam-me muito mais.

— Ora muito bem! E para mim são indiferentes os interesses dos trabalhadores? E' você o único defensor dos interesses deles?

— Claro. Do contrário não teria vindo aqui. Não se faça de desentendido. Você não é mais do que um funcionário administrativo, um bonzo da economia. O mesmo que os outros — não conhece limites e só sabe provocar conflitos.

O sangue subiu-me à cabeça. O coração pareceu-me querer saltar do peito. Derruíram-se no meu cérebro todos os diques opostos à imprudência. Essa criatura empesante, esse arrivista e ambicioso atrevia-se a qualificar-me de velhaco, cuspiendo-me e insultando-me face a face. Ergui-me rapidamente da cadeira, a voz estrangulada na garganta:

— Você se esquece de si mesmo, cidadão Kovaliov! Você é um arrivista e um demagogo! Vá para as profundezas do inferno!

Ele, tranqüilo, disciplinado, sem uma sombra de excitação, mediu-me com o olhar e perguntou friamente, com dignidade:

— Quando esteve você, pela última vez, em casa do médico? A que vem este ataque de nervos?

— Vá-se daqui, aventureiro!

Essa expressão é que não me soou bem. Mas eu estava exaltado. Envergonhei-me, depois.

No dia seguinte Andriuscha veio ver-me. Apertou-me a mão. E, com seu olhar de touro bravo, examinou-me de alto a baixo.

— Como teve ontem um procedimento tão estúpido, Grischa?

— Refere-se a Kovaliov, Andriuscha? Só sinto não o haver atirado pela janela! Esse usurpador não merece outra coisa.

(Cont. no próximo número)

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir nas farmácias e drogas ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembêlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

UMA SEMANA NO RIO DE JANEIRO

Viagem, hotel de 1.^a classe em Copacabana e um prêmio extra de Cr\$ 5.000,00, tudo pago por PN!

PN

CONVIDA OS RADIALISTAS DO INTERIOR PARA UM ESTÁGIO DE SETE DIAS NA RÁDIO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Para premiar um radialista do interior com sete dias de estágio na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, com todas as despesas pagas, a revista **PN** lança um GRANDE CONCURSO DE ASSINATURAS ao qual poderão concorrer todos os radialistas do interior do país.

Além do estágio na Rádio Nacional, viagem aérea e estada em hotel de primeira classe em Copacabana, a revista **PN** oferece um prêmio em dinheiro no valor de Cr\$ 5.000,00 ao vencedor do Grande Concurso de Assinaturas, que terá a duração de dois meses, iniciando-se em 15 de maio e terminando em 15 de julho.

NÃO DEPENDE DE SORTEIO — SÓ DE VOCÊ!

Faça o mínimo de 50 assinaturas de **PN** em sua cidade e imediações, e venha trabalhar com os profissionais da Rádio Nacional. E, aqui chegando, escolha o setor de sua preferência para estagiar: administração, redação, "broadcasting", direção artística, rádio-teatro, sonoplastia, técnica.

Use o seu prestígio pessoal no comércio, na indústria, no rádio, na imprensa de sua cidade e V. poderá vir passar umas férias no Rio com tudo pago por **PN**.

Preencha agora a sua ficha de inscrição abaixo, e nós lhe mandaremos, imediatamente, as fórmulas de autorizações de assinaturas, o material de propaganda e o regulamento do Grande Concurso de Assinaturas de **PN**. Comece a trabalhar logo para conquistar o prêmio de sete dias de estágio na Rádio Nacional, despesas de viagem e estada, e mais Cr\$ 5.000,00 em dinheiro, tudo pago por **PN**.

Sr. Jorge Bruce
Revista PN
Caixa Postal. 3748 — Rio

Desejo inscrever-me no Grande Concurso de Assinaturas de PN que oferece como prêmio ao vencedor uma semana de estágio na Rádio Nacional do Rio, com tudo pago, e mais Cr\$ 5.000,00 em dinheiro. Mande-me com urgência as fórmulas de autorizações, o regulamento do Concurso e material de propaganda, pois quero iniciar logo o trabalho.

Nome
Endereço
Cidade Estado
Emissora Cargo que ocupa
Ass.

Atesto que o sr.
exerce o cargo de nesta emissora.

Nome da emissora

Assinatura do diretor

de 1956.



Da esquerda para a direita aparecem Francine, num belo vestido estampado; Peggy, num modelo amplo e elegantíssimo; a morena Pia, num deslumbrante traje de "soirée"; e Denise, num vaporoso vestido adornado com rendas. Todos êles, criações de Hubert Givenchy. A platéia de Copacabana, formada de senhoras e senhoritas da sociedade carioca, recebeu entusiasmada as criações arrojadas do francês.

FRANCINE APRESENTA-NOS um chapéu que recorda os utilizados em África pelos exploradores. Repare-se a cintura alta de seu vestido. Embaixo, Pia, num lindo modelo.

GIVENCHY

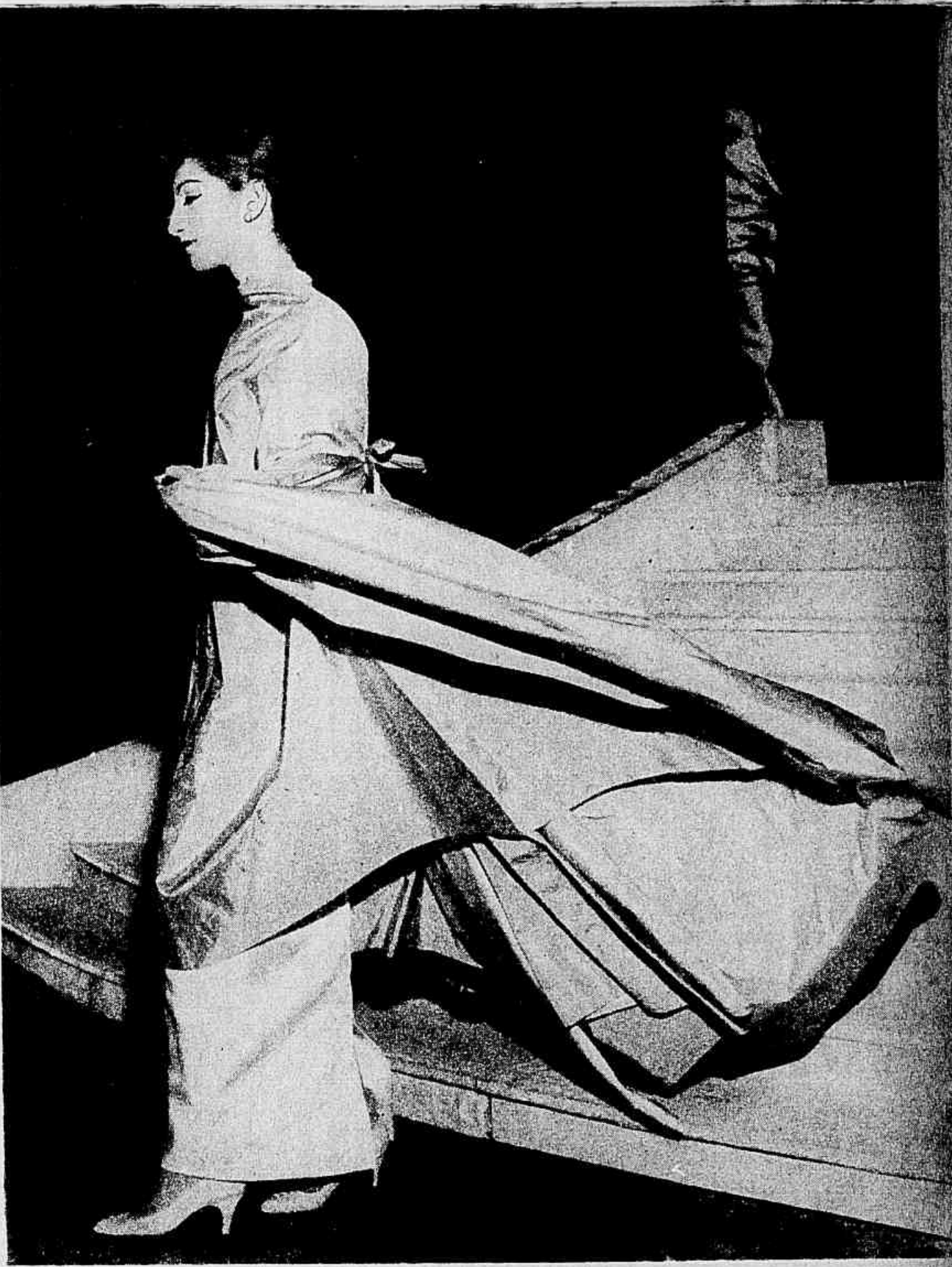
desfila

seus

modelos

REVISTA DA SEMANA — 58

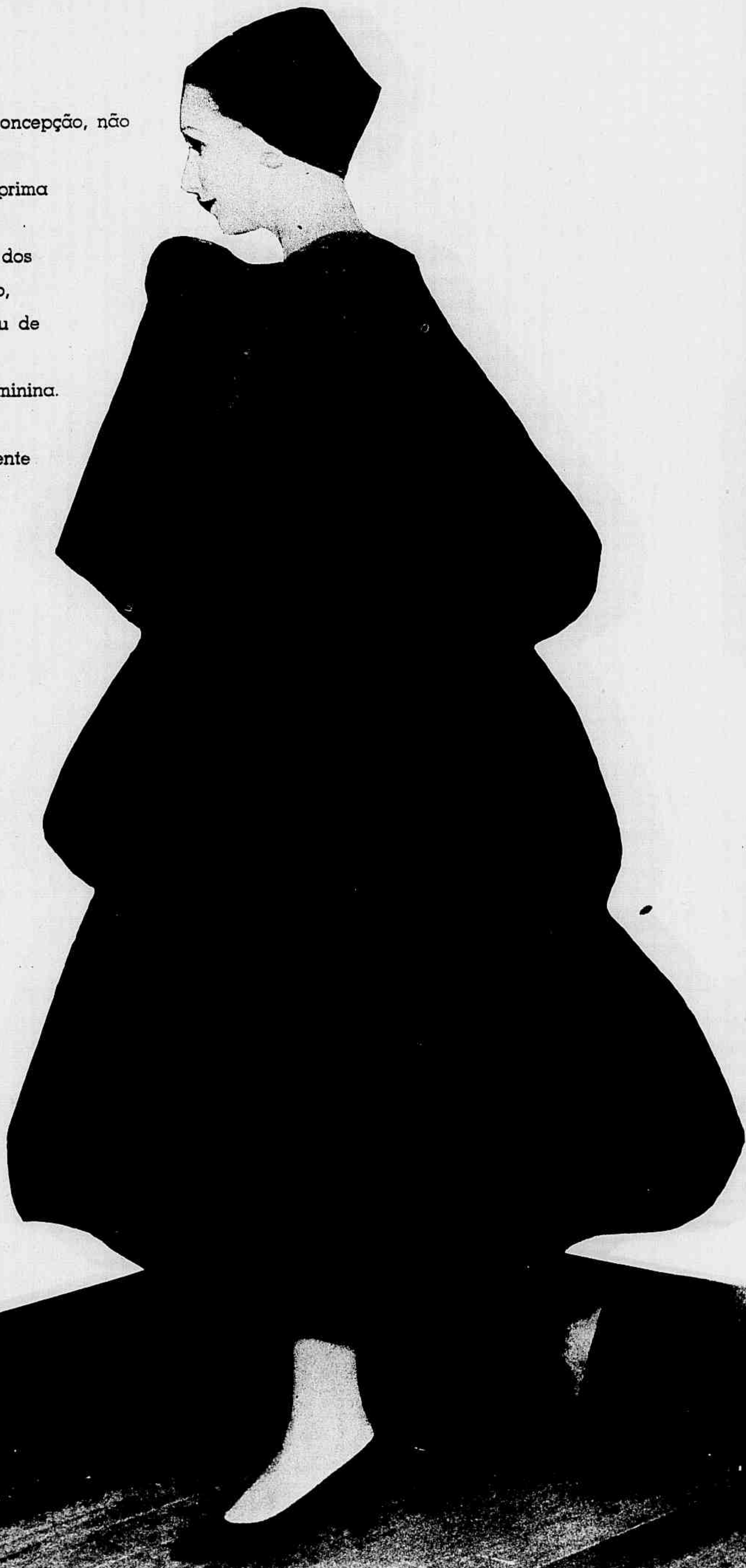




GIVENCHY DESFILA SEUS MODELOS

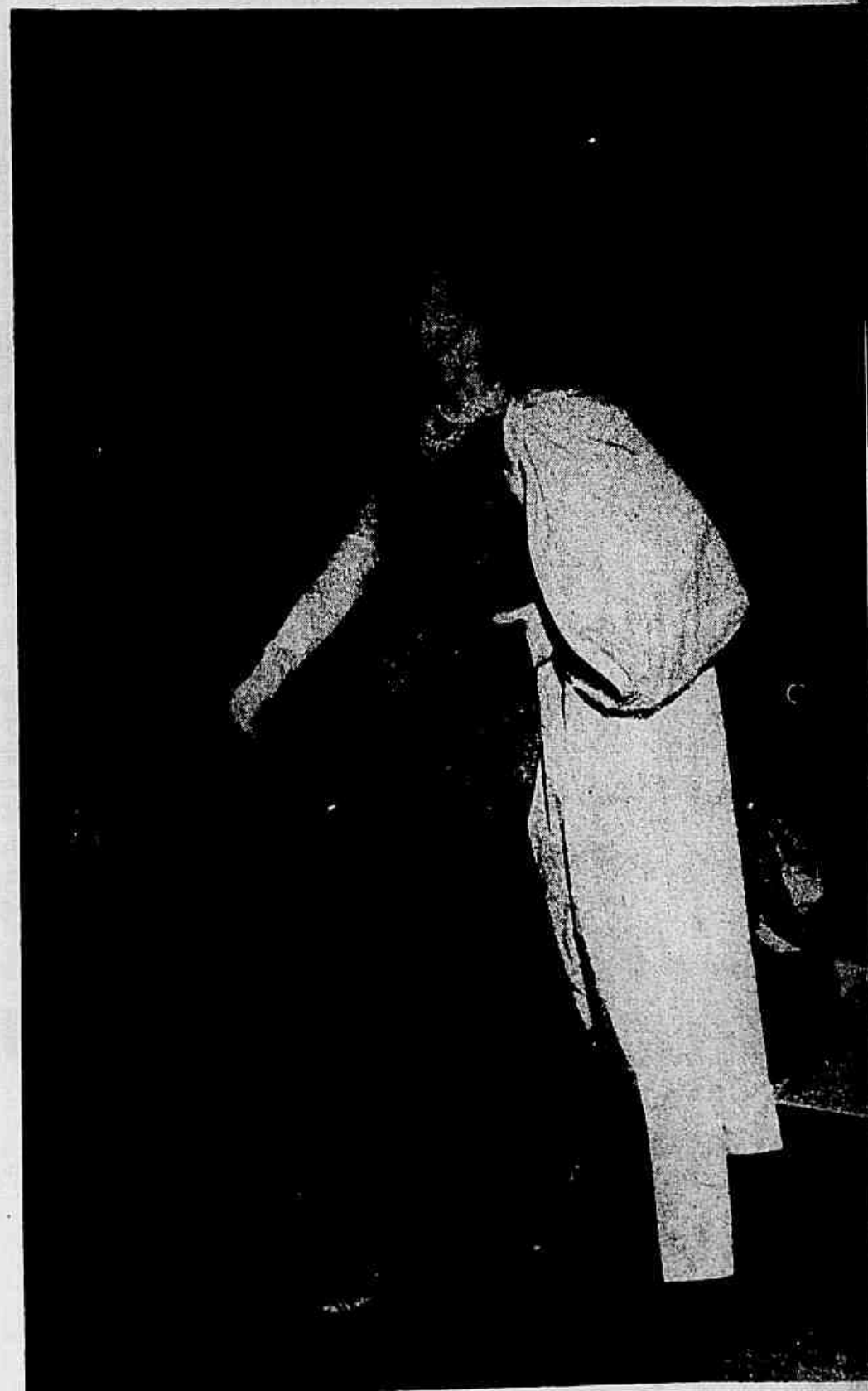
O EXOTISMO dessa concepção, não é preciso que se realce aqui. Hubert Givenchy prima justamente pelo arrôjo de seus modelos, muitos dos quais superam, de muito, tudo quanto se concebeu de bizarro e de estranho em matéria de moda feminina. Francine, ao desfilarm com esse modelo realmente alucinante, arrancou muitos aplausos, e mais de uma exclamação que revelavam o mais puro espanto.

Fotos CARLOS





PEGGY, PIA e Denise, três dos encantadores modelos de Givenchy, que se apresentaram há pouco no Copacabana, envergando algumas das mais interessantes criações do famoso costureiro de Paris. Givenchy trabalhou muitos anos sob as ordens de Jacques Fath, mas quando d'ele se separou, por volta de 1950, foi para criar sua própria escola de moda feminina.



ÚLTIMO FLASH



CASOU-SE O ICEBERG

♦ UM DIA antes da realização do casamento de Anita Ekberg com o ator britânico Anthony Steel, já os repórteres e fotógrafos de várias revistas e jornais do mundo tinham afluido, em grande número, na «villa» da estrêla, situada em Firenze, na Itália. A despeito de toda a oposição dos noivos, que não queriam permitir, de modo algum, a intromissão da imprensa em seu casamento, desejando, pelo contrário, preservá-lo o mais possível da publicidade, não houve jeito de despachar os fotógrafos senão depois que centenas de fotos foram batidas. A loura sueca, que já

foi Miss Universo não faz muito, desmentiu a tradicional fleugma escandinava, o mesmo acontecendo com o noivo, que em poucos minutos desbritanizou-se completamente. Um e outro disseram que os jornalistas tinham conseguido transformar seu casamento em um verdadeiro espetáculo circense. De qualquer modo, aí está o par, sentado no terraço de sua residência florentina. Note-se o traje bizarro envergado pela estrêla, cujo apelido, em Hollywood, é «Iceberg».

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

AGÊNCIA POLANO

Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 23 — Rio de Janeiro — 9-6-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães, A. Mendes e
S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 600,00
Seis meses.....	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 800,00
Seis meses.....	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

CADA VEZ MELHOR!

O ANUÁRIO do

1956

ESPORTE
ilustrado

1956

TUDO

**SÔBRE O
FUTEBOL
CARIOCA**

(CARLOS ARÊAS)

TODOS

**OS
ESPORTES**

AMADORISTAS

TUDO

**SÔBRE O
FUTEBOL
PAULISTA**

(OLIMPICUS)

**Em
CÔRES**

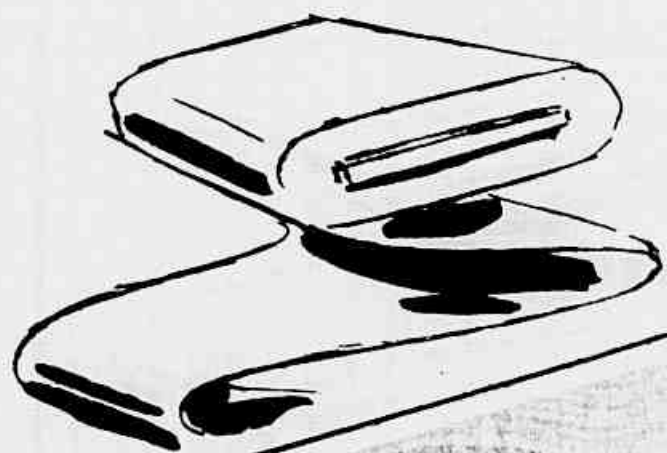
12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA

BREVE

EM TODO
BRASIL

BREVE

REDAÇÃO: RUA MARANGUAPE, 15 • RIO DE JANEIRO



ERON
TECIDOS
Lança para a nova estação as mais lindas
CASIMIRAS, MESCLA e LÃ nacionais
e estrangeiras, para senhoras e cavalheiros
"ERON" TECIDOS *Dos teares para você.*
S. BENTO 534. Fone. 32.26.01
S. BENTO 470. 7 and. ATACADO

